

ILÚORA
DE MIN



Ilú Obá De Min
Educação, Cultura e Arte Negra

**NOSSO
AFETO É
POTÊNCIA**

Mulheres do agogô tecendo histórias

NOSSO AFETO É POTÊNCIA

Mulheres do agogô tecendo histórias

1ª edição

2019

Conselho Editorial: Sossô Parma, Cris Blue, Daiane Pettine, Josi Lima, Raquel Santos, Joana Côrtes e Rose Silva

Revisão e Edição: Rose Silva

Arte da Capa: Raquel Santos

Tratamento das Imagens: Sossô Parma

Organização Editorial: Daiane Pettine, Raquel Santos e Joana Côrtes

Idealização, Projeto Gráfico e Diagramação: Daiane Pettine

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro)

Min, Ilú Obá De
Nosso Afeto é Potência / Ilú Obá De Min
1ª ed. – São Paulo: Edição do Autor, 2019.
ISBN: 978-65-81180-00-3

Todos os direitos dessa edição reservados à Ilú Obá De Min
R. Anhaia, 37 - Bom Retiro - São Paulo - SP, 01130-000
Telefone: (11) 3222-5566
www.iluobademin.com.br

Ilú Obá De Min. Nosso Afeto é Potência.
Mulheres do agogô tecendo histórias. São Paulo, 2019.



**Dedicamos esse livro a todas as mulheres
que encontraram suas vozes.**

Ilú Obá De Min.....

sobre manter acesa a chama.....

sobre o livro.....

costura da capa.....

chamamento.....

correnteza.....

realinhar.....

erês.....

transmutar.....

retorno a casa.....

outros carnavais.....

..... 16

..... 20

..... 24

..... 28

..... 34

..... 58

..... 83

..... 144

..... 158

..... 192

..... 210

Chamamento 34

Joana Côrtes
Deyse Felisberto Neves
Samara Souza
Jéssica da Silva Nunes de Macedo
Luana Cristina Valvassori
Keyla Bento
Lilian Abdalla
Cléu Sampaio
Elina Macedo
Aline Gueiros

Correnteza 58

Rosana Inácio
Ariane do Carmo
Josi Lima
Drica Andrade
Bia Carmo
Rebeca Figueiredo
Andreia Batista
Laniela de Jesus Feitosa
Cris Blue

Realinhar 83

Sadra Maria de Oliveira
Cidoca
Alessandra Magalhães
Helen de Carvalho Fagundes
Maíra Berutti
Marina Xavier
Maria Fernanda da Silva – Mafê
Carolina Pedrosa Cardoso Itocazo
Renata Martins
Luzia Souza Porto
Paloma Nunes
Aline Oliveira
Dani Silva
Fabiana Xavier
Raquel Santos
Priscila Estevão / Isadora Estevão
Analu Carmago
Grazielle Joyce de Souza
Maíra Cavalcanti Rocha
Daiane Pettine



Erês 144

Tetê Rossi
Raysa Silva
Marianna R Pacheco
Bruna Lais
Beatriz Felisberto
Ana Luiza Andrade

Transmutar 158

Fabíola Cristina Silva
Carolina Giannini
Giselle de Paula
Renata Balbino
Aline Mariano de Oliveira
Isa Santos
Camila Patrone
Sossô Parma

Retorno a casa 192

Lígia Rodrigues
Priscila Fonseca
Carolina Michaela
Juliana Rosa
Elisiane Santos
Mariana Inglez
Célia Reis
Edleide Ramos de Souza
Sonia Maria Vieira dos Santos
Renata Rossi

Outros carnavais 210

Célia Reis
Edleide Ramos de Souza
Rose Silva
Sonia Maria Vieira dos Santos
Renata Rossi

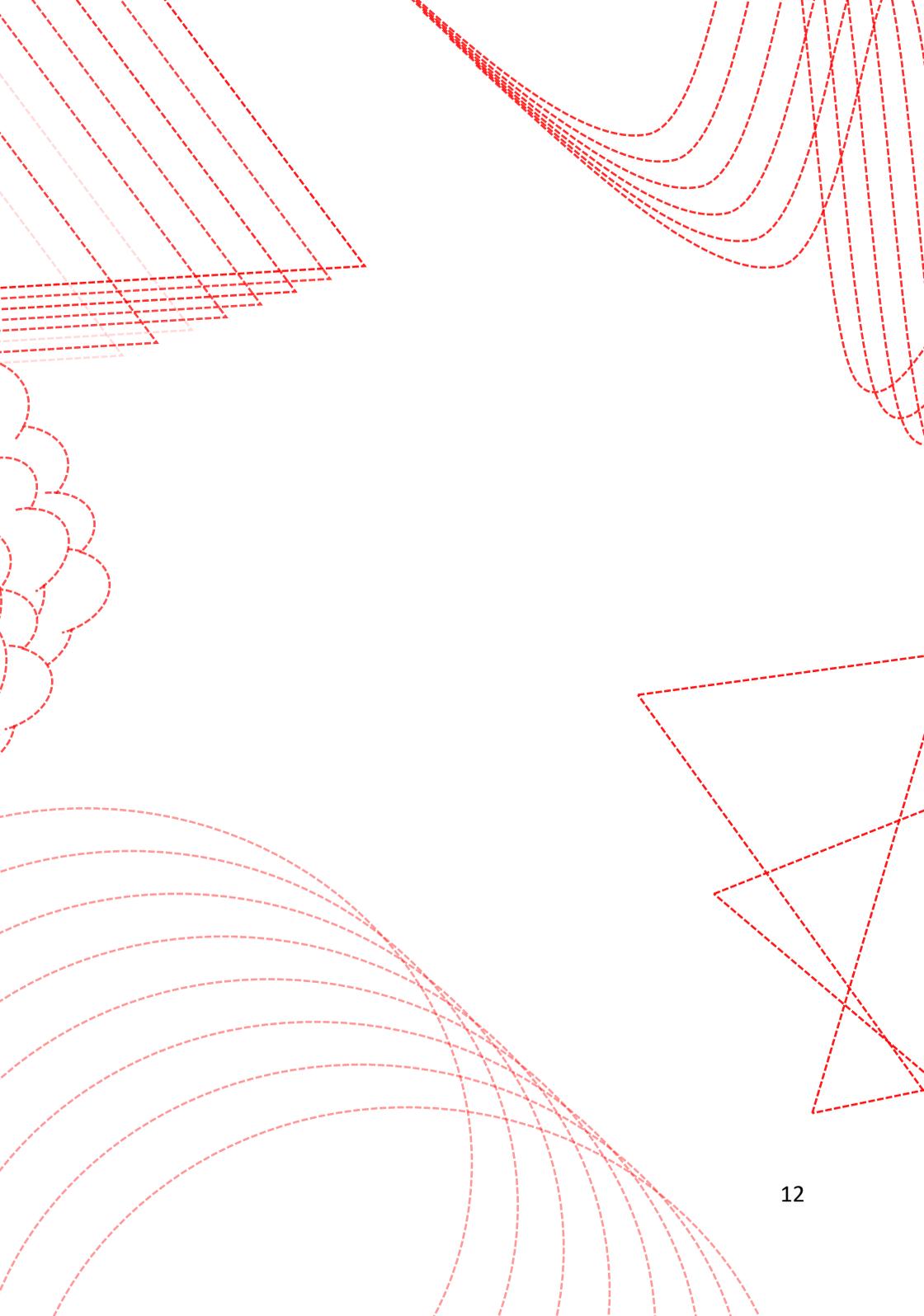




Ilustração de Raquel Santos



**ILÚ
OBÁ
DE
MIN**

Em yorubá Ilú Obá De Min significa “Mãos femininas que tocam tambor para Xangô”. Sendo "Ilú" = tambor, "Obá" = Xangô/rei e "de Min" = livre tradução para mãos femininas.

O Ilú Obá De Min – Educação, Cultura e Arte Negra é uma associação paulistana, sem fins lucrativos, que tem como base o trabalho com as culturas de matriz africana, afro-brasileira e a mulher. Foi fundado pelas percussionistas Beth Belí, Adriana Aragão e Girlei Miranda em novembro de 2004, tornando-se pessoa jurídica em 2006.

O objetivo da associação é preservar e divulgar a cultura negra no Brasil e o fortalecimento das mulheres negras. O projeto Bloco Afro Ilú Oba De Min é o projeto mais conhecido da instituição por sua bateria formada exclusivamente por mulheres que desde 2005 sai em cortejo pelas ruas de São Paulo reverenciando e enaltecendo a cultura afro-brasileira, além de destacar a participação e protagonismo das mulheres no mundo.

Os cortejos do Bloco são uma grande intervenção cultural que promove a cultura negra, a cultura popular e a participação ativa da mulher na sociedade através da arte. Traz também para região urbana as diversas manifestações da cultura negra, como o maracatu, batuque, coco, jongo, entre outras.

Dentre as mulheres homenageadas ao longo dos anos de existência do Bloco destacamos: Rainha Nzinga – rainha

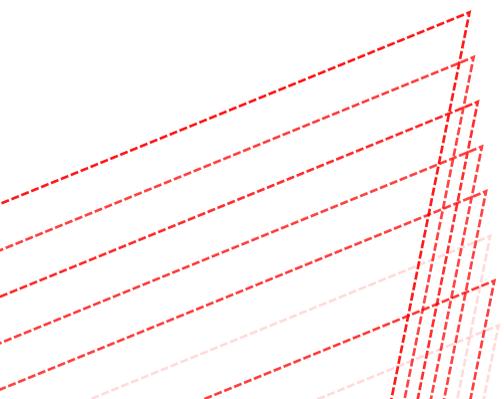
de Matamba e Angola que viveu de 1581 a 1663 e representa resistência à ocupação do território africano pelos portugueses, a compositora e cantora Leci Brandão–madrinha do bloco, Raquel Trindade – filha do grande poeta negro Solano Trindade, Nega Duda – sambadeira do Recôncavo Baiano, Carolina Maria de Jesus – grande escritora negra que teve seu livro “Quarto de Despejo” traduzido em mais de 30 línguas e a cantora Elza Soares, a mulher do fim do mundo que dispensa maiores apresentações.

O Bloco também tem apresentações internacionais no seu currículo tendo se apresentado na Colômbia e Bolívia. O projeto Bloco Afro Ilú Obá De Min tornou-se referência étnico-cultural e educativa e foi premiado pelo “Prêmio Culturas Populares Mestre Humberto Maracanã 2008” – SID/MINC ao lado de grandes iniciativas culturais brasileiras conquistou também o “Prêmio Governador do Estado para Cultura 2013”.

Durante sua trajetória, se apresentou no Carnaval de Blocos de Rua do Rio de Janeiro e Rio Bonito, Abertura do Carnaval de Santos, Carnaval de Itapeperica da Serra, com frequência faz shows em diversas unidades do Sesc SP e outros espaços culturais como o Theatro Municipal de São Paulo e Auditório Ibirapuera. Participou do Festival Coala,

Wow, Festival da Lua Cheia dentre outros importantes festivais do país.

Atualmente o projeto Bloco Afro Ilú Obá De Min é presidido por sua fundadora Beth Beli, tem direção musical de Beth Beli e Mazé Cintra e conta com o apoio organizacional de 20 coordenadoras.



Baby Amorim
Produtora do Ilú Obá De Min

**SOBRE
MANTER
ACESSA
A CHAMA**

O agogô é um instrumento de percussão de origem africana que chega ao Brasil com a Nação Iorubá. Na mitologia dessa mesma Nação, ele é atribuído ao Orixá Ogum, Senhor do ferro e da guerra, chamado de Orixá Ferreiro.

Também é conhecido pelos nomes de Gongué, Gã ou Gan e Xeré. A palavra agogô é um derivado da palavra akokô que significa relógio/tempo na Nação Ketu e significa sino na Nação Iorubá.

O Ilú Obá De Min são as mãos femininas que tocam tambor para o Rei Xangô! Um espaço de militância e resistência! O naipe do agogô compõe uma pequena parte dessas mãos. Somos o naipe que carrega o ferro e abre a bateria.

Nosso naipe vem sendo construído ao longo desses 15 anos de existência, desde que éramos apenas 16 mulheres. Hoje somos 114. Somos um trabalho vivo, que se expande e se movimenta a cada instante, com demandas diferentes a cada tempo.

O agogô é um naipe em constante construção e com a passagem dos anos, fomos nos percebendo como um corpo político, que respeita as diferenças e constantemente ratifica nosso compromisso em revermos práticas e posturas que não nos servem mais, práticas racistas, machistas e homofóbicas na construção de uma sociedade mais justa e mais digna.

Foi preciso muita desconstrução e ressignificação para que pudéssemos seguir em frente, inteiras e renovadas, com

tantos desafios a que fomos sendo submetidas na coordenação do agogô, em toda a nossa história.

Nosso naípe cresce a cada ano, não só numericamente, mas também na qualidade do bem viver. Esse crescimento se dá principalmente com o apoio, dedicação e amor das mais antigas, nossas queridas parceiras.

Crescemos também a cada ano com a chegada das novas integrantes, comprometidas com o trabalho, somando e demonstrando vontade de estar. O agogô também tem se fortalecido nas avaliações coletivas, principalmente escutando sobre o que deu certo e de como pode melhorar ainda mais; ouvindo também as críticas, fundamentais para avançarmos não só nas questões organizacionais, como estruturais e emocionais do grupo.

Ouvir e transformar, tem sido uma dinâmica constante na nossa coordenação. Assim, nós amadurecemos como coletivo, que para além de dizermos que o nosso afeto é potência, queremos agir e fazer desse discurso um valor na prática. Defendemos estarmos juntas também em ação e comprometimento.

Somos um lugar de acolhida, de escuta, de respeito e de troca e seguiremos na luta com todo afeto possível. Aprendemos a fazer juntas, a uma só voz, mesmo com timbres tão diversos. Assim, mantemos acesa a chama do amor e da força, e nossas cabeças estarão sempre erguidas, nossos peitos cheios de coragem para lutar contra o que nos oprime

e pela afirmação, valorização e respeito de toda vida negra e das vidas das mulheres.

Nos últimos dois anos, nós fizemos registros em vídeo de nossos processos de Carnaval, mas agora no Carnaval de 2019, nós sentimos também a necessidade de trazer esses relatos para uma mídia impressa, aceitando mais esse desafio não só de fazer todos os processos do livro, mas também de ocupar todos os espaços que são nossos por direito. Sejam ruas, palcos, teatros, bibliotecas ou livrarias.

Salve agogô! Salve Ilú Obá De Min!

Sossô Parma, Cris Blue e Daiane Pettine
Coordenadoras do naipe do agogô no Ilú Obá De Min

SOBRE

O

LIVRO

A ideia do livro *Nosso Afeto é potência* surgiu da necessidade de registrarmos o processo de carnaval em 2018 dentro do agogô. Em 2017 fizemos um documentário com imagens e fotografias que acompanhavam as integrantes ao longo dos seis meses de ensaio e entusiasmadas pela devolutiva positiva dele pensamos em uma forma alternativa de eternizar todos os aprendizados, reflexões e transformações que esse coletivo produz de maneira tão artística e potente.

O projeto consistiu na organização de um livro com relatos de todas as integrantes do naipe do Agogô no processo de criação do carnaval 2019 *Tempos de Alakan*. Registros de perspectivas femininas, negras, feministas, ancestrais e diversas sobre o bloco, o naipe e todo o processo de transformação que aprender e tocar um instrumento em conjunto proporciona. Esse livro é mais uma reparação histórica proposta pelo Ilú Obá De Min, em que as mulheres negras e não-negras buscam escrever sua história a partir de seu ponto de vista sendo sujeitas e não só objetos de registro literário.

O título “*Nosso Afeto é potência*” é parte da música “*Guardiãs do Tempo de Alakan*” criada coletivamente com todas as integrantes do naipe para carnaval 2019. Entendemos que o afeto é um de nossos principais valores e que por meio dele construímos e tecemos relações e uma rede de mulheres que pensam e constroem o coletivo através do som do agogô.

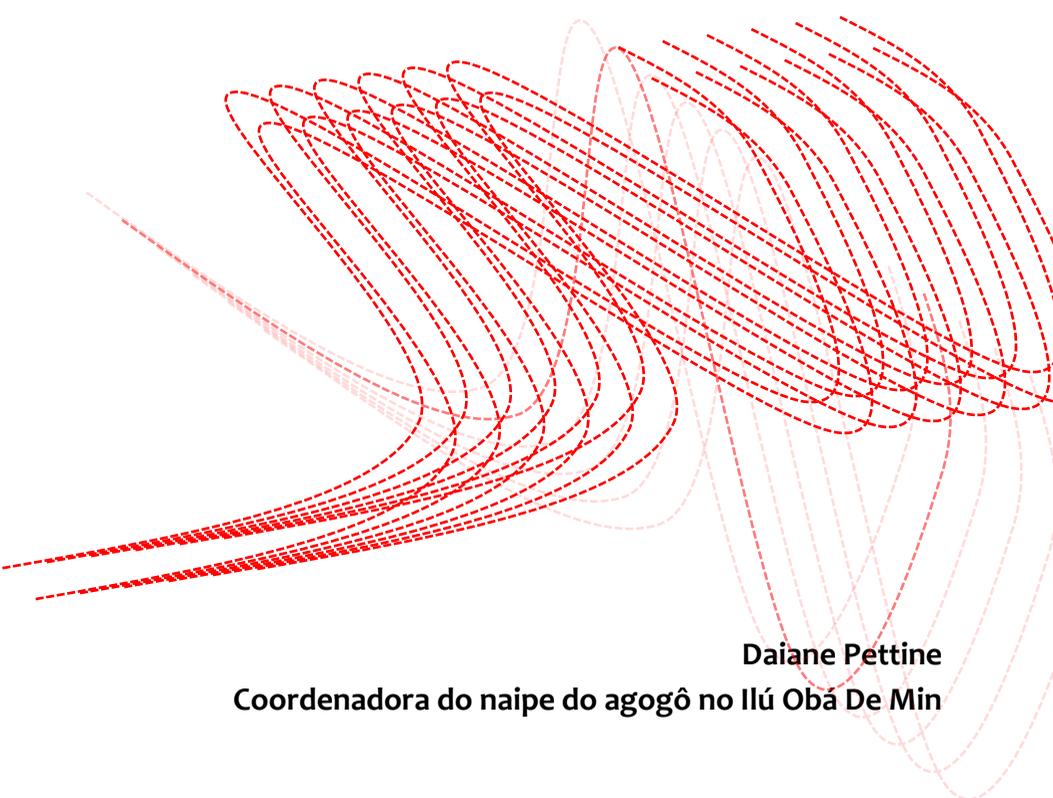
A organização do livro foi feita de maneira coletiva com a consultoria de um grupo de integrantes na concepção, edição e revisão dos textos. Esse conselho teve como integrantes Sossô Parma, Cris Blue, Daiane Pettine, Joana Côrtes, Raquel Santos, Josi Lima e Rose Silva. A arte da capa foi feita por Raquel Santos pensando no bordado como forma ancestral de escrita e registro. A revisão e edição foi realizada por Rose Silva. Organização dos capítulos foi feita por Joana Côrtes, Raquel Santos e Daiane Pettine. Esta última também foi responsável pela diagramação e produção da primeira edição.

Entendemos que esse projeto literário é uma forma de resistência e que ações que tenham como objetivo a democratização da ampliação de leitoras e leitores deverão passar pela questão da diversidade religiosa, de gênero, sexualidade, raça e classe fazendo da literatura um caminho de representatividade.

Com esse livro ratificamos a necessidade das mulheres e das mulheres negras deixarem de ser o objeto das produções para se tornarem elas próprias as contadoras das histórias. Cada uma em seu tempo, com sua linha de trabalho e falando de diferentes lugares, se encontram em um ponto em comum, tocar agogô no Ilú Obá De Min.

Defendemos que somos plurais, diversas e visíveis e que como autoras e donas de nossas narrativas faremos valer a luta ancestral para que nossas palavras e histórias sejam

ouvidas, respeitadas e valorizadas. Que esse livro seja mais um passo, palavra e som na contribuição da construção da sociedade que almejamos.



Daiane Pettine
Coordenadora do naipe do agogô no Ilú Obá De Min

SOBRE

A

CAPA

Assim que surgiu a intenção de escrevermos um livro para nos contar ao mundo pensei em uma proposta para nossa capa. No minuto seguinte disse não a esta intenção. Até porque eu não sou artista e a minha ideia parecia óbvia demais. Penso que para embrulhar a história de tantas mulheres precisávamos de algo bonito, criativo e incrível. E como mulher negra, em um país onde o racismo estrutura nossas mais íntimas relações, é fácil não me perceber bonita, criativa e incrível. Acontece que quando eu escolhi ser Ilú Obá automaticamente aceitei me dar um novo olhar. No Ilú não dá para ficar alinhada com a pequenez conhecida. O Ilú nos realinha. Estar entre mulheres, se aquilombando, num processo criativo é um intenso sim. No meio da pluralidade que encontramos em nosso bloco dar luz às singularidades é um desafio e uma conquista! Sim, somos muitas.

Cada uma com uma história particular que se encontrou ali para construirmos juntas uma única trama, um único naipe, um único bloco. Com esta intenção, pensei em dar luz a este fio condutor que nos liga. Penso no fio do destino, do NOSSO destino. Honrando nossas ancestrais que tiveram não só seus nomes abandonados em prol do bom funcionamento do comércio de suas vidas, mas também tiveram as iniciais de seus donos cravadas em seus corpos para que todos soubessem a quem pertenciam, nada mais justo que honrar a força deste coletivo trazendo para a capa o nome

das 106 mulheres que o compõem. O que parecia simples e óbvio, se mostrou urgente. Nós somos sujeitas.

Nossos corpos não são objetos. Nossa capa foi construída como uma colcha de retalhos, usando o vai e vem das agulhas que rompem tramas e criam novas possibilidades. Estamos contando a nossa história revelando todos os nomes das integrantes do agogô e dando luz à beleza muitas vezes escondida no avesso dos bordados. É como se o dançar das agulhas mergulhasse em todas as histórias que compõem o livro, costurando uma única narrativa afetiva. Revelando uma nova potência criativa. Nos dando uma infinita possibilidade de "sins".

Raquel Santos
Integrante do agogô no Ilú Obá De Min

BRUNA LAIS	DICA ANDRADE	Dulce Petrine	Editeide Ramos	KATIA TRINDADE	Rosanna Oliveira	JESSICA SIQUEIRA	JUBA ROSA
Guilherme de Paula	Lucas Lima	Alexandrina Magalhães	Rosolima Giovanni	Margara Angely	JESSICA DOMINGOS	GISELE MONTEIRO	Rafaela Freyender
Sissi Patricia	Rosanna Andrade	Negravot	Joice Afonso	Amelia Corrêa	Sonia Morais	Monalisa	Larissa Gesteira
Fabiana Xavier	Paula Gramine	Micaela	Thabata Benavides	Elisavete Gomes	afete	Genesete Martins	RAGUEL SANTOS
Almeida Oliveira	Josi Lima	Andreia Andrade	ELISABETH SANTOS	Keyla Bento	ISABELLA SANTOS	CRIS BIVE	Juliana Ventura
Elisa Reis	Germana Cordeiro	Rosa Sobrinho	JAGUELINE DAVID	Maria Luiza Alves	Romulo de Oliveira	Marcela Macedo	Cristiane Alves
			Adriano do Carmo Silva	Ayalawa Ferro	Ana Paula Ximenes	Danielle Silva	Remete Braga
			ELIISA ROSA	CIDOKA	Rayssa Oliveira	HELEN FAGUNDES	LEIDE
			LUZIA PORTO	Almeida Guedes	MARIA FERMINDA DA SILVA	AGOGÔ	GABRIELA XAVIER
			Priscila Oliveira	Luiza Rodrigues	LUZIA MARINI	Sandra Ruas	Beatriz Eduberto
			MARINA XAVIER	MARINA R. PACHECO	Amadora Bias	ELINA MACEDO	Dryse Cristina
			Renata Montani	Maria Rocha	Priscila Barros	GREZIELLE GONZ	LILLIAN ABBAIA
			Micaela Amigler	Beatriz Caruso	Rosângela Bordinho	PAULA CAROLINE	Ana Paula Souza
			FABÍOLA CRISTINA	Beatriz Montalvo	LUCIANA B. ALVARES	TIARA RODR	Priscila Fonseca
			Luana Cristina	Floira GUSMÃO	Juliana de Souza	ARINE MARINHO	RAGUEL PEREIRA

ORÇÃO
 2019
 BANCADA

ORÇÃO 2019
 BANCADA

Handwritten text in red thread on white fabric, reading "Handwritten" vertically.

**CHAMA
MENTO**

Uma nação de mulheres de vermelho

Soem os sinos do mundo
porque são nossas as boas notícias que daremos:
Toda criança nascerá em casa
e pelas nossas próprias mãos
Sairá fogo do ferro
Quando uma de nós sucumbir
Uma nação de mulheres vestidas de vermelho
se levantará juntas e ao mesmo tempo
para lutar.
Nossas armas tomarão cada praça
esquina quarteirão bairro cidade
país continente nação
Faremos a travessia
Os olhos atentos ao negrume da noite
O faro aceso adentro da mata
O agogô saúda e reverenda
Com a espada de Ogum na mão
Tocamos
Ombro a ombro

Para iniciar os trabalhos
e abrir os caminhos
Para fazer chegar do Ayê ao Orum
Hoje,
o desejo do tilintar bem alto dos ferros:
Que nunca nos faltem
a flecha ao peito
um pedaço de tronco de árvore
e uma pele de cabra
Sem o qual,
não se é nada!
Para que o couro da nossa mão
orquestre sempre os tambores do mundo
E a nossa Ópera Negra
ocupe os ouvidos das que estão vivas
celebre a história das nossas ancestrais
e
coroe as nossas cabeças com a benção de Oxum
e o pano imenso branco cheirando a pemba de Oxalá.

Joana Côrtes

Ilú, divisor de águas

Participar do processo do Ilú, em 2018, foi um divisor de águas na minha história pessoal.

Conheci o Ilú no cortejo de 2016, no domingo à tarde. Depois que você assiste a um cortejo do Ilú é impossível voltar pra casa sem uma reflexão profunda sobre sua história. É um chamamento muito forte que acontece lá, só explicável pela reunião das forças da natureza, personificada nos orixás, que são reverenciados como os verdadeiros protagonistas nesta apresentação.

Adiei o projeto de ingressar no Ilú por quase 2 anos, sugada pela rotina de trabalho em uma grande corporação, pela dedicação à minha primogênita e ao casamento.

Minha entrada, em 2018, aconteceu graças ao aviso de uma prima, até então distante, que já era integrante de longa data (Negrvat). Pelo WhatsApp me alertou sobre a abertura das inscrições, inicialmente “exclusivas para mulheres negras”. Sim, este foi um alerta muito positivo pra mim: confirmei, com um orgulho enorme, minha etnia africana através de uma foto e confesso que fiquei deslumbrada por ingressar pela primeira vez (e única até o momento) em um espaço dedicado prioritariamente às mulheres negras.

Mais tarde, na 1ª reunião do processo, soube que a prioridade negra havia sido resultado de um movimento recente (e

doloroso para as integrantes mais antigas), provocado pela idealizadora do grupo (Beth Beli), de “enegrecer” o coletivo.

Cada encontro com as manas do Ilú, ao longo do ano, teve um encanto especial e um aprendizado associado. Compusemos, cantamos, debatemos, dançamos e nos emocionamos juntas... muita riqueza em um único espaço: solidariedade, tolerância e acolhimento.

Conheci um exército de mulheres guerreiras (algumas com metade da minha idade) cheias de sabedoria e experiência da vida, com conhecimento suficiente pra me calar por diversas vezes (tarefa difícil) pelo absoluto interesse na narrativa que traziam.

No auge dos meus 40 anos conheci a deliciosa sensação de pertencer. Pude me aproximar da minha história, ganhar espaço para minhas reflexões e conviver em um ambiente de fortalecimento de identidade pra minha filha Beatriz. Ocupar todos os espaços com ela reforçou nosso vínculo e me deu segurança e coragem para estabelecer um novo modelo de convivência com a minha individualidade, com o trabalho e a família.

Sim, no Ilú “as crianças são sempre bem-vindas”. Pude vivenciar esta frase da Sossô Parma em todo o nosso processo. Ainda me emociono quando lembro do primeiro dia que a ouvi dizendo isso.

No cortejo transbordamos de alegria, de amor e gratidão por tudo o que aqueles meses nos despertaram. Semanas depois percebi que as lágrimas e os abraços apertados, no último ensaio e no final do cortejo do domingo, foram dados já com uma pontinha de saudade do que as férias de lá trazem: falta dos encontros semanais, da fartura de abraços, da emoção, da militância e da alegria compartilhada.

Cheguei no ano de Alakan sem previsão ou desejo de partida. “Canto com axé, a benção de Iansã... e com a força das minhas irmãs”.

Vida longa para o exército de mulheres que tocam pra Xangô!

E que o quilombo Ilú Obá nunca se cale.

Com todo o carinho,

Deyse Felisberto Neves

Muito mais do que eu esperava

Bom, eu conheci o Ilú em 2016 na marcha das mulheres negras, acompanhei todo o cortejo com meus olhos cheios de lágrimas, de tão lindo que foi ver aquilo. Mesmo sem saber o nome do bloco, sabia que tinha encontrado um lugar onde só mulheres tocavam, que é incrível, e a pegada era de um bloco afro e mulheres negras que regiam todo aquele movimento de tanta potência.

No ano seguinte fui para marcha, mas eu já não era mais a mesma, sabia que iria encontrar um bloco que eu gostava, mas não sabia o nome. Então o Ilú passou e tocou lindamente, e agora já sabia o nome rsrs, e desta vez pensei em entrar pra aquele bloco, mas no fundo sentia que não estava preparada para estar no Ilú, estava passando por um processo de conhecimento, construção e identidade como mulher preta.

Pouco mais tarde começo a trabalhar em um lugar onde tive muitas referências que me ajudaram no meu processo e conheci também uma das pessoas que me incentivou a estar no Ilú, e especialmente no agogô, nunca imaginei tocar aquele instrumento ou qualquer outro, mas sempre acreditei que poderia aprender. Bom, as inscrições abriram, meu contrato nesse emprego já iria vencer e eu precisava da grana para pagar meu figurino e o desespero bateu, porque eu sabia que eu precisava estar definitivamente no Ilú (na reunião de avaliação ouvi mulheres falarem de um certo chamado e eu



senti esse chamado rsrs). Foi então que soube do processo de amadrinhamento que acontece no Ilú. Com medo de não ser aceita minha carta, saí correndo pedindo cartão de crédito emprestado sem saber como pagaria depois, só sabia que eu precisava entrar. Enfim, meu pedido foi aceito e tive que entrar em contato com a Vanda para cancelar o pagamento com o cartão de crédito, foi uma loucura, e no fim deu tudo certo.

O Ilú não é o que eu esperava, é muito mais. O agogô foi o melhor naipe que eu poderia escolher, me sinto muito bem nele, não só porque conhecia mulheres do naipe, mas pelo instrumento, da força que ele me traz e da potência que ele tem, ele parece que abre os caminhos com o toque, e me sinto mais perto dos meus ancestrais quando eu toco, sei lá, só é lindo, eu aprendo cada encontro e discussões feitas no Ilú, eu compartilho todo afeto e carinho que recebo dentro no naipe, não sou muito de falar, eu sou mais de observar. Sentindo todo aquele momento de troca e afeto, a força e a garra dessas mulheres, me inspiro e me fortaleço sempre.

Hoje encho a boca pra e falar que “eu toco no Ilú Obá de Min”. Gratidão por estar com vocês, mulheres do Ilú Obá.

Samara Souza

Semear, lutar, resistir



Fotografia :João Paulo (Prehto)

É semear irmãs guardiãs,
É lutar com as forças das ancestralidades,
É sentir todas energias dos orixás,
É gritar MARIELLE PRESENTE!!!
É resistir no ferro do agogô,
É tempo de ALAKAN ...
No Ilú obá somos negras vozes dizendo:
“Nossas vidas importam.

Jéssica da Silva Nunes de Macedo

A lavagem da 13 de Maio

Quando me perguntam como fui para o Ilú sempre conto essa história!

Fui convidada por irmãs pretas a participar, mas em nenhum momento cogitei levar a diante esse convite. Para mim é impossível com 2 filhos, casa e trabalho enfim muita coisa tenho para fazer.

Seria loucura tocar, eu sabia, aff, vou atrapalhar, sou perdida kkk. Mas, por ironia, um dia cheguei em um evento na Casa Dona Yaya e lá estava em tela grande, para todos assistirem e ouvirem, um vídeo com o Ilú realizando a lavagem das escadarias da 13 de maio.

Naquele momento eu sabia onde eu deveria estar!

Aquela energia me deixou extasiada e não pensei duas, três nem quatro vezes: é com elas que eu deveria estar.

Nesses quatro anos conheci mulheres que aprendi respeitar e a admirar. Talvez não tenha me dedicado tanto quanto gostaria, mas recebi mais o quanto necessitava.

Muitas vezes estava esgotada, extremamente para baixo, e o pouco que consegui, me levantar e ir aos ensaios, me revigorava de uma forma inexplicável.

Sim, o Ilú é potência nunca tive dúvidas!

keken konkon

Luana Cristina Valvassori

Laços fortes e outros que serão construídos

Agosto de 2018

No novo ambiente de trabalho conheci uma outra mulher negra que me fez um convite após uma reunião: você conhece o Ilú Obá De Min? Eu faço parte, vai abrir para inscrição, quer entrar?

Não havia hora mais certa para esse convite chegar - mesmo porque nada é à toa nessa vida, não é mesmo?!

Setembro 2018

Comecei a fazer parte do Ilú, houve a integração e os primeiros ensaios aprendendo a tocar agogô ao lado dela e de outras tantas mulheres.

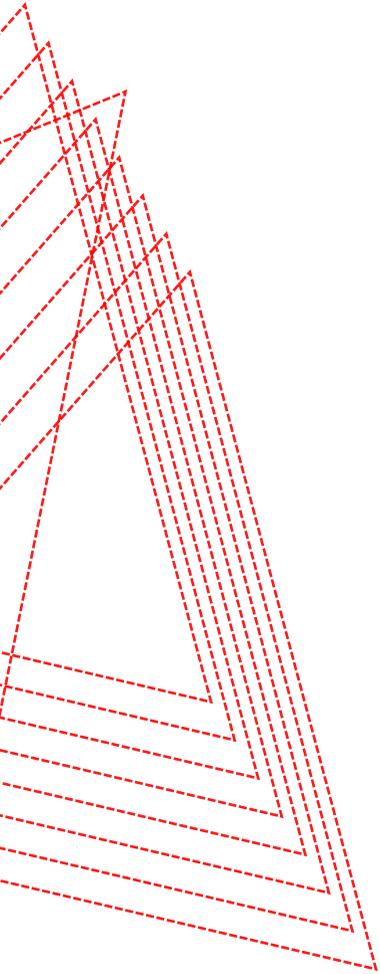
Maio 2019

Particpei do meu segundo carnaval do Ilú, tem mulher que está no oitavo ano, no quarto ano e tem as que chegaram no ano passado, assim como eu cheguei em 2018. Observar, compartilhar, aprender, colaborar, ver parceria, ver movimentação para orientar e ajudar, ver confiança, ver e derramar lágrimas... de alegrias, de tristeza, de força são algumas palavras que demonstram o que venho vivenciando dentro do agogô, com tantas mulheres, tão diversas.

Estar entre as mulheres do agogô é força. Força recebida e dada que ajuda a seguir nessa vida.

Estar no Ilú me faz pensar em laços... há laços fortes, outros a serem construídos e também os que não serão feitos pois somos tantas e tão diversas que nem todas nós nos enlaçamos, mas sozinha nenhuma fica.

Pelos meus olhos, Ilú Obá De Min é respeito, é orgulho, é fortalecimento, é resgate e agradecimento a toda ancestralidade africana, brasileira e feminina.



Keyla Bento

A arte do Ilú é o sagrado nas ruas

Em 2016 estava eu no cordão de proteção ao bloco, debaixo de chuva, em frente ao palco montado na Praça da República. Aquele foi um dos desfiles históricos do Ilú, pois a homenageada era a incrível Elza Soares. Eu já havia seguido o bloco pelas ruas do centro em outras épocas, mas foi aquele carnaval que me fez decidir entrar. No início, na ala das Alfiás.

Era o tambor que me chamava, que batia no meu coração. Dois anos depois me transferi para o agogô. Estando no Ilú, não importa a ala, seja na dança, no tambor ou xequerê, a experiência de conviver com um grupo de mulheres que buscam fortalecimento umas nas outras é algo muito marcante.

É um divisor de águas na vida de uma mulher: antes e depois do Ilú. Foi ali que fiz amizades para a vida toda, foi ali que vivi mais de perto as questões raciais. Eu, como branca, descendente de imigrantes, classe média, não sabia o que realmente era a questão das pessoas negra no país, até porque todos nós somos privados de informação.

Percebi como o esquema da negação da discriminação no Brasil passa pela ignorância em todas as camadas da sociedade. Sou grata ao Ilú por ter me dado a oportunidade de viver as questões das diferenças do Brasil. Sou grata também, por poder viver a ritualística nas ruas, na alegria e na arte. Hoje,

posso dizer que a minha religião, o que me liga com o divino, é a arte.

A arte do Ilú, para mim, é o sagrado nas ruas, o ritual a céu aberto, na luz do dia ou na escuridão da noite, na multidão, na miséria, no choro e na alegria. Minha gratidão ao Ilú Obá De Mim.

Lilian Abdalla

O significado da palavra Alakan na prática

O processo de preparação para o Carnaval 2019 foi, para mim, momento de aprender na prática o significado do próprio tema: Alakan, aliança.

Tenho uma marca de artigos têxteis e entre outras criações faço acessórios de carnaval.

Incomodada com a falta de mulheres negras, gordas e mais velhas na publicidade desse tipo de produto, tive a ideia de fazer um ensaio fotográfico só com pessoas nesse perfil. O problema era a falta de recursos pra isso. Pois bem, decidi pedir ajuda e lançar a ideia no nosso grupo. E uma hora depois eu já tinha três fotógrafas se oferecendo para fazer o trabalho, uma maquiadora e algumas modelos. Agora a tarefa era conseguir fazer isso acontecer. Ora, estamos falando aqui de conciliar a agenda de cerca de 15 mulheres que em sua maioria trabalham e cuidam dos filhos num momento do processo em que tínhamos ensaios todos os finais de semana, sábados e domingos. Contando a uma amiga, apreensiva sobre se isso daria certo, ouvi: “fique muito feliz se acontecer, porque isso que você está fazendo é muito difícil; um trabalho de organização e produção com prazo tão pequeno e envolvendo tantas pessoas, se rolar será um milagre”.

Foram duas sessões com fotógrafas distintas, em dois finais de semana diferentes. Em um deles o plano era de fotografarmos lá no Vale do Anhangabaú mesmo, antes do ensaio de



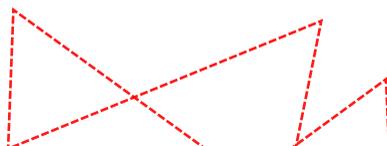
domingo; só que, por motivo de agenda, espaço e outras intercorrências, tal ensaio foi cancelado. Ou seja, ninguém teria motivo para ir e eu logo deduzi que nossa sessão também não aconteceria. Fui conversar com as mulheres que participariam e uma das respostas que ouvi resume a tônica do projeto: “O que tem a ver o ensaio ter sido cancelado? Me comprometi com você, é claro que eu venho”. E num domingo, às 9h da manhã, estavam todas lá.

Na semana seguinte, nova sessão, com uma maquiadora a mais que se ofereceu para ajudar e ainda mais mulheres “modelando”, além da parceria com uma marca de roupas; muito mais trabalho pra se fazer em pouco tempo. E é desse dia a lembrança, nesse processo todo, que me faz chorar. Explico.

Vivi um episódio sério e longo de depressão, bastante limitante, de 2012 a 2017. Nesse período eu nunca deixei de trabalhar e tentar me envolver em atividades que fizessem sentido pra mim – o próprio Ilú Obá de Min, em que ingressei pela primeira vez em 2016. Um apoio importante pra que isso acontecesse, nesse período, foi o do meu companheiro. Foi ele quem presenciou, deu colo e suporte nos momentos mais difíceis nesse tempo todo. E uma das minhas dificuldades era “estar”. Sair de casa era difícil, fóbico, cansativo, um grande desgaste de energia. Por isso ele passou a me acompanhar em muitas atividades. Era um porto-seguro emocional e tornava a

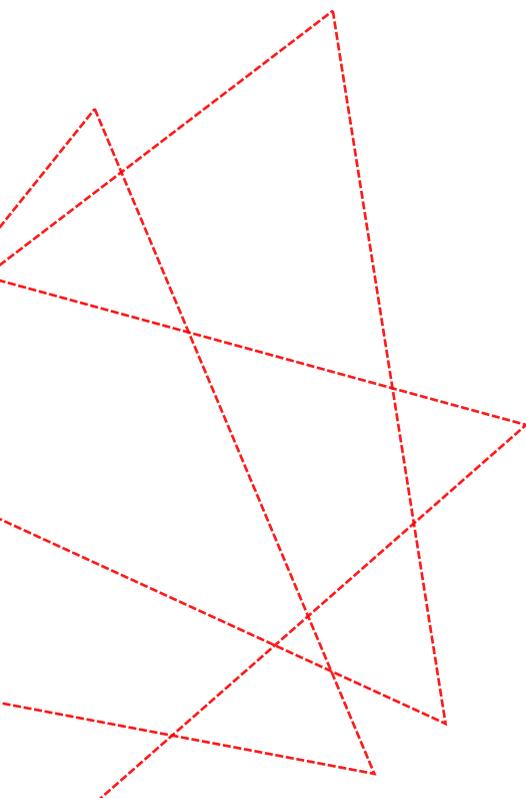
experiência de estar fora de casa um pouco mais leve. Acontece que mesmo depois da alta psiquiátrica experimentei algumas recaídas e passar a me sentir melhor e mais segura foi um processo lento e intermitente. Por isso ele continuou a estar comigo, para além de ocasiões em que estaríamos juntos pelo simples prazer da companhia. E até hoje ainda estamos aprendendo a dosar isso, reaprendendo a nos relacionar e a estarmos juntos.

Voltamos para nossa segunda sessão de fotos, 10 de fevereiro de 2019. Lá vamos nós, sábado de manhã; uma das mulheres é vizinha e me ofereceu carona. Fomos ela, eu e meu companheiro. Quando chegamos ao local das fotos, a amiga querida que cria roupas chegou em seguida. Descarregamos o carro, começamos a preparar tudo e já nesse momento meu companheiro foi se sentar num lugar um pouco mais afastado. As modelos foram chegando também e tudo começou a acontecer de um jeito mais divertido, bonito e tranquilo do que eu poderia esperar. Sorrisos, abraços, poses; umas com roupas a mais para emprestar, outras se maquiando entre si, brilho e alegria permeando tudo. No final, na hora daquela foto com todo mundo, alguém chamou meu moço para integrar o time, nós nos olhamos, concordamos sem precisar falar nada, ele entendeu: recusou gentilmente. Porque percebeu que ali ele tinha sido menos que coadjuvante. Uma prevenção, um hábito.



Tudo aconteceu entre nós, mulheres. E todo o apoio, prático e emocional que eu precisei, tive vindo de cada uma delas.

Perceber que eu posso, quero e consigo “estar” sem ele é libertador pra nós dois. Esse foi um dos dias mais bonitos que já vivi. Perpassou tantas camadas em mim... profissional, social, emocional, afetiva e de propósito. Vi a aliança negra acontecendo, mulheres acreditando em uma proposta, se entregando pra uma ideia, cuidando umas das outras. E no final pude contar para aquela minha amiga lá do começo que se a gente estiver no agogô do Ilú Obá De Min, se a gente se dispuser a dar e se abrir pra receber, vamos encontrar mulheres impressionantes e inspiradoras que, juntas, fazem milagres.



Cléu Sampaio

Enquanto se luta, se samba também

A frase da música *Viver*, de Candeia, em epígrafe, expressa muito bem a minha relação com o Ilú Obá De Min. A luta e a militância foram o que me aproximaram, mas o encantamento veio com a possibilidade de expressar-me artisticamente.

A arte como um momento de suspensão da dura realidade em que vivemos, muitas vezes, parece como inatingível para as pessoas que vivem do seu trabalho e que têm o seu dia a dia consumido pela imposição do tempo do capital e as exigências da busca do lucro incessante.

Como disse a filósofa Angela Davis, “Numa sociedade racista não basta não ser racista. É necessário ser antirracista”, e o Ilú para mim (mulher branca) trouxe esta possibilidade de reverenciar a força da ancestralidade afro-brasileira e estar ao lado dos que lutam contra o racismo.

Sair pelas ruas da cidade, no espaço público, explicitando a força dos tambores tem um papel muito importante no combate ao preconceito e à intolerância religiosa.

Como um único corpo vivo e pulsante evocamos as lutas que já foram travadas em busca de justiça e contra as várias opressões de classe, gênero e raça. Meu percurso pessoal no Ilú foi de muita alegria e aprendizagens. Mulheres lindas e maravilhosas me receberam com amor e paciência. Ensinar-me além dos toques do agogô que é possível combater a

desigualdade destacando a ancestralidade com um sorriso no rosto que traz acolhimento, apoio e respeito ao tempo de cada uma.

A união e a força do coletivo, em construir algo em comum, opõem-se à frieza do individualismo egoísta do capitalismo que combatemos.

Sinto-me orgulhosa e honrada por pertencer ao Ilú e extremamente grata por tudo que vi, vivi e aprendi e muito confiante para seguir enfrentando com beleza e afeto a luta pela justiça do nosso rei Xangô. Kaô Kabecilê!

Elina Macedo

Eu nunca imaginei que ia tocar ferro

Ferro é o que chama os Orixás. Ferro é tocado para chamar. Ferro é tudo aquilo que anuncia. O ferro está no guizo dos bichos e o guizo dos bichos nos avisa... Avisa de sua passagem, avisa de sua presença. O ferro é tocado nos sinos. Os sinos? Avisam! O ferro é anunciação. O ferro toca para dizer que alguma coisa importante vai acontecer. Eu nunca imaginei que ia tocar ferro na minha vida, e eu toquei, por sete lindos anos. Sete?! Eu gosto muito desse número.

Sete anos de um tempo cronológico, mas a cronologia é o que menos importa. Em sete anos foi possível viver muitas vidas – ou, viver bem, diversas transformações que cabem dentro de uma vida. Em alguns momentos foi possível ver o tempo parar e, em outros, ver o tempo ressignificar existências.

Quando entrei no Ilú e, no agogô, em 2012, eu não sabia que a anunciação que esse ferro-agogô estava a fazer era a da transformação da minha própria vida.

Eu paquerei o Ilú por alguns anos. Paquerei porque esse negócio de ver muitas mulheres juntas mexe com a gente. Alguma coisa dentro de mim falava “é preciso estar entre mulheres”.

Nasci em São Paulo, mas sou filha de nordestinos, pernambucanos, mais precisamente. Pertencer a um grupo de mulheres é remeter à ancestralidade. Minha família é

matriarcal. Minhas principais referências: minhas avós Marinete, Maria e minha mãe, Quitéria. E todas as minhas tias. A voz interior estava certa: estar entre mulheres era fundamental! Remetia à ancestralidade e nutri-la seria me fortalecer, como mulher, de dentro pra fora (e de fora pra dentro também).

Entrei no agogô. E entrar no agogô significa ser linha de frente. Uma linha de frente ao mesmo tempo firme, mas com leveza. E isso é possível graças a duas mulheres iluminadas que conduzem as oficinas de agogô desde o início do bloco: Cris Blue e Sossô Parma. Sabe coisa de mãe? Orienta com amor? Quando entramos no agogô somos emaranhadas em uma rede de amor, reciprocidade, troca, aprendizados diversos que fazem com que nossa existência seja ressignificada a partir do reconhecimento das histórias e memórias que dividimos com outras mulheres.

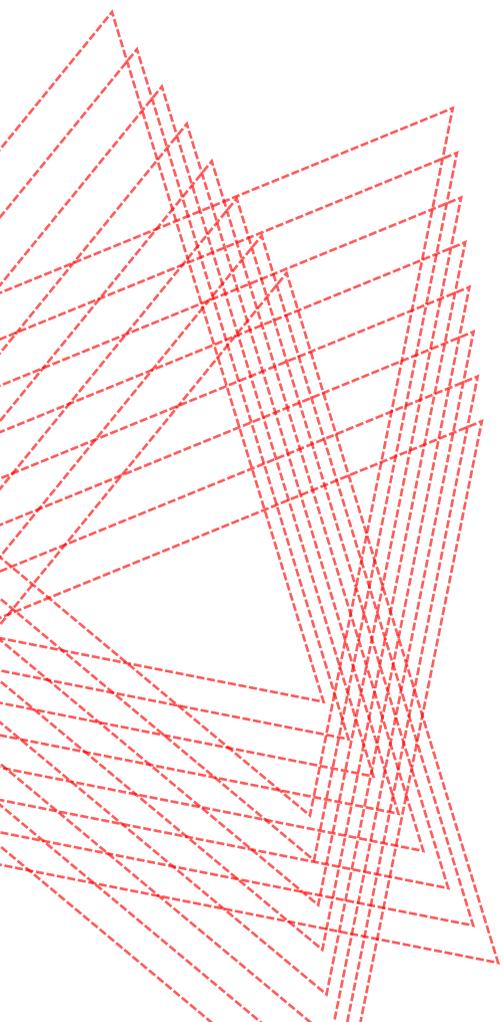
Entrei aos 27 anos insegura, cabelo alisado, sabia muito pouco sobre a história das mulheres negras, consequentemente das referências essenciais para a educação e a construção da identidade do nosso povo (sou professora), bissexual não totalmente assumida. Hoje, aos 34 anos: cacheada, sapatão convicta, professora que trabalha com as narrativas das mulheres, mulheres negras e periféricxs na sala de aula, que reconhece a dura caminhada das antecessoras, mas também reconhece os seus privilégios de mulher branca em uma

sociedade racista, que dança, porque ama ser livre, toca tambor, ferro e o terror, tudo isso, graças às mulheres do agogô!

O ferro tilintou pedindo passagem(...). Anunciou:

A filha das águas e do mensageiro hoje tece, com afeto e potência, a própria história, porque renasceu do agogô!

Axé!



Aline Gueiros

Carmentis

**COR
REN
TE
ZA**

O que dizer?

Adoeci, adoecemos
Entristeci, entristecemos
Os tempos são brutos
As relações são difíceis
As palavras machucam
Dores!
Como resistir?
Como caminhar?
Como não se abater?
Como sobreviver?
Há uma força
Que nos impele
Nos acalanta, protege
Que nos aprimora, ensina
Aprende... e se constrói
Conjuntamente!
Há uma força
Que nos embeleza
Nos abriga
Ainda que trovões surjam
Nos mostra
Nossas mãos entrelaçadas
Nossas vozes, sons, cantos
Podem vencê-los!

Há uma força
Que ilumina
Que ocupa
Que faz crer, que engrandece!
Há o Ilú Obá De Min!
Resistimos, caminhamos
Revigoramos, sobrevivemos!
Há o Ilú Obá De Min!
O encontro, o encanto
O toque, o ensinamento
A crença
A força!

Rosana Inácio

Resistência é uma forma de afeto

Do olhar para fora eu vi.
E por dentro me fortaleci.

Pude me reconhecer em meus medos, conquistas, objetivos a serem alcançados.

Me reconheci em meus fios de cabelo, na pele tão malvista, no corpo malcuidado.

Um mar constante, entre ondas de desconstrução e novas construções.

Posso dizer que a resistência é uma forma afeto.

Em minhas irmãs, vi a mim, em um caminho sem volta.

Obrigada!

Ariane do Carmo

Das tantas coisas do ferro

Existem várias coisas, várias histórias, várias pessoas, vários momentos, muitas lágrimas e muitos risos.

Há seriedade, também, ensinamento, tensão e irmandade.

Aprendi a cuidar e a ser cuidada, fui ensinada, abraçada, beijada, envolvida, admirei e fui admirada.

Pensei que não podia, tive certeza de que estava no caminho certo, quase não consegui, mas, aconteceu.

Mais um ano de Ilú, mais um ano de agogô e imaginar que entrei no Ilú mirando na dança, rs, mal eu sabia que no toque do ferro que meu coração ia se encontrar, que no som agudo ele dançaria e permaneceria.

Não me lembro mais quem eu fui antes e ainda assim sou grata, pois graça ao que fui entrei no Ilú e graças ao que fui, sou, hoje!

Eu fui alterada, mudada, tocada, mexida, sacudida, desafiada, indagada...e...

Ainda bem

Eu cresci!!

E devo este crescimento, há essa egrégora que me ampara, que cuida, que gera e alimenta, umas às outras.

Que cuidam, que ouvem, que dão e fazem nascer sonhos, reflexões, músicas e amizades.

Eu aprendi muito sobre mim ao observar. Observei em diversos momentos cada uma dessas mulheres, umas, mais de perto, outras ainda não tive a sorte, mas ao observá-las percebi o tanto que eu tenho a crescer e a aprender, me reconheci em atitudes, me observei por outros olhos.

Nos ensaios de rua a corporeidade e a oralidade estão presentes, a cada voz que se eleva nas cantigas e músicas, trazemos em nós a força das nossas ancestrais, seus jeitos e desejos, que bom!

Que bom poder reconhecer o que constitui a minha história, o que faz parte da minha essência o que compõe o meu eu mais profundo, mais sincero, mais autêntico.

Ilú é ancestral.

Se sou quem sou, se sou o que sou e se sei que posso ser muito mais devo a cada uma dessas mulheres do ferro, do nosso afeto, das nossas conversas e olhares.

Por ser quem sou me sinto mais feliz ainda em poder através das palavras dizer de mim, dizer de nós e do que nós fortalece.

Sou feliz em falar de afeto do jeito mais profundo.

Josi Lima

Transformação, reconhecimento, empoderamento

Entrei no Ilú Obá de Min em 2016, cheguei com minha filha que tinha 12 anos que é maior alegria é tocar com ela, mal sabíamos pegar no instrumento, tocar, cantar e dançar, estava longe de me alinhar, pensei em desistir, mas o apoio que recebi das coordenadoras do naípe e de algumas manas que me ajudaram muito neste processo, aos poucos fui afinando, Com insegurança aqui, confiança a li, mas foi...Chegou o carnaval e, como a Sossô e a Cris falam, vai dar tudo certo.



Este início do processo foi de muitas transformações, amadurecimento, reconhecimento e empoderamento, ouvi muitas histórias, pude contar um pouco da minha e saber que ali as irmãs não me reprimiam, e sim somavam.

Todo esse processo não parou por aí. O carnaval de 2018/2019 Tempos de Alakan foi o mais significativo e este carnaval é o

que vou levar de ensinamento por toda a minha vida, perdi minha mãe, meu chão minha fortaleza, fiquei sem pés e mãos, sem forças para suportar toda a dor, de repente, aparece a Sossô, com as manas de outro naipes, pega na minha mão, me abraça e fala baixinho no meu ouvido, estou aqui para te trazer todo axé do nosso ensaio de ontem, senti que estava no colo de cada uma de vocês recebendo a energia para suporta a dor, aquelas palavras recebidas vieram com tanta força, potência e tudo o que tinha aprendido no Ilú até aquele dia fez muito, mas muito sentido na minha vida, não estamos sós, “Fiquemos juntas irmãs guardiãs”. Me apossei dessas palavras e, nos ensaios, eu cantava com tanta força, e aos poucos retomei a rotina dos ensaios e da vida, sentindo alegria de poder fazer parte de tudo isso. O Ilú Obá de Min fez, faz e continuará fazendo a diferença na minha vida, na vida da minha filha e na vida de outras irmãs.



Dedico um trecho deste relato a minha mãe Vera Lucia Andrade.

Drica Andrade

Ilú Obá De Min é força, potência e união

2019 foi meu primeiro cortejo como integrante do Ilú. Que mágico! Ver todas aquelas pessoas que se emocionaram com o toque de cada instrumento, com o movimento dos corpos na dança e a excelência dos pernaltas.

O ano de 2018 foi muito turbulento e digo principalmente no meu lugar de mulher negra. Cada dia surgiam notícias que amarguraram o peito e a política passou a ser percebida como além de votar nas urnas.

No início acreditava que não daria conta e teria que abrir mão de muita coisa para poder comparecer a cada ensaio, tentava ao máximo lidar como um compromisso leve, mas nem foi necessário fazer tanto esforço. Ir para os ensaios era um refúgio, lá eu podia deixar as sensações fluírem.

A maneira de tocar mudava conforme os sentimentos de raiva, alegria, tristeza, amor etc. Sempre senti que poderia desabar e ser amparada pelas companheiras.

Encontrei muito carinho e ternura em cada olhar, sorriso e abraço. Contava os dias para o fim de semana chegar e ficava com sensação de vazio quando não havia ensaios.

Eu não me lembro bem do cortejo de sexta. Estava apreensiva, respiração curta, estava lá, mas não queria errar, não queria tropeçar e muito menos sair da formação. Quando acabou

estava neutra, cansadíssima, mas não sei até hoje dizer como me senti.

Por conta disso vou compartilhar com vocês a experiência a partir do cortejo de domingo.

Acordei ansiosíssima, mas sem medo. Ao chegar na concentração recebi tantos abraços! Entrei em um estado de transe e era como se tudo acontecesse em câmera lenta. Estávamos em formação e ao olhar para o céu muitas nuvens carregadas nos acompanhavam.

As alfaias começaram a tocar e no mesmo instante o céu começou a se abrir. Não estávamos sós! Era o momento de o Ilú limpar as ruas e trazer sua energia.

Mal começamos a andar e começou a chover. Os pingos caíam no meu corpo que passou a ficarquentinho. Estava sendo acalentada. Meu corpo relaxava e o pensamento “vai ficar tudo bem, aproveite” tomou conta de mim. Senti os passos leves, não conseguia deixar de sorrir e ficava mais energizada com as trocas de olhares com o público até encontrei, sem esforços, amigos que foram nos prestigiar. Plenitude total.

Um pouco antes do fim comecei a chorar, desabei, me senti ligada a todas as mulheres que foram responsáveis pela minha existência. Como se minha mãe, avó, tias e várias ancestrais estivessem de mãos dadas completando uma ciranda em torno de mim.

Eu não queria que terminasse. Precisava de pelo menos mais duas horas, que delícia!

Após o Carnaval comecei a pensar como foi tudo. Ao entrar no Ilú Obá De Min usava tranças em razão de uma transição longa de dois anos, me escondia em algumas roupas que acreditava serem confortáveis, estava sempre armada e pronta para uma luta que nem sempre queria estar.

Percebi que o Ilú é parte da minha terapia, é a minha fortaleza e crescimento. Criei forças para olhar para mim sem filtros e de uma maneira sincera. Tirei as tranças e descobri toda a beleza que há no meu cabelo crespo. Passei a usar roupas que gostava, sem me importar com a minha barriga, cintura ou qualquer coisa que digam que deveria ser escondida, aprendi que está tudo bem em não conseguir lidar com algumas questões da vida e, o principal, redescobri a importância da família na minha vida e na construção de versões melhores minhas.

Sou extremamente grata pelo contato com minhas raízes, pelo Ilú Obá De Min ter me despido e conectado meus pés a terra. Iniciei semente e agora estou germinando e fincando minhas raízes no solo sagrado cultivado, duramente, pelos meus antepassados. Não tenho dúvidas que meus frutos serão prósperos e belos.

Bia Carmo

Água de corrente

Ansiedade é o que acompanha de março até setembro para a volta de viver esse processo. A euforia vem que vem no primeiro encontro: rever tantas e conhecer as novas chegando, nova que me sinto em todo recomeço por entender e ter sentido como cada ano é diferente; é como água de corrente: fresca, intensa que transforma por sua contínua fluidez.

É lindo ver florescer tantas durante todo o ano. Vi gente chegando tocando com uma naturalidade de vida toda, vi todas usando o agogô como extensão do corpo nessa linha de frente desse exército de afeto que quando toca junto engloba todos ao redor nessa bolha intensa que se cria.

Eu agradeço muito, sempre, por poder fazer parte disso, por tudo que aprendo, por tantas que posso conhecer, por ver beleza por todos os lados, por esse afeto potente que existe nos encontros de olhares e sorrisos, mas que não exclui as discussões que nos fazem crescer ainda mais. Eu agradeço muito a acolhida para poder estar ao lado.

E de tanta poesia que brota facilmente por todos os lados, o que mais ressoa como certeza e verdade para toda a vida é que *“mulheres guerreiras unidas, esse mundo vamos dominar”*, eu sinto isso com cada pedaço meu.

Rebeca Figueiredo

Todo carnaval tem seu fim sigo a Nau do meu Ori

Todo carnaval tem seu fim... E, no entanto, é preciso cantar. Mais que nunca é preciso cantar. É preciso cantar e alegrar a cidade.

Nau do meu Ori.

Te convido a embarcar, não singro ondas pelos sete mares, mas há mares em mim, há olhares, há miopia, há certezas, desconfianças mil, uma enorme catarse diária, pois a gente tem que limpar o convés. Navego, me entrego, xingo. Entretanto se eu não me rebelar, pedir por justiça e confrontar o que está posto não serei eu.

O orgulho ancestral, a licença poética para navegar por entre as ruas, no asfalto negro, as estrelas iluminam meu Ori, carrego no peito o ritmo do Xirê. Laroyê, Exú! O transe, o transe em ciclos, o transe em cirandas, sentir a psicofonia do carnaval como celebração. Mas em que tempos estamos? Ou em qual carnaval estamos? Essa entidade que nos toma e ressignifica o que até então se fingia não saber.

Sempre na sexta-feira de carnaval um alvoroço toma conta da praça da República, a multidão chega como um grande formigueiro para receber as mulheres que tocam para o Rei Xangô “Kaô Kabyensilê protege nosso povo, meu rei. Protege o nosso povo meu rei, protege o nosso povo, meu rei.”



Toco agogô, fundo-me ao ferro, à guerra em honra a Ogum. Sim estar nas ruas é o chamado pelo legado, em tempos de tantas perdas e vozes caladas, cada instrumento é a nossa flecha certa.

A luta nos arrebatou, a luz no farol por entre a tempestade se apagou, uma voz foi calada e a nós guerreiras em marcha conjugamos a guerra na voz, instrumentos, escudos, no branco da nossa armadura o sangue jorrou. Nas ruas o choro à irmã Marielle e a tantas outras que antes dela e após infelizmente foram para o Orum nos confortar nos campos de batalha que nos aguardam.

Por fim uma página se vira outra em branco, ou melhor, em cinza surge. Sim, o carnaval começa sem cor, começa no sentimento do quero mais da quarta-feira de cinzas para a carnaval 2019. Nossas vozes ecoaram por meses de ensaios “atípicos” em 2018 depois de cantarmos em fevereiro do mesmo ano, Akotirenes, a grandeza e a luta das nossas Yabás, canto de liberdade, o sentido de existência das nossas vozes no Yibi das Mulheres Quilombolas.

Um biênio em tempos sombrios é um século, a luta seguiu, Lula preso, o 13 de maio, a segregação enquanto mentira étnica da abolição, o propósito de extermínio, as marchas das mulheres negras, as manifestações, as eleições, o vira votos, o segundo turno, o desânimo de outubro, foi meu aniversário, que começo de ciclo.

A “rotina” dos ensaios é a recuperação, o autocuidado o Xirê. Chegamos a novembro as composições começam a ecoar, fazer sentido para a estética do cortejo que se avizinha. Finalmente o carnaval 2019 toma corpo. O pensamento quer alcançar o que permeará o imaginário do grande formigueiro. Logo é dezembro, fôlego para o inegável cansaço mental ainda em fúria pelos acontecimentos.

M.E.T.Á.F.O.R.A

O reencontro, o pó, o seco, o ferro, o amargo, o tropeço, o machado, o perfeito, o pretérito, o conciso, o agogô é Ògún. Eu sou Xangô!

O grande ato de resistência tem que seguir mais do que nunca. Obviamente a dicotomia dos dias entre fúria e sobriedade se intercalam entre o ostracismo, a euforia forjada, o choro sem razão, ao apego, a falta de zelo, o entorpecimento, na contramão do que é luta, o atropelo, a soberba de querer fugir como se eu pudesse ser tão somente uma ilha.

Ilú Oba de Min recorte social, a matriz africana, mulheres que perguntam a cada orixá o que Xangô mandou Ihe dizer o sentido do cortejo, ecoou no grito forte da senzala. Se é guerra é o que nos resta. No rastro destas mulheres saberes e determinação. Nossas vozes se unem canto negro se ergue. Nos chamando para combater. Enegrecendo o feminismo combatendo o racismo. Punho cerrado é mais que união.

Somos resistência meu pai Oxalá, Kaô Kabecilê. Iansã presente todo dia.

Volto a nau do meu Ori, sim, sou navegante neste mundo. Aproveito o sopro para içar velas, logo a ventania vem de encontro e assim sigo cantando Ilú Obá Ilumina a minha sorte. A noite cai, onde está o farol? O fascismo irrompe das sombras ao poder.

Choro, rego o solo e semeio as sementes do orgulho sim, o quilombo não se cala. É preciso estar atento e forte, mas, o que custa andar desavisada, desconectada, desprovida, nua, liberta? Assim a cada mil lágrimas sai um milagre.

Sim sou de Xangô. Um Xangô velho que se alegra com um tal Erê que se incorpora ao meu terceiro olho, uma preta velha que ainda dança o miudinho quando joga a bengala para o meio do terreiro, depois se concentra na essência dos orixás brancos e repousa nos braços de Nanã, mas que não sossega enquanto não se alimenta e sai à caça. Oxóssi meu irmão vai à frente. Inquietude, felicidade, amorosidade, principalmente justiça. Se não consegue entender não julgue, não ultrapasse limites, não se aporte para o abate, nem venha conjugar seu hiato para cima do meu espírito.

E assim, às vésperas do carnaval, me confrontei com a inquisição, sintomatizei, vacilei, tremi, pedi para sair, cortei o cordão umbilical. Acredito que a catarse é o limite do que nos permeia, é singular, diretamente ligada ao grande lugar do

amor. É sim existência, não há como deixar de ser você para tomar o lugar do outro que te acusa sem conhecer-te. Existo, pois, sou meu único universo, já que o repertório do ódio é a opressão, não quero descaminho, tão pouco só a sobrevivência. Sobre ser ponta do bloco Ilú Obá de Min é responsabilidade, é visibilidade, é uma bandeira. Ser só mais uma ponta do Ilú Obá de Min, não há essa possibilidade para o meu legado seria como ser só mais um número no censo. E estamos aqui para não sermos o senso comum.

Há quem se incomode, há quem ache que eu precise de supervisão, tentam risos. Sou mais eu com minha força, talvez a cara feia que mulheres negras fazem na ilusão da proteção os assuste então vencer a multidão ao redor com sorrisos, acenos seja tão mais difícil do que dançar no descompasso, mas o que é compasso? Qual o ritmo que te leva a frente? Admito: Sou chata. Reclamo com a plateia no vuco-vuco de sexta-feira, no domingo para se afastarem, mas nunca ninguém achou ruim afinal o bloco precisa passar.

O Xirê é o meu sagrado, minha incorporação. Brigo com amor, não é coleguinhas de fila? Da frente e de trás. Saibam o cortejo é tudo que quero após a apneia dos ensaios, mesmo que lhes pareça que não estou me divertindo, afinal ali estão os que vieram antes de mim e o respeito vem antes de tudo.

Sou mulher, negra, feminista, de esquerda, a minha carne não é a mais barata do mercado, meu cabelo é poder, sou lésbica,

Corinthiana. Ah! Sim, dirijo a Kombi, “caminhoneira kombizeira”, mas, quem quiser se unir pode vir.

Dos dias que se passaram depois da saída de carnaval, restaram as loucuras, as respostas lúdicas, pois o amor para ser possível tem que revezar com a nossa humanidade impossível, a escuta é aprendizado, as expectativas são lenha, o encontro pode ser um buraco negro, ser fluente não é ter começo meio e fim, o querer é sinuoso, doloroso e o que faz valer a pena?

Estar junto é a razão do sacrifício, estar junto é determinante mesmo quando somos dissonantes, mantermos a unidade, o elo, por isso cantamos ALAKAN, num ano de alianças, num ano de descobertas, de achados nas gavetas não remexidas, num ano de abrir cadeados, de receber, doar, dar as mãos.

Um brinde à coragem de sermos livres, sem o tal do hiato da vida que é jogar verde para colher maduro, sejamos verdadeiras mais do que nunca, temos que olhar nos olhos uma da outra com confiança, nos apoiar e levar esse protagonismo da mulher negra não de forma sazonal e sim a todo canto, a todo instante sem trégua.

Sobre licenças poéticas, muitas músicas estão inseridas no texto, Itamar Assumpção, Alice Ruiz Gal Costa, Vinicius de Moraes, Eurithimics, Los Hermanos, Elza Soares, o legado dos carnavais do Ilú, das incendiárias, das revolucionárias, das intelectuais, das escravas, das donas de casa suas impressões,

das minhas Yabas dos aprendizados que tive e não sabia, mas que me acompanham, poemas. Um sopro a agitar as velas, meu olhar para cruzar o horizonte, bater asas, trilhar novas estradas com toda a vontade de enegrecer o mundo.

Agradeço por estar aqui, por ser melhor, por estar viva.

Andreia Batista

Akotirenes – Yibi das Mulheres Quilombolas

Estou aqui aos 45 minutos do segundo tempo, escrevendo esse texto, da mesma forma que foi para entrar no Ilú.

Acompanho o Ilú desde muito tempo, junto com minha mãe e irmã. Ao ver e sentir tudo aquilo, eu pensava: um dia vou pertencer a essa energia, lindeza toda, mas deixava para depois, e entrava na rotina e quando ia ver as inscrições já tinham passado. Porém, acredito muito que as coisas acontecem quando têm de acontecer.

Chego ao Ilú no carnaval que fala das Akotirenes, das nossas ancestrais. Eu, que por diversas questões da vida não pude conviver com minhas avós, tias, as minhas mais velhas, a potência em tocar nesse carnaval foi sensacional, pude sentir todas elas durante os ensaios e em especial no cortejo de sexta-feira, elas todas estavam ali comigo, foi uma emoção que nunca senti, no final do cortejo chorei feito uma criança, estava em completo sentimento de gratidão e felicidade, e lá estavam todas elas, minhas mais velhas, minhas ancestrais, me conectei com elas, nossa ligação, negada, nesse momento foi restabelecida.

Obrigada Ilú, obrigada por proporcionar essa experiência!!
Vida longa ao Ilú Obá De Min!!!

Negras Vozes – Tempo de Alakan

E claro, depois dessa experiência eu não poderia sair, e assim que abriu a inscrição lá estava eu confirmando a minha participação no carnaval 2019.

Aqui já conhecendo melhor como funciona, é o momento de aproveitar e curtir muitoooooo todo o processo, sério é muito bom, aos finais de semana encontrar com essas mulheres, lindas, poderosas, inteligentes, divertidas, é de uma felicidade sem tamanho, é fortalecedor!!!

Por esse motivo faltar aos ensaios ou eventos envolvendo o Ilú é impensável. Desde o primeiro encontro a energia começa a ser transformada e na saída de sexta-feira, é que tudo fica potente. Nesse carnaval as relações ficaram mais consolidadas, ganhei amigas, irmãs para vida, mesmo com os nossos caminhos percorrendo para diversos lugares, estamos juntas na resistência.

Enfim, são tantos momentos, feijoada da Nega Duda, letra coletiva do agogô, Ilú o Bar, festa do Ilú... algumas coisas só estando dentro para vivenciar, sentir.

Agradeço muito a toda a diretoria do Ilú, mas em especial à coordenação do agogô, de uma competência, sensibilidade, afeto, alegria sem igual, obrigada mulheres!!

NOSSO AFETO É POTENCIA!

Laniela de Jesus Feitosa

Ancestralidade e minha vivência no movimento negro

Logo após a nossa saída do Carnaval, as integrantes do Agogô fazem uma reunião, pra colocar o que foi favorável ou não e também pra saber sobre o que sentiram ao longo de todo o processo que dura uns seis meses, desde as oficinas até o momento da saída dos cortejos. Isso tem acontecido já faz alguns anos e tem sido muito relevante para a construção do naipe, como também para o crescimento de todo o Ilú Obá, pois conseguimos, através desses encontros, colocar em prática algumas ações que nos são sugeridas. Dentro disso tudo, vamos a cada ano melhorando as ideias e formas, procurando alinhamentos e avançando sempre um pouco mais nos nossos carnavais.

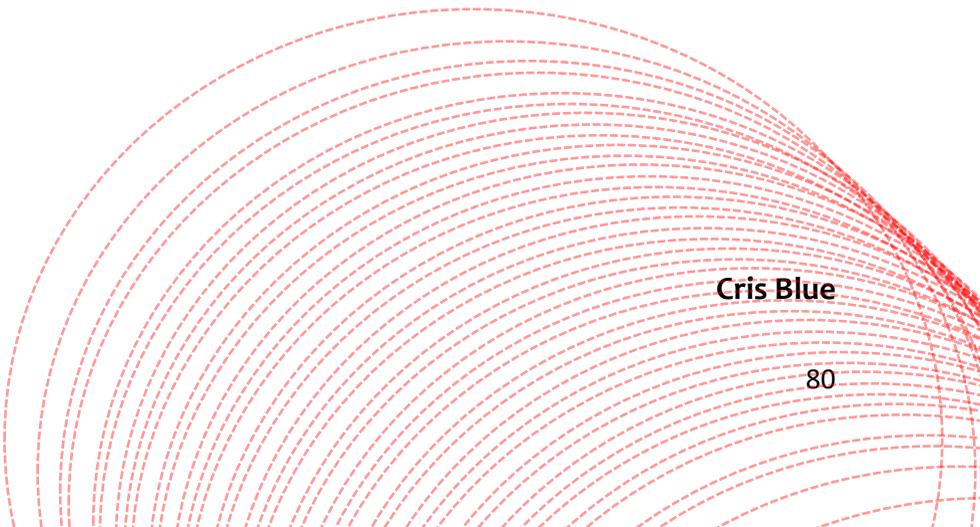
Mas, nos últimos dois anos, percebo que tivemos resultados muito além do previsto, que foram marcantes para a minha história dentro do Ilú Obá De Min. Primeiro pela escolha dos temas, “Akotirenes - O Ybi das Mulheres Quilombolas” em 2018 e “Negras Vozes - Tempos de Alakan” em 2019, que contaram muito sobre a minha ancestralidade e sobre a minha vivência dentro do movimento negro e segundo pelo o Ilú Obá ter feito ação afirmativa, abrindo suas inscrições exclusivamente para as mulheres negras. O que mexeu demais com as minhas emoções, pois foi como resgatar um passado distante e ao mesmo tempo tão próximo de mim, de encontros e reencontros de algum lugar.

Minha gratidão às incríveis parceiras Sossô Parma, Dai Pettine que dividem generosamente comigo a Coordenação do Agogô por tantas coisas lindas que desenvolvemos nesse naípe e também à querida Aline Gueiros pelo tempo em que estive junto com a gente nessa construção de afeto. A todas as maravilhosas mulheres que colaboram com cada ideia e que fazem acontecer tantas ações dentro do naípe do amor, a essas tantas maravilhosas mulheres negras que aqui chegaram nesses anos, por escolherem estar no Ilú Obá, por virem de tantos lugares, por quererem protagonizar as suas histórias, pelo engajamento, por toda luta e caminhada, às mulheres que aqui também passaram nesses anos todos, às queridas mulheres aliadas à causa antirracista, que procuram se conscientizar a cada dia, para que tenhamos um mundo mais igualitário.

Que fiquemos juntas no Ilú Obá não somente pra tocar o agogô, mas também pra somar, construir, batucar, dançar, cantar, incomodar, chorar de emoção, nos alegrar e levar alegria pra quem chega e vê a gente passar, pra contar as histórias não contadas, pra sairmos da invisibilidade, pra lutar e combater qualquer tipo de intolerância, pra fazer diferença nesse mundo, mas principalmente nessa cidade e nesse país, pra continuar fazendo esse trabalho com muita dedicação e respeito, espalhando o amor por onde o ódio insiste em chegar, pra nos armar de muito amor e juntas nos fortalecermos pra seguir em frente nessa caminhada...

Gratidão sempre por todos os momentos oque cada integrante do Agogô compartilha comigo, por tantas palavras lindas, pela energia, pelos sorrisos largos e tímidos, abraços, lágrimas, pelo tempo que cada uma de vocês se dedica dentro desse projeto! Muito sucesso e prosperidade no nosso caminhar!!!E que venham muitos carnavais, e muitos cortejos juntas!! Axé nossa mestra e presidenta Beth Belli pelo sonho que se transformou em realidade! Axé Ilú Obá De Min!! Gratidão aos nossos Orixás e aos nossos ancestrais que nos proporcionaram ter esse grande reencontro dentro do Ilú Obá!!!

E que esse ano, o próximo ano, no outro e mais no outro, sejam cada vez mais acolhedores pras todas nós e para as próximas mulheres que aqui estarão pra que juntas possamos dominar esse mundo!!!! Afinal não temos culpa se nosso afeto é potência!!!! Muito Axé, fiquemos juntas e não faltem e nem se atrasem!!!



Cris Blue

80

RE

A

LINHAR

REPLINVAR



Esperança na humanidade

Em 2013, num domingo, assisti pela primeira vez ao cortejo do Ilú. Fiquei encantada com a força daquelas mulheres e com a beleza plástica do desfile: as músicas, as danças, os figurinos e os tambores.

Tinha acabado de me aposentar e estava decidida a experimentar o inusitado. A música e a dança sempre foram uma utopia para mim. Nunca cantei individualmente, nem em momentos particulares. O meu corpo estava enrijecido, talvez numa medida de proteção e tentativa de autocontrole.

Quando abriram as inscrições para o ano de 2014, minha filha me avisou e nos inscrevemos no agogô. Não sabia como era este instrumento, nunca tinha visto um agogô e muito menos pegado na mão. Entrei e, apesar de estar completamente envolvida, achei bem difícil e me empenhei muito em aprender. Tinha vergonha dos meus resultados, porém a alegria de ouvir todos e estar lá no meio era tão mágico que passava por cima da minha inaptidão e insisti em permanecer.

Num ensaio especial, em que foram apresentadas as composições, lembro de ter agradecido a Deus por ter me dado a oportunidade de estar ali. Aprender sobre Maria Carolina de Jesus e ainda começar a entender sobre as questões raciais e a branquitude me transportaram para outro mundo.

A emoção do primeiro cortejo junto da minha filha me trouxe uma esperança tão grande na humanidade que nem sei explicar. Comecei a pensar que é possível mudar esta realidade. Logo após o cortejo estava decidida a melhorar e entrei num curso de percussão no Ilú. Além disso, fiz outros cursos de percussão corporal, com a intenção de ter mais ritmo.

Entretanto, como não controlamos nada, logo em março tive uma reviravolta na minha vida. O meu marido faleceu de um infarto repentino e, talvez, com o impacto somado a alguns problemas de saúde que já estava enfrentando, fiquei gravemente doente.

No dia seguinte do velório comecei a sangrar em quantidade exagerada e sem que nenhum remédio conseguisse interromper. Um sangramento do útero, da representação do feminino, do feminino líquido, do órgão que representa a vida. Recebi transfusões no máximo que podia e tive algumas paradas cardíacas em decorrência da falta de sangue no meu organismo. Nada fazia com que o sangramento cessasse. A única saída era uma operação, só que não podia operar porque não resistiria, por não ter o mínimo necessário de sangue para operar. Neste período emagrecia um quilo cada dois dias. Foram quatro meses entre uma internação e outra, entre uma quantidade enorme de remédios, repouso absoluto e, no meio deste caos, as músicas

do Ilú, as imagens do cortejo, dos ensaios, de todos os axés da Nega Duda me apareciam constantemente. Sonhava e acordava com uma sensação de conforto e esperança. Ilú Obá De Min foi o meu alento e a minha projeção de futuro, o meu desejo de cura. Cada dia que passava eu me esforçava para ficar melhor e ouvir de novo, estar lá de novo.

Hoje penso que independentemente da minha cura, porque eu poderia ter morrido, o Ilú já tinha feito uma transformação na minha vida. Foi aí que entendi que o Ilú é infinitamente maior que um cortejo maravilhoso. É o lugar da minha religiosidade, da minha crença nas pessoas. Desde então, os intervalos entre o cortejo e a retomada dos ensaios são momentos de introspecção para iniciar um novo ciclo que me complementa e me alimenta a cada ano.

E eu estou aqui, agradecendo eternamente por nós existiremos.



Sandra Maria de Oliveira

“Ilú Obá ilumina a minha sorte nossas Negras Vozes cantam o tempo de Alakan...”

Nossas vozes vão ecoar nas ruas de São Paulo, sim, vejo nossa força de mulheres iluminando todo nosso universo apesar de estarmos na grande sofrida, porém alegre cidade de São Paulo.

Cidade esta que acolhe todos, que por ela vivem ou apenas a visitam, mulheres do Ilú que vêm de todos os lugares (Zona Norte, Sul, Leste, Oeste), outras cidades e estados com suas maravilhosas profissões e embelezamento.

Estar no Ilú é me sentir mais que mulher negra, forte, resistente com todas as dificuldades que a vida oferece, mas que ameniza quando nos encontramos para os ensaios de carnaval, juntos com as cantoras, crianças, danças, chegando no vale ou na praça de todos os lados, com raça, na chuva ou sol, com seus instrumentos ou acessórios, isso não tem preço.

No Ilú me sinto como um dos raios do sol, porque vejo Ilú como sol e nós somos os raios que se espalham cantando, dançando, tocando para nossos orixás, fotografando também. Sim nossos fotógrafos Fridas Comunica e Fotógrafa, Vanderlei Yui, Rogério Cavalheiro e outros que anonimamente nos acompanham há anos, dando de presente aquela imagem mais que linda, momentos em que o clic da câmera visualiza o melhor ângulo dos movimentos das rainhas e reis, que depois

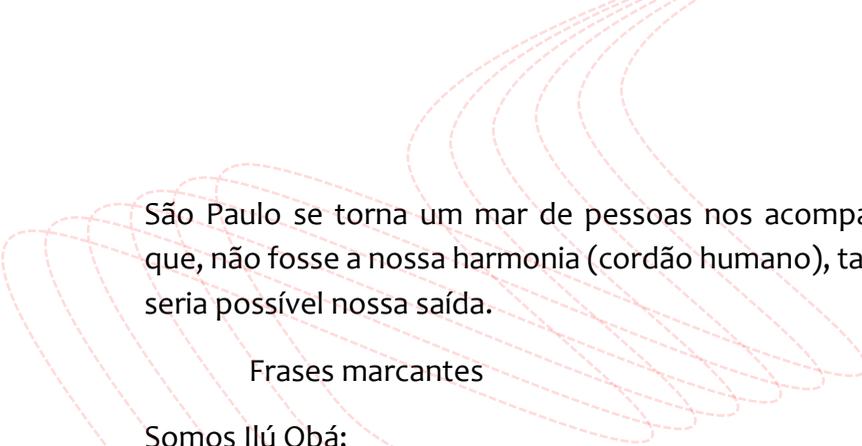
será compartilhada entre nós ou nas redes sociais afirmando o quanto somos Divas.

Somos raios iluminando e emanando energias ao tocarmos, dançarmos e cantarmos, levando alegrias às pessoas coordenadoras, que nos inspiram e tudo fazem para dar certo... e como dá.

Aquela frase que sempre acalma “gente no fim tudo dá certo”, nosso quenquém com com sendo ensinado de maneira lúdica, no braço, nariz, na testa e todas entenderem do que se trata, as dancinhas ensaiadas do agogô e a bateria de repente fazendo o mesmo, e ver de longe o público nos imitando ou até mesmo chorando com os ensaios e apresentações. Isso não tem preço.

Quanta beleza e dedicação das fundadoras de desse bloco de vozes negras ou negras vozes, que a cada ano vem marcando mais vidas, direta e indiretamente de nós mulheres advogadas, professoras, mães, avós bisavós, doutoras, estudantes e tantas outras profissões.

Sinto, além de uma alegria quando nos encontramos nos ensaios ao som das alfaias, djembês, xequerês, agogôs, uma emoção sem fim e mais ansiosa ainda ao ver o figurino que a cada ano fica muito lindo. Quando chega o grande dia da nossa saída, ouço não só nossas negras vozes e sim todas as vozes da nossa ancestralidade, resistência.



São Paulo se torna um mar de pessoas nos acompanhando que, não fosse a nossa harmonia (cordão humano), talvez não seria possível nossa saída.

Frases marcantes

Somos Ilú Obá;

Somos resistência!

Fiquemos juntas!

Tudo vai dar certo!

Acalmem o coração!

Quenquem comcom!

Não vão nos matar não vão nos matar!

Marielle vive presente!!!



Cidoca

Resgate da Espiritualidade

Meu primeiro contato com o Ilú foi em 2009.

Era o ano de homenagem a Raquel Trindade e vim junto com o Teatro Popular Solano Trindade em um dos ensaios.

Tenho poucas memórias do dia da saída, mas me lembro muito desse ensaio, onde nos ensinaram as danças dos orixás e lembro que fiquei maravilhada. Era um grupo bem menor, mas fiquei fascinada de ver aquelas mulheres tocando e dançando, um grupo só de mulheres. Uau!!!

Depois disso, sempre acompanhava as notícias do Ilú e assistia às saídas do carnaval. Achava lindo e eu, que sempre tive muita dificuldade em demonstrar meus sentimentos, chorei algumas vezes de emoção.

Quando fiz minha inscrição para o carnaval 2018, não imaginava o tanto de amizades, alegrias e muito menos o tanto de mudanças internas que o Ilú me traria.

Foi muito lindo entrar no ano de homenagear as Akotirenes, as quilombolas, nossas ancestrais. Pensei muito na minha Bisa Maria, diversas vezes senti a presença dela e tive a certeza que estava no lugar e no momento certo, nem antes e nem depois. Assim como tudo na vida.

Sem contar todo o resgate da espiritualidade, da alegria de tocar, dançar, sorrir e trocar ideias no bar. Eu, que já vinha há

bastante tempo me sentindo triste, fazendo terapia e beirando a uma depressão, fui me sentindo mais VIVA a cada ensaio!

Acho que é isso, quero agradecer a todas as mulheres que me acolheram nesse processo de renascimento, que sinto que ainda está rolando, minha gratidão eterna a vocês!

Também gostaria de deixar registrado um agradecimento às coordenadoras do agogô, Cris Blue, Sossô Parma, Daiane Pettine e a Aline Gueiros e também às mulheres que geraram e pariram o Ilú Obá De Min: a Beth Belli, Adriana Aragão e Girlei Miranda. Acho que vocês foram divinamente inspiradas pelos orixás. Muito Obrigada.

Viva Raquel Trindade!

Viva o Ilú Obá De Min!

Viva a todas as mulheres fortes do Ilú Obá De Min!

Alessandra Magalhães

O início de novas descobertas

Como é difícil nos olharmos e auto avaliarmos, né?

Conheci o Ilú Obá De Min, através de uma amiga, Ariane, que já vinha acompanhando os cortejos há algum tempo.

Queríamos entrar no bloco, mas como? Foi aí que resolvemos procurar a sede e realizar um dos cursos e encaramos a dança com a maravilhosa Regina Santos.

No curso eu comecei a me conhecer e me reconhecer como mulher na sociedade e nos lugares que eu frequento, pois, apesar de saber os pontos que preciso melhorar (sem contar a timidez), eu consegui identificar as minhas qualidades.

Bom, quando entramos no Ilú, eu sempre comentava da minha admiração e amor pela dança, acabou que quando abriram as vagas para as inscrições, veio a notícia que não abriria para a dança. No início eu me senti perdida, a Ariane optou por não entrar, devido estar finalizando a faculdade. Então pensei e agora?

Foi aí que a Juliana Rosa comentou que também queria entrar para o bloco e me incentivou a darmos o primeiro passo juntas, decidimos entrar no agogô, daí em diante iniciamos a nossa jornada dentro do bloco juntas e também a nossa aproximação na amizade.

Tivemos o primeiro encontro com todas as integrantes do bloco, que foi realizado no Jabaquara, um parque lindo que eu não conhecia. Foi feita uma linda recepção e acolhimento.

Nos foi contado sobre a trajetória do bloco, sobre a primeira feijoada de Ogum, entre outros.

O dia foi incrível e foi encerrado como uma linda chuva.

Primeiro dia de ensaio: coração a mil, apertado, porém, aberta para me permitir a receber o que seria de melhor e foi sensacional. Cheguei sem saber o que ia acontecer, me sentindo um pouco perdida, mas muito emocionada de estar com todas aquelas mulheres.

Esse dia se tornou inesquecível, pois foi quando tive a certeza do lugar que eu queria estar e saber que havia me encontrado ali.

Ainda me sentindo perdida, ouço então o primeiro “Iaroyê” de Nega Duda, pausa... (outra mulher que tem um significado muito grande em minha vida, não só por conta do samba de roda, pois a tenho como referência, mas também como mulher forte, guerreira e que luta, encara todas as dificuldades da vida como “oportunidades”).

Quando ouvi a saudação de Exu, e todas naquela formação, vieram as primeiras lágrimas, os arrepios e mais uma vez aquela certeza que tinha encontrado o meu lugar e ganhado uma família.

Passou o processo de aprendizado, estudos, preparos e veio a esperada saída do bloco, mais uma vez a emoção e o choro.

O ano de 2017, ficou gravado como o início de novas descobertas, conquistas, e ocupações de espaços. Um ano de muitas mudanças profissionais e principalmente pessoais.

São três anos que caminho junto com o Ilú, e só tenho que agradecer o acolhimento que recebi e ainda recebo, pois sempre que me encontro em momentos de “desespero” eu tenho mãos estendidas para me ajudar.

O Ilú não está ligado apenas em carnaval, está muito além, porque simboliza luta, acolhimento, ocupações, entre outras.

E é isso que significa o processo para mim, a construção de um todo e a desconstrução de opiniões que não condiz com o que mostramos e buscamos.

Somos mulheres fortes, guerreiras e que estão ali lutando para ter um espaço no mundo e até mesmo para se autor reconhecerem como mulheres.

Valorização...

Só ficam aquelas que realmente entendem o que é o Ilú e o que é estar junto lutando por um só objetivo.

Nesses anos eu aprendi que, não adianta tentarmos mudar as pessoas se ainda não nos permitidos ser a mudança.

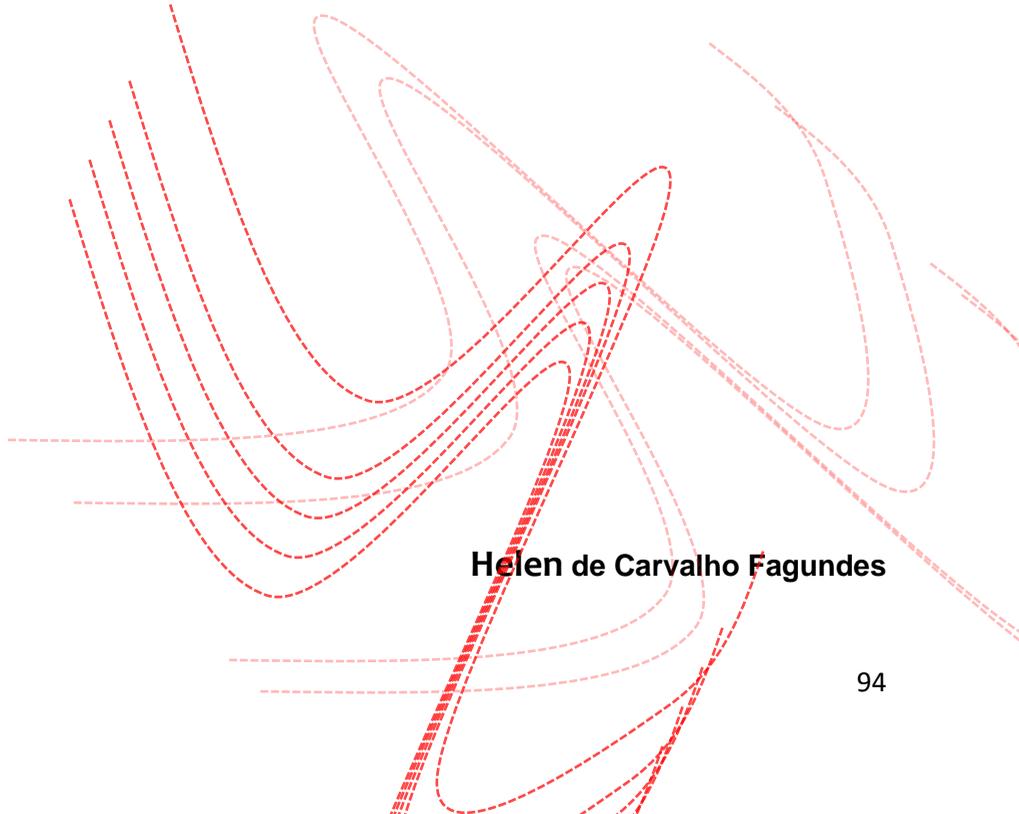
Quando você se permitir viver e lutar ao lado de todas essas mulheres, você terá entendido o seu processo dentro o bloco Ilú Obá De Min.

Obrigada a cada uma por me mostrarem caminhos e por não largarem a nossa mão quando precisamos.

A cada ano que se inicia um processo eu aprendo mais e mais e me permitido vivenciar.

“Receber e doar sempre na mesma proporção”.

Obrigada mulheres, vocês são incríveis.



Helen de Carvalho Fagundes

Nutrindo minha história

Submersa no espírito do Dia das Mães, em Curitiba, folheio fotos antigas revisitando memórias da infância já adormecidas, mas sempre vivas na minha experiência diária de existir. Numa época em que esse tipo de registro tinha outro significado além da capacidade de eternizar o belo, mas também registrar o que percebíamos como de fato digno de se manter vivo em nossas mentes e corações. Percebo que coleciono uma série de boas lembranças e ao mesmo tempo sou testemunha do quanto já caminhei de lá pra cá. É nesse emaranhado de reflexões sobre a maternidade, a maternagem, minhas raízes, o tempo e as transformações que paro pra escrever sobre a minha experiência no Bloco afro Ilú Obá De Min.



Foto: meu pai Berutti. No aniversário da minha irmã Rana (de frente com vestidinho rosa), minha mãe comanda a ciranda que animava a festa. Tanto

o meu vestidinho (com busto laranja), como o da minha irmã e até o da minha mãe ela mesma quem costurou. Além disso, fez o bolo; as guloseimas, como bala de coco embalada em papel de seda; e toda a decoração.



Foto: meu pai Berutti. Aqui é uma comemoração de aniversário na escolinha Pão de Mel em Curitiba. Minha mãe não só fazia o mesmo corte de cabelo em mim e nela, como costurou uma roupa igualzinha pra gente. Minha irmã Rana está de amarelo no colo da professora. Ao lado a única professora negra em toda a nossa vida escolar: professora Sandra.

Rever fotos da minha avó Ondina, a matriarca da família, e uma série de cenas sobre a infinitude do carinho da minha mãe só parecem reforçar que a minha chegada ao Ilú Obá De Min era natural e certa. Ainda que as figuras masculinas sejam bastante presentes e atuantes na minha história, com participações fundamentais na construção dos meus valores, são as mulheres as protagonistas, a base, o alicerce, os pilares centrais da família, por quem e por que tudo acontece. Entrar no Ilú era mesmo inevitável.

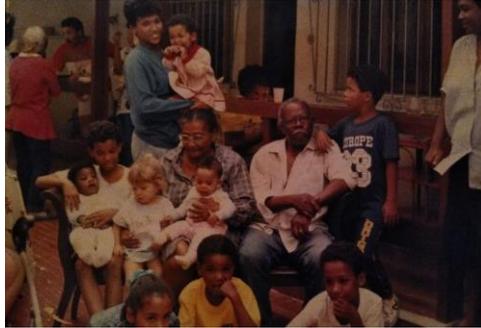


Foto: arquivo pessoal. Tirada na casa da minha avó Ondina, no Rio de Janeiro, sentada no centro da foto com a Rana no colo. Ao lado meu avô Agostinho, eu estou no colo da minha prima Luana, que está de pé, meu primo Rodrigo está com meu primo Danilo no colo, ao lado da Erika, amiguinha de toda a família, e embaixo meus primos Thiago e Felipe.



Foto: meu pai Berutti. Eu com a minha mãe, praticamente a única referência de mulher preta presente nos meus dias durante toda a minha infância e adolescência em Curitiba.

Encontrar com as iluobásticas e estar com elas durante 6 meses de ensaio durante todos os fins de semana até o carnaval é a oportunidade de experienciar o matriarcado em

escala ampliada. Matriarcado não no sentido oposto ao patriarcado, em que os papéis se invertem e as mulheres passam a mandar nos homens, mas como uma forma de restabelecer relações com valores maternos, de cuidado, de afeto e principalmente de nutrição.



Foto: Jeff Jeje. Com a Ju Rosa, minha madrinha no Ilú, no último ensaio de 2019. A que me orientou, explicou, abraçou, ouviu, me fez chorar várias vezes, mas sempre de emoção. Com ela afeto é potência real oficial.

Poder conhecer a vida e o legado de mulheres negras que foram invisibilizadas por um processo histórico racista e machista. Me permitiu olhar para essas minhas fotos e lembranças de um outro jeito. Ainda que nunca houvesse dúvida sobre minha negritude, o desejo silencioso e até proibido de querer ter outra história também se fazia presente na maioria que via nas fotografias impressas. Às vezes tinha a sensação que tudo seria mais fácil e melhor se meu cabelo não

fosse crespo, se crescesse pra baixo ou se tivesse balanço. Se nas aulas de história não fosse a única criança que se sentia menor quando o tema era o período de escravidão ou quando amiguinhos perguntavam de onde a minha família era e a resposta era sempre evasiva. No fim, o desejo era só o de ser acolhida, de ser respeitada, de não me sentir excluída ou mesmo taxada como exótica.



Foto: meu pai Berutti. Eu na tentativa de balançar as madeixas desde muito pequena. Que bom olhar essa foto fofinha e hoje ter a certeza de que a força dos meus cabelos não está no balanço e sim na minha herança ancestral.

Depois de 15 anos usando tranças sem ficar um dia sequer com o meu cabelo ao vento, resolvi tomar esse passo, inspirada por tanta beleza e força que no Ilú Obá De Min pude acessar. A sensação de me olhar no espelho depois de metade da vida tentando mascarar quem eu de fato era foi libertador. Como meu cabelo era a minha cara! Sempre me achei linda, mas agora sim entendia de onde essa beleza vinha. A impressão era que a partir dali as coisas seriam diferentes pra mim. E de fato foram e estão sendo.



Fotos 1 e 2: Nathalia Mongtaner. Eu em ensaios do carnaval 2018 (Akotirenes – Ibi das Mulheres Quilombolas) primeiro tensa e concentrada e depois em um dos poucos registros sorrindo que tenho desse período.

Foto 3: Fridas Comunica e Fotografa. No último ensaio do carnaval de 2019 maravilhosa com a minha cabeleira crespa cheia de flores vermelhas e com o corpo já muito mais à vontade e presente.

Esse ano em particular, meu segundo Carnaval no bloco, foi especialmente consolidador do meu elo com esse levante de mulheres. Em meio a um clima pesado, com a política nacional afetando de uma forma bastante incisiva nossa saúde mental e estabilidade emocional, tive momentos muito intensos de acolhimento e pertencimento. Um deles foi com a notícia que integraria a primeira fila do agogô na saída dos cortejos. Silêncio, tensão, nervosismo, choro. Dúvidas sobre merecer estar ali, sobre a minha capacidade técnica e principalmente sobre a responsabilidade de dar a cara a um movimento de 450 mulheres unidas por ideais de um mundo que também são os meus. Mas se esse lugar do pertencer é, antes de qualquer coisa, sobre assumir e ser de fato quem se é, então não havia o porquê das dúvidas: aquele lugar era meu.



Da esquerda para direita Vat, eu, Keyla, Renatinha e Ari. Mulheres negras no front. Que honra! Eu não me cabendo em mim de tanta felicidade por poder participar de tudo que é o Ilú Obá De Min ao lado dessas mulheres que tanto admiro.

Outro momento foi quando minha irmã e mãe vieram me visitar em São Paulo e gentilmente as coordenadoras permitiram que a Rana ensaiasse comigo ali pertinho. Parecia que a gente tinha voltado a ser criança, mas ao mesmo tempo estávamos em um outro espaço tempo. E era exatamente essa a sensação que gostaria de partilhar com ela, a da certeza que nunca estaremos sós, e de que toda essa potência que ali no Ilú se materializa nos é natural, visceral e genuína.



Foto: arquivo pessoal. A gente fazendo nossa apresentação habitual de final de ano para a família na casa da minha avó, no Rio de Janeiro. Nesse ano fizemos uma coreografia pra música “Canto da cidade” de Daniela Mercury. Ganhamos muitos cruzeiros que trocamos por sacolés. Nossa amiguinha Érika à esquerda, minha irmã no centro e eu à direita, pela primeira vez na vida com trancinhas.



Foto: mãe coruja Marli. Em um ensaio de domingo na Praça do Patriarca quando a gente resgatou todo nosso conhecimento adquirido em todas as apresentações feitas pra família.

Essa assimilação de elementos fundamentais para realização de minhas funções vitais enquanto mulher negra, se deu no Ilú através do alimento da música, do toque, da espiritualidade, da convivência dia a dia com mulheres que são ao mesmo tempo meu passado, presente e principalmente meu futuro. Com elas é possível olhar pra frente, sonhar e costurar ações em prol de uma sociedade mais igualitária em que todas nós

sejamos respeitadas dentro de nossas pluralidades. Nelas me vejo e também me permito, mais do que nunca, ser eu mesma.



Eu com a roupa criada por Cléo Dias com os Adinkras ADINKRAHENE, que simboliza grandeza, carisma e liderança, e NYAME BIRIBI WO SORO, que simboliza a unidade das relações. Feliz no final do cortejo de domingo do carnaval Alakan – Negras Vozes 2019 por estar no comando da minha vida e caminhando junto com as mulheres do Ilú Obá De Min.

Maíra Berutti

O despertar contra as injustiças

Entrei no Ilú Obá De Min em 2017, para participar do carnaval em 2018. Desde o princípio estar em um bloco onde mulheres comandam lindamente a bateria, dançam, tocam e cantam me encantavam. E diante disso, tudo conspirou para eu conhecer e entrar no Ilú.

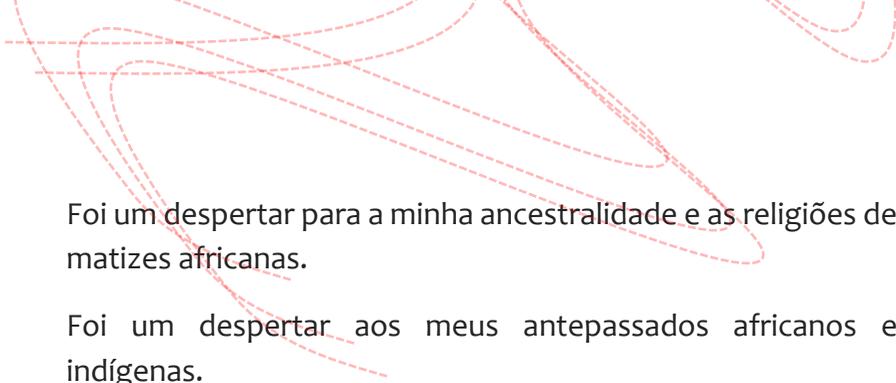
Fui aos poucos percebendo que estar ali me empoderava, como mulher, ao interagir e compartilhar experiências e afetos com outras mulheres negras e brancas. Com o passar do tempo percebi que estar no Ilú significava ter acolhimento, fortalecimento e me despertar pra questões que me afetam diretamente como mulher negra.

Despertar contra a todas as injustiças que afetam a muitos de nós: falta de moradia, educação e saúde de qualidade. É um despertar que me fez pensar como eu me relaciono com o meio onde vivo e como posso contribuir para torná-lo melhor.

É uma desconstrução em relação aos meus pensamentos antigos e atitudes.

É uma construção diária.

É um despertar para questões relacionadas a religião, homofobia, violência, racismo, preconceitos e como eu posso contribuir para vivermos em uma sociedade mais justa e igualitária.



Foi um despertar para a minha ancestralidade e as religiões de matizes africanas.

Foi um despertar aos meus antepassados africanos e indígenas.

É ir pra rua para manifestar os interesses de todos.
É protesto.

Entrar no Ilú foi um divisor de águas em relação a minha forma de agir, pensar e sentir.

Em todo o processo encontrei várias mulheres maravilhosas e todas que me deram a oportunidade de conhecê-las e vice e versa me inspiraram continuam me inspirando pela força, garra e afeto com que carregam dentro de si. Poder compartilhar experiências com as mulheres que participam do Ilú também é algo que me fortalece, cada uma com sua história, é muito grandioso e inspirador. Hoje vejo que o meu encontro com o Ilú era mais que necessário e inevitável.

(...) “O poder corresponde à habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em conjunto. O poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas na medida em que o grupo se conserva unido”. (Hannah Arendt)

Marina Xavier

Uma estreia de pura beleza

Minha busca pelo Ilú Obá De Min foi prescrita por uma amiga. Sim, prescrita. Me ajudaria a lidar melhor com alguns processos dolorosos pelos quais passava. Ao fazer minha inscrição, disse um sonoro sim a outras perspectivas de vida. Cheguei em 2014 com o tema Carolina Maria de Jesus. Nada é por acaso. Já são cinco cortejos de alegria, beleza, reflexões, fortalecimento, aprendizado e transformação.

O Ilú é um território de desafios. Não há possibilidade de quietude. Sou provocada frequentemente. É e isso que me faz permanecer. Estar aqui é momento íntimo, só meu e também de grande coletividade. De ocupar espaços de protagonismo, luta, ato político, proteção e afeto. E é muito bom!

À medida que fui conhecendo o Ilú também fui me conhecendo mais. O Ilú me fortalece, lapida a minha humanidade e desvela o meu olhar. Me impulsiona a agir. O Ilú me faz mais consciente das muitas formas de ser mulher negra.

Vejo o Ilú como um espaço de proteção, no qual ser quem eu sou é valorizado, mas isso não quer dizer que eu não seja constantemente desafiada a me desenvolver.

Logo que entrei, a Sossô foi a primeira pessoa a me chamar pelo nome. Fiquei surpresa. Como ela sabe o meu nome em meio a esse mundaréu de mulheres? Aí acendeu uma luzinha... Passei anos me escondendo na invisibilidade que já me era imposta estruturalmente. Na organização do naípe, me posicionei atrás, afinal a vida toda esse foi o lugar reservado pra mim. Entendia que a negritude me empurrava para a

invisibilidade, mas em um naipe de maioria negra, não fazia sentido, mas como entender isso? Sossô e Cris já faziam o convite “vem pra frente, aqui é o seu lugar”. Fiquei uma ou duas vezes, e estou buscando e descobrindo o conforto desta posição. Em 2018 as lindezas Isabella e Rebeca organizaram uma rifa. A vencedora faria um ensaio fotográfico com elas. Comprei e não é que eu ganhei. Passei por um turbilhão de sentimentos. Da alegria vitoriosa até o medo que paralisa. Respirei fundo e percebi que não adiantava fugir e lá fui eu pra linha de frente, sob os olhos carinhosos e certos destas duas mulheres incríveis. Foi bom demais.

Tempos depois aceitei o convite para participar da Banda. Às vésperas da estreia, a ansiedade e o medo ganharam corpo e foram tomando conta de mim. Decidi compartilhar com o grupo as minhas dúvidas e inseguranças. Foi a melhor atitude. Fui abraçada por uma potente rede de apoio. Aos poucos fui me sentindo segura. Cada palavra, cada pensamento, cada carinho foi fundamental para que tudo desse certo e a minha estreia fosse pura beleza e potência. Acho que sorri como nunca...

É isso, o Ilú me ajuda a cuidar um pouco mais de como me vejo, como quero ser vista e como este olhar me ajuda a entender que posso estar onde quiser, e que este é mais um jeito de ocupar espaços de poder. Recebo tanto deste coletivo. Entendo a urgência em equilibrar um pouco mais o fluxo da minha relação com o Ilú... agradeço e quero oferecer um pouco mais da minha presença e parceria.

Maria Fernanda da Silva – Mafê

A potência de cada mulher do coletivo

Durante toda nossa vida somos ensinadas que o universo feminino é fraco, maluco, histérico, que as mulheres brigam entre si, que ser mulher significa sofrer e sentir dor. Quantas meninas escutam, quando começam a menstruar: “isso dói mesmo, mas ser mulher é assim”. Isso me custou muito! Custou, talvez, a saúde, pois passei a vida lidando com uma endometriose e pensando que a dor era normal, “mulher sofre mesmo”. Pior, até valorizando a dor porque isso me fazia mais mulher, mais resistente. Me custou também muitas oportunidades de vida, de carreira, de ser plena e feliz sem tanto peso, sem tanta dor

E foi disso que o Ilú me ajudou a sair!

Há quatro anos eu participo desse coletivo e eu sempre me surpreendo e me encanto. Ao início de cada ensaio me chama atenção como é possível, a partir do sonho de algumas mulheres, a reunião de tanta gente e tamanha estrutura no meio do centro de São Paulo, para tocar e cantar temas tão marginalizados por essa sociedade doente.

Algumas mulheres sonharam. E lutaram. E reuniram cada vez mais mulheres sonhadoras e lutadoras. E hoje nós realizamos o espetáculo mais bonito do carnaval de São Paulo, além de uma luta cuja importância beira o indescritível.

Estar no Ilú é entender-se como potente, capaz e segura. Porque é no Ilú que, mesmo em tempos difíceis e opressores como o que vivemos agora, nós entendemos que não estamos sozinhas e não somos poucas. Somos muitas e fortes.

O meu grande encantamento no Ilú é entender que o Ilú é possível. E assim reforçar que toda essa potência existe em cada mulher e no coletivo das mulheres. Reforçar que ser mulher é ótimo, é forte, é resistência mas a resistência não precisa significar dor e guerra o tempo todo. Que há muita resistência e potência no sorriso, no nosso carinho, no nosso afeto, no que é belo.

A cada crença limitante que cai, um mundo novo se abre, cheio de possibilidades. E no Ilú eu vou derrubando as crenças sobre o universo feminino, entendendo que cada mulher tem um mundo de possibilidades e de potência, que fica ainda mais forte quando estamos juntas.

Por último, é no Ilú que eu aprendo a escutar. Sou uma mulher branca e isso me coloca num lugar de atenção e respeito, pois o Ilú é das mulheres negras e para as mulheres negras. Eu me sinto privilegiada de poder participar, poder escutar, poder aprender com as manas. O sentimento é de gratidão.

Desde que entrei no Ilú eu me transformei muitas vezes, e o Ilú é combustível e apoio dessas transformações. Eu mudei de carreira, me reconheci como artista, fiz as pazes com o universo feminino.

Eu carrego o Ilú na pele e no coração. O Ilú me transforma a cada encontro, de forma gradual e acolhedora.

Carolina Pedrosa Cardoso Itocazo

Minha experiência carnaval 2019 dentro do agogô

Tempos de Alakan, tempos de aliança e se eu tivesse que resumir em uma palavra meu processo nesse carnaval a palavra seria RENASCIMENTO.

O Ilú tem sido a calma, a paz, a força, a luta e a esperança. Um presente ancestral na terra. E essa potência que é o agogô Me chamou para fora da escuridão e em meio a abraços, sorrisos e palavras trocadas me libertou da angustia do tempo, da falta de fé e da solidão.

Como é bom caminhar e tocar esse ferro ao lado e tanta mulher foda!

O agogô é aquele naipe do “VENHA ESTÁVAMOS TE AGUARDANDO, QUE BOM QUE VOCÊ CHEGOU, BEM VINDA AO NOSSO COLO E AOS NOSSOS BRAÇOS”.

Na sexta – feira do cortejo, fui tomada por um misto de bons sentimentos, Fé, esperança, determinação, coragem, prazer, razão para ser e razão para viver, ali pela primeira vez em muito tempo pude enxergar a mulher que sobreviveu a todos os seus piores dias até aqui. E ali eu compreendi que desaguar também é sinônimo de força, água um dos elementos mais essenciais da natureza ela transborda, derruba, inunda, corta, evapora e vira chuva e quando eu imaginei que ali seria o fim do rio ele virou mar e ouve salvação naquela avenida.



Eu só tenho a agradecer pela vida dessas mulheres que me ensinaram que lutar é preciso e necessário e que se reconstruir quantas vezes forem necessárias, também faz parte do processo evolutivo de cura.

Enfim, estou repousando nos campos verdes de meu pai Oxóssi.

Oxóssi tem feito de mim fortaleza de sentimentos bons e abundância de espírito, sinto prazer em viver e não alimento amarguras, minha mãe Oxum tem diariamente adoçado meu ser.

Minha eterna gratidão ao Ilú por me aproximar da minha ancestralidade

e a essas coordenadoras que tanto amo, admiro e respeito!!

NOSSO AFETO É POTÊNCIA

Renata Martins

O amor renasceu das cinzas

Meu nome é Luzia.

Para começar a fazer o relato sobre o meu processo no Ilú Obá De Min e, em especial dentro do naipe do agogô, o que este Coletivo representa em minha vida hoje, gostaria de pedir licença a Mateus Aleluia pra citar trechos de sua música: Amor Cinza

“Na linha do horizonte tem um fundo cinza,
Pra lá dessa linha eu me lanço e vou,
Não aceito quando dizem que o fundo é cinza,
Se eu vejo cinza como início e cor
Vamos celebrar,
O amor renascerá das cinzas,
Vamos festejar o cinza com AMOR.”

Foi exatamente o que aconteceu comigo quando conheci o Ilú: O amor por mim renasceu das cinzas e hoje apesar de algumas dores (físicas e da alma) eu quero festejar o início deste meu renascimento.

Foi muito difícil para mim conseguir me inscrever no Ilú, pois sou de uma geração que tem muita dificuldade com



computadores e por várias vezes perdi a vaga , até que o universo conspirou a meu favor e, no último dia , um ser iluminado do Ilú me orientou a preencher a ficha e ligar pra ela que no mesmo instante ela disponibilizaria uma vaga para o Agogô.

Esta pessoa que me ajudou até hoje não consegui saber quem é. Mas terá minha eterna gratidão e peço todos os dias tudo de melhor para a sua vida.

Nesta noite não consegui dormir de tanta felicidade, queria contar pro mundo que eu tinha conseguido me inscrever, para tocar agogô no Ilú Obá De Min.

Parece bobagem, mas para mim foi uma vitória, um pequeno desafio vencido.

Durante o processo de ensaios para saída no carnaval, sofri uma fratura de tornozelo e fui orientada pelos médicos que não poderia ficar muito tempo em pé e nem fazer caminhadas longas, portanto deveria deixar de ir aos ensaios e começar a tomar um medicamento controlado (cloridrato de tramadol durante 30 dias).

Pensei durante dois dias e me rebelej, não tomei o medicamento resolvi continuar ensaiando, pois eu sou a única conhecedora das minhas dores, e que estar no grupo para mim era terapêutico.

Suportaria as dores físicas se a minha alma estivesse leve e feliz, mas não aguentaria se não compartilhasse sorrisos, afetos, aconchegos, choros, colo, olhares.

E, durante as três horas do ensaio, não sentia dores. Parecia algo inexplicável, mas a Sossô me disse um dia: isso é explicável sim.

Comecei a pensar por quais motivos agora que eu estava aposentada não me permitia fazer coisas que me dão prazer, logo agora que tinha tempo para realizá-las.

É claro que vivi muitas repressões, que sofri rejeições, frustrações, não reconhecimento, invisibilidade (em espaços públicos e privados), mas eu não poderia ficar imobilizada diante de tudo, precisava reagir e buscar ajuda, pedir socorro se percebesse que não daria conta sozinha. Neste momento senti muita confiança em algumas pessoas do grupo.

Estava refletindo, me olhando internamente e percebendo que poderia vivenciar tantas experiências saudáveis. Coisas que poderia fazer pela primeira vez sozinha, apenas com minha companhia.

E me desafiei a fazer algo que tinha muita vontade, mas não tinha coragem, fui a um bar sozinha entrei sentei no balcão e pedi uma cerveja, fiquei um pouco envergonhada, mas resisti e fiquei, me senti o máximo.

Poderosa!

Sinceramente eu queria ir ao ensaio muito mais pelas emoções que estava sentindo do que aprender os toques. Tinha que sentir todos sentimentos e tudo desviava minha atenção.

Queria ver a dança, ouvir os tambores, observar como conseguiam dançar com pernas de pau. Estava maravilhada.

Tudo era terapia para mim, me curava, não sentia dores.

Precisava a todo momento Joana, Deia, Rosana Inácio e Rebeca Figueiredo me trazerem para o toque: presta atenção no toque Luzia, olha, é assim, olha pra frente.

Obrigada companheiras por todo carinho e paciência.

Semana que antecedeu a saída do Bloco, foram muitos sentimentos envolvidos (medo, insegurança, euforia, vergonha, solidão, alegria, tristeza, vontade de fugir) e veio a Drica, Elenice e Elisiane me convidando para ficar no Quilombagem Alakan. Como me senti feliz e acolhida ao ver que essas Mulheres estavam percebendo minha ansiedade e querendo me ajudar.

Foi um momento maravilhoso estar me arrumando com este grupo.

No cortejo, como me senti grande, maravilhosa, importante. Foi muita emoção, um momento único. Após este processo, me sinto menos tímida, mais sociável, mais corajosa, menos tímida, mais rebelde, mais feliz.

Muitas outras boas mudanças irão acontecer em minha vida, agora tenho certeza. Este coletivo é um espaço que tem as suas contradições, mas tem muito mais afeto, companheirismo, acolhimento, compartilhamento, potência.

Eu só tenho a agradecer.

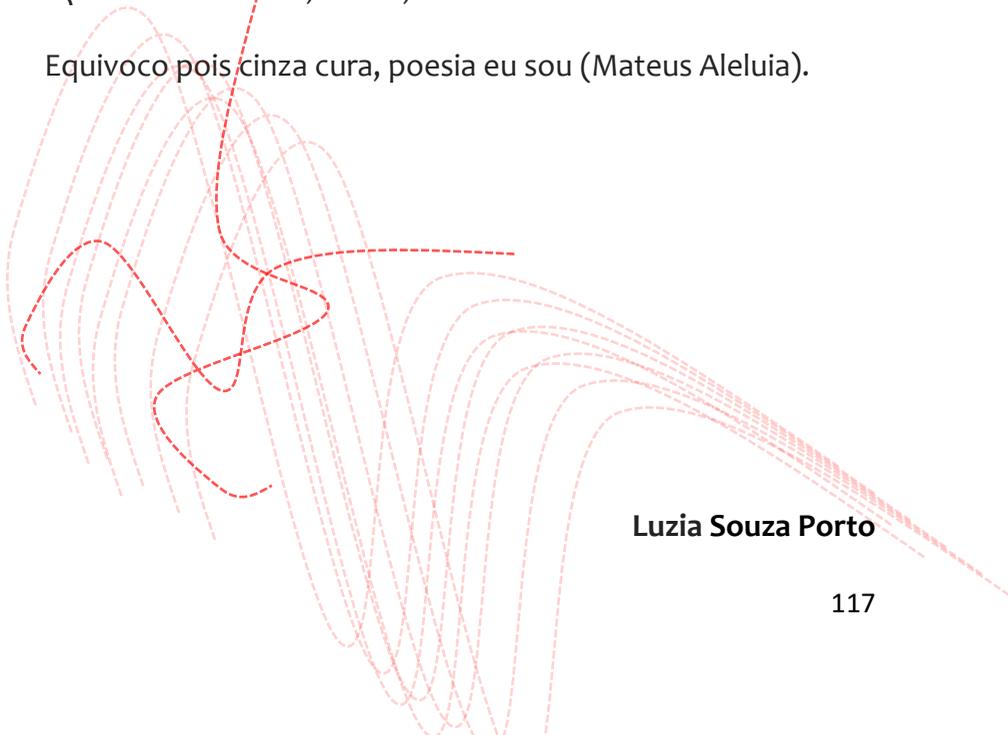
Minha gratidão a Cris Blue Guerreira, Sossô Mulher de olhar Carinhoso, Daiane de Sorriso Lindo, Aline Gueiros Menina Mulher Maravilhosa, Gisele de Paula Rainha.

Obrigada Haydê do Xequerê por me emprestar o seu Agogô.

Gratidão Mauro Aulicino por me incentivar e me acompanhar neste processo.

Quando tudo finda, dizem, virou cinza.

Equívoco pois cinza cura, poesia eu sou (Mateus Aleluia).



Luzia Souza Porto

Dos ventres que têm força e resistência

Trago no olhar os brilhos, os anseios e as responsabilidades de tocar com o coração. Trago no olhar o que meu coração toca, traduzo com ternura o que a minha ancestralidade me torna e me movimenta.

Nas ondas negras que são nuances e potencias. Eu sorrio, danço, toco, canto e luto!

Reexistir e ressignificar a dor e a morte, o sangue e a luta.

Meus passos vêm de longe, do Jardim São Luís ao centro e ao vento, do ventre. Sagrado. Eparrey!

Sagrada eu. Sagradas nós, joias e juntas tocando e nos tornando luta.

Vimos dos ventres que têm força e resistência, por isso trago nos meus olhos, no ventre e nas mãos o meu legado, e a minha história.

Não calo e não paro.

Venho com a força, do ventre, do ventre, do ventre que venta e acolhe, venta e me move, tantos ventres tocando, rimando e lutando. Juntas. Sementes. Em mente. Sempre em frente. Enfrente!!!!

A luta continua. Continuemos juntas!!!

Paloma Nunes

Eu sempre estive aqui

Deixei de ser plateia, de ir ao cortejo sozinha, de chorar em silêncio toda vez que perdia o melhor do meu carnaval. Deixei de lado o medo, a falta de tempo e a equivocada sensação de que eu não sabia nada de música.

Eu posso aprender a tocar no Ilú?

Deixei a dúvida de lado e voltei a ser desejo, vontade, vai se inscreva, você pode, talvez lhe chamem, você vira integrante. Deixei de ser interrogação, virei certeza. Sim, eu estou aqui.

Na verdade, acho que eu sempre estive aqui. Aliás, por que eu saí daqui?

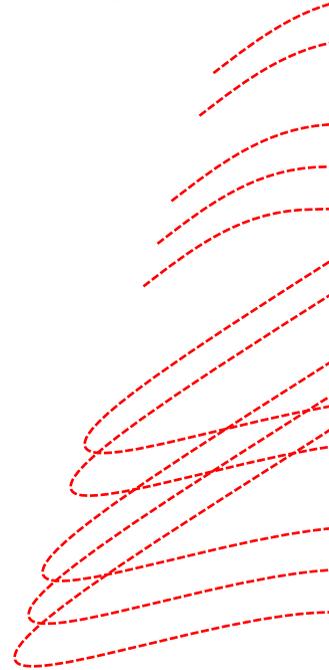
O Ilú não é começo. O Ilú é retorno. E eu voltei. Voltei para minha origem, para o coletivo, para o feminino. Voltei para entender de uma vez por todas que minha força é ancestral, voltei para me reconectar, para rever todas as mulheres que fizeram e fazem parte de mim.

Voltei para aprender. Sim, é claro que eu consigo aprender a tocar no Ilú. Aprender a tocar, sorrir e cantar como a Cris Blue. Preste atenção no toque, escute os outros instrumentos, olhe para a mulher que está ao seu lado, a gente sai em fila, somos um corpo só.

Deixei tudo pronto para sexta-feira de carnaval. Confeccionei a baqueta, coloquei as fitinhas no agogô, deixa eu ver se está

tudo certo com a maquiagem... tira foto, abraça, beija, reza ...
Deixa o nervosismo de lado, Aline, você ensaiou, você sabe...
olhe quanta gente na plateia! Respira fundo, sorria e curta.
Esse momento é seu!

Laroyê, Exú.



Aline Oliveira

Uma loba pronta para enfrentar a floresta

O Ilú atravessa minha vida em muitas vertentes. Eu o conheci através da fala de uma pessoa que me apresentou o maracatu e disse: “o Ilú é o bloco mais lindo da cidade”, e quando assisti ao cortejo eu sabia que queria estar ali, e assim foi. Quando eu fui à primeira reunião, ao ouvir o canto pra Oxalá, chorei. Não estava entendendo nada. Nada sobre orixás, nem ser negra, não ser branca, eu só queria estar com aquelas mulheres. Eu me via nelas.

Eu me inspiro e com elas busco ser a versão mais verdadeira de mim mesma. 2018 foi o ano em que meu Filho nasceu, dentro desse bloco praticamente. Nasceu 3 dias antes da sexta feira, saída de 09.02.2018.

Então, o ano de 2018 começou com meu processo de maternagem. Morrendo e nascendo. Nesse mesmo ano nasceram mais outros 3 meninos de mulheres que estavam no agogô. Vivemos essas barrigas juntas e no carnaval 2019 a gente estava sempre trocando anseios, alegrias, perrengues.

Tão bom ter vivido o processo de carnaval que fala de aliança com outras em que me reconheço e admiro num momento tão delicado que é o puerpério. Sair de casa e poder tocar, cantar foi essencial no processo de encontrar a nova mulher que nasceu com o João. Eu não posso oferecer nada a esse grupo além da minha eterna gratidão e vontade de ser uma pessoa melhor pra mim e pro mundo que eu vou deixar pro meu filho.

Eu me banho da energia vital de todas essas mulheres e saio do ensaio feito uma loba-que-se-alimentou muito bem e está pronta para enfrentar a floresta. Mulheres guerreiras unidas, esse mundo vamos dominar.

Dani Silva

Das dúvidas ao empoderamento

Há exatos 3 anos, no Aparelha Luzia, eu e minha mãe (Arlete) conhecemos naquela noite mulheres muito especiais que, a partir dali, mudariam nossas vidas. Nada mais, nada menos que minha madrinha Cris Blue, Generosa, Sandra (Alfaia), Analu (Alfaia) e Marília (Canto).

Conversamos muito, ao som do "Tributo a Gonzaguinha" e elas me falaram que faziam parte do Ilú, nessa época eu era casada e morava na rua da Sede Antiga (Al. Eduardo Prado).

Eu sempre ouvia o Ilú tocar, achava lindo, mas nunca imaginei que poderia fazer parte desse bloco, porém, naquela noite, elas me falaram, "Sim você pode e precisamos de mulheres pretas!!!!!!!"

Passaram-se alguns meses e elas tentaram me avisar a data da inscrição, mas eu perdi rs...

Estava viajando e ninguém me encontrava, mas depois consegui entrar nas vagas remanescentes e cá estou, ainda bem, ainda bem!!!

A Fabiana que chegou em 2017, sem saber tocar nada, cheia de dúvidas e alguns complexos, que não conseguia usar vestido curto, por vergonha das coxas grossas, que não saía do salão sem recolocar o mega Hair, pois nem sabia como era seu cabelo, hoje se encontra aqui, muito empoderada, fortalecida por esse lugar, tocando e dançando,

(porque cantar junto, ainda é um processo em constante desenvolvimento rs).

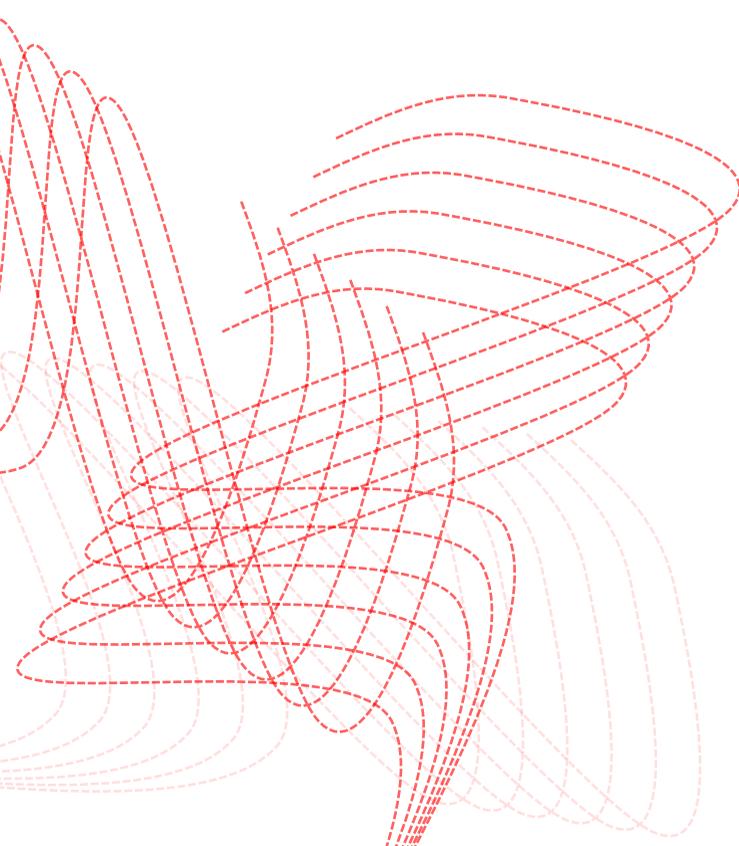
Hoje posso dizer que não há Fabi sem Ilú Obá e sem Ilú Obar rrs (meu Deus como bebo hoje em dia...)

E pra me fazer mais feliz, esse ano, mamis, minha parceira da vida, entrou no Ilú, no Xequerê né? mas tudo bem hahaha

Como é maravilhoso cada minuto, cada troca, só agradeço meninas...

Muito obrigada por me permitirem ser e pertencer ao Ilú Obá!

Amo vocês!!



Fabiana Xavier

Um respiro, lugar de resgate

Entrei no Ilú como um respiro.

Um lugar de resgate, para ser alguém além de mãe.

Tive uma gestação delicada,

um parto violento

e um bebê INCRÍVEL.

Sabe aquele presente que a gente não espera e que só nos faz bem?

Então.

Estar no Ilú é a fresta que eu precisava para perceber que eu merecia mais. Que sou mais.

Sem título, sem endereço

Parir é hiato

Rasgamo-nos

Para dois novos.

Parir é saber que o infinito desconhecido
está breve
Sem saber que em breve
todas as certezas estão chegando ao fim.

Ser Ilú é como parir diariamente,
Lentamente.
Cada ensaio um aprendizado
Uma reconstrução.

Que chato!

Contraí
Respira
Espera
Contraí
Respira
Espera

Segue o fluxo

o tempo vai passando

E vai batendo um desespero

Como se aquela constância não fosse nos levar a lugar algum.

E eu preciso ir para algum lugar?

Qual é o sentido disso tudo?

E dói!

E quero quer fugir

E tento.

Mas a verdade é que não dá mais

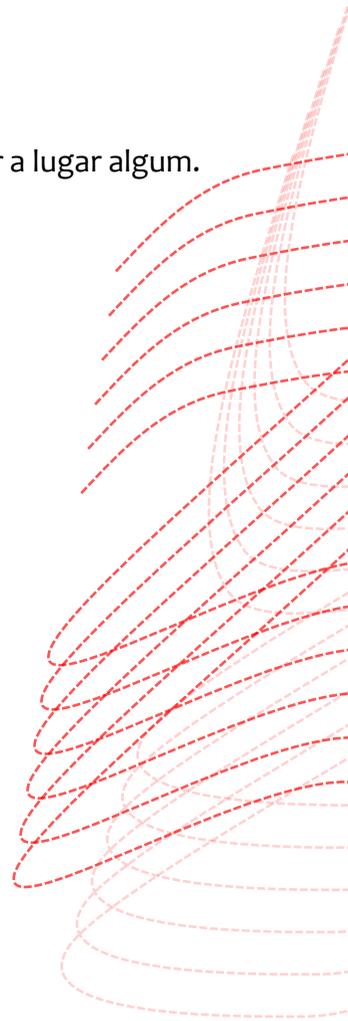
A fresta já abriu

A mudança já aconteceu

E eu vou seguindo.

Contraí

Respira



Espera

Contraí

Respira

Espera

Segue o fluxo

Uma mudança no visual,

Um amor novo

Um amor velho que eu nem sabia que amava

Que eu nem sabia que tinha, na verdade.

Entranho-me

Ancoro-me

Ahhhhhhhhhh

O tempo parece que passa mais rápido agora

Descontrolo



sem querer

E isso me dói mais ainda

O Kén Kon do relógio indica a finitude

De algo que eu achei que só fosse crescer.

Mas, porque que eu estou aqui mesmo?

Silêncio

Gritos

Choro

Ahhhhhhh tá

Era

isso?

Eu renasci para isso?

Ufa.

Que bom.

Raquel Santos

Arrepiada

Sempre via as apresentações do Ilú e achava incrível toda aquelas mulheres juntas. No meu íntimo fazer parte era algo quase inatingível até porque eu nunca havia tocado nenhum instrumento.

Por meio de uma amiga querida (Ana Paula Evangelista) que já fazia parte do Ilú soube que haviam sido abertas as inscrições, achei interessante mas por me achar sem sorte não dei muita atenção na hora.

Cheguei em casa fiz minha inscrição e algum tempo depois recebi o e-mail informando que eu havia sido selecionada. Meus olhos brilharam eu não estava acreditando que tinha sido tão "simples".

Depois percebi que de simples não tinha nada, imagina tocar agogô , cantar em português, iorubá e fazer passinhos, rs.

Fomos chamadas para a primeira reunião no Museu da Energia, quando cheguei e vi todas aquelas mulheres juntas me senti arrepiada. Essa é a sensação que define todo meu processo dentro do Ilú, eu constantemente estava arrepiada.

Arrepiada pela união, pelas palavras de acolhimento, por segurar pela primeira vez um agogô, por não ter dinheiro pra comprar o meu próprio e ainda assim em todo ensaio ter alguém que pudesse me emprestar. Por poder fazer parte de

uma composição coletiva, arrepiada em trocar ideia com mulheres tão iguais e tão diferentes ao mesmo tempo, por finalmente ter conseguido o meu próprio agogô e pela minha filha ter pedido um agogô de Natal pro Papai Noel, rs. O arrepio era meu novo estado de espírito. Quando a Nega iniciava o ensaio lá vinha ele, quando a gente finalizava com a roda de mulheres satisfeitas com o resultado do ensaio o arrepio ainda estava presente.

Estava em busca de me encontrar, aceitar novos desafios como mulher, enquanto negra, enquanto mãe solo. Disposta a vivenciar novas experiências que a maternidade havia me "barrado".

No início eu me assustei, achava que de setembro até fevereiro seria pouco pra pegar todos os toques, depois de alguns ensaios já conseguia me sentir segura e satisfeita com a minha evolução. Graças ao trabalho das coordenadoras, que mulheres!!!!!!

Parece clichê, mas o Ilú mudou minha vida, me fez enxergar de fora pra dentro o quanto a união de mulheres pode ser transformadora e o quanto olhar pra dentro de nós é importante para que ocorram transformações coletivas. É um ciclo sem fim, uma troca infinita, você dá o seu melhor e recebe o melhor das outras.

Compartilhar essa experiência com a minha filha reforçou ainda mais que a maternidade tem sim alguns limites, mas que

é possível fazer algo por você sem aquela sensação de "deixar" sua cria de lado. O agogô, o Ilú nos abraçou de uma forma tão maravilhosa que me arrepio em lembrar cada demonstração de afeto que eu e Isa recebemos. Era emocionante ver a evolução dela, a minha, a nossa como um coletivo.

Pela primeira vez na vida eu tinha um compromisso com algo que me fazia bem, um relacionamento saudável com pessoas incríveis, me sentia parte de algo.

O arrepio que tomava conta do meu corpo é algo difícil de explicar, mas vou tentar.

Imagina um grupo formado por mulheres, mulheres tocando instrumentos que até então só víamos em mãos masculinas, tocando e cantando letras que te fazem refletir sobre a sua existência, sua resistência e sua ancestralidade. Agora imagina fazer tudo isso ao lado de pessoas que você admira e da pessoa que você mais ama, sua filha de 6 anos.

O Ilú é força, resistência, arrepio e, acima de tudo, muito amor.

Priscila Estevão / Isadora Estevão



Agogô

Hoje o agogô tem um significado muito importante na minha vida... é ferro batendo... é força.. é caminho... é Ogum!

Conheci o Ori Ase... admirei aquelas mulheres que iam para rua tocar tambor, eu ainda não era iniciada no Candomblé, mas os tambores já pulsavam dentro de mim.

Esses tambores acentuaram suas batidas e esse pulsar vai ficando cada dia mais forte, aí ...conheci o Ilú Obá De Min.

Comecei a ir ver a saída do Ilú e queria ver aqueles pernaltas, aquelas mulheres maravilhosas tocando, me lembro de um ano que chovia tanto que não tinha guarda-chuva que desse conta... outra vez a minha companheira passou mal e tive que recuar do cortejo... mas aquele momento era único...ver o Ilú Obá De Min sair!!!!

Em seguida conheci algumas mulheres que tocavam e me convidaram para harmonia... aí sim... senti fazendo parte... queria cuidar, queria ser!

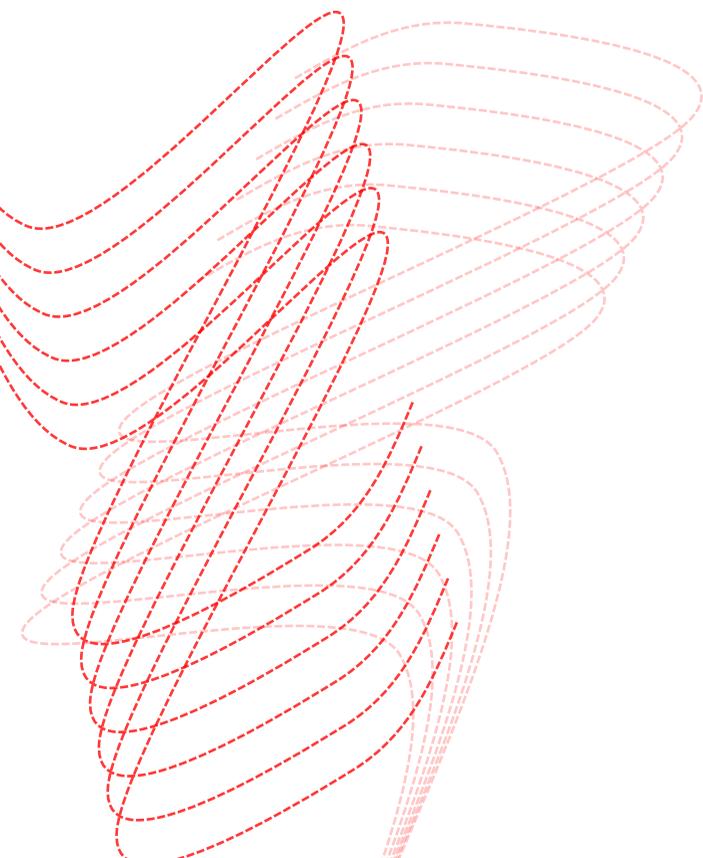
No ano seguinte... pronto... hora de fazer a inscrição, era muito especial estar de verdade dentro! Mas eu não sabia tocar ... será que eu consigo?! Era essa a grande pergunta vinha a mente.

Mas foi lindo e assustador ao mesmo tempo... fui acolhida e começamos o processo... Elza Soares... Diva!!!

Foram tantas emoções pelo caminho dessa aprendizagem, porque era para tocar, cantar e dançar...simmm, mas era para ser irmã, entender os lugares de fala de cada uma e como isso fortalecia o coletivo.

De lá para cá, sei que o Ilú, e principalmente o agogô foi um espaço de recriação de valores e amores e hoje não me imagino sem esse lugar!

Muito Ase para toda essa beleza!!!



Analú Camargo

Minha autoaceitação e força para continuar

Bom, minha história com o Ilú começou de forma muito inusitada, num dia uma amiga, que já fazia parte, me ligou e disse: nega, vai agora e acessa o site de inscrição do Ilú, você precisa fazer parte disso tudo!

Eu não sabia que naquele momento, eu estaria dando o primeiro passo para o meu autoconhecimento, minha autoaceitação e encontrar forças para continuar uma luta que até então eu me via sozinha!

Assim como cada mana integrante dessa família, eu tenho uma história de superação, resistência e reafirmação da minha raça. Meu nome é Grazielle, tenho 36 anos, sou negra, periférica, formada em tecnologia da informação em uma faculdade pública, trabalho como educadora social junto as crianças em situação de vulnerabilidade, ou seja, sou uma mãe social!

E nesse meio o Ilú veio para fortalecer o meu diálogo junto a essa juventude negra, periférica e sem perspectivas reais.

Quando eu encontro as manas do Ilú e vejo a força no olhar de cada uma, o carinho em cada abraço, a força em cada fala... ahhh pra mim é como se eu estivesse me vendo em cada uma, uma sensação de pertencimento, um aconchego em meio ao caos do mundo! Ouço o toque dos tambores...meu coração dispara, e quando toco o agogô, parece que uma guerreira

guardada dentro de mim se mostra! O tempo para! Naquele instante eu me transporto para um outro lugar no espaço, é muito louco colocar isso em palavras, mas realmente é o que eu sinto!

E hoje eu sei que o Ilú não é só um bloco carnavalesco, mas sim uma família de guerreiras negras que se cuidam, se protegem, se transformam a cada dia! Somos resistência, amor, raiz, respeito... somos o Ilú Obá De Min!

Graziele Joyce de Souza

Carnaval 2019 – Negras vozes – Tempos de Alakan

Ao buscar um ponto para marcar o início desse processo de carnaval me dei conta de que meu processo no Ilú não tem marcos precisos. Para chegar até aqui acho que essa Maíra começou a se forjar em algum ponto do processo do carnaval 2017, meu primeiro ano no Ilú Obá. A sensação de estar no Ilú já era, desde então, mais do que participar de oficinas para preparação de um cortejo de carnaval. Sentia que esse era um lugar para se estar, um lugar para nutrir se nutrir dele.

Não sabia muito o que iria ser. Depois do cortejo de domingo aquele sentimento de vazio pelo fim dos ensaios misturado com um certo conforto em saber que em 2018 o Ilú e eu estaríamos novamente lá. E aí vieram os atos, o 13 de maio, a banda e tudo virou um estar e seguir juntas enquanto chegava o novo tema, o novo processo de oficinas e o meu segundo cortejo Akotirenes – Ybi das mulheres quilombolas já com o saber de que o fim de um processo já é o início de um novo ciclo.

E estando no Ilú fui vivendo Negras vozes tempos de Alakan. Começa a ser gestado bem antes da abertura das inscrições. Foi construído por momentos de luta, no reconhecimento da necessidade e da potência desse lugar de comunhão entre as mulheres negras e da soma com os movimentos sociais, na dor incomensurável ao marcharmos pela perda de Marielle... na

fúria que vira força e arte nas ruas pela justiça e pelo respeito em um ano tão duro e tão potente.

Em tempos tão sombrios, viver a importância do estarmos de fato juntas. Saber que é tempo de lembrar que somos muitos, que somos força e que a caminhada desde aquele manifesto nas escadarias do Teatro Municipal já resiste por 40 anos.

O carnaval segue se forjando no acolher de novas companheiras, no integrar de novos sons, corpos e mentes que vão se moldando, se acomodando e se torando um naipe. Cada toque, cada sorriso, cada cantiga, cada desafio, cada ritmo, cada superação formando um novo corpo e ganhando cada vez mais energia. Energia que transborda iluminando nossa sorte e fortalecendo nossas negras vozes, juntas em Alakan, por mais um ano no Ilú Obá De Min.

Maíra Cavalcanti Rocha

Singular e Plural

Meu primeiro contato com o Ilú Obá De Min foi por acaso.

Estava sentada em uma mesa de bar e vi passar uma horda de mulheres tocando, pulando e saudando Carolina Maria de Jesus. Lembro de ficar encantada com o tamanho do bloco e furor daquelas pernas e tive a honra de fotografar ambas saídas do Ilú homenageando Elza Soares no ano posterior. Até que alguém me viu fotografando, no meio daquela bagunça, e começou a dizer que “Não, não, não, não! Você está errada!”.

Se sentir inadequada é, infelizmente, uma sensação comum para mulheres negras e minha primeira reação foi abaixar a câmera e me sentir mais uma vez invadindo um espaço que não me cabia. O mundo, o continente, o país, a rua, um misto de todos aqueles lugares que já haviam me cuspidos de alguma forma. Porém o Ilú Obá De Min é um espaço de sim, de adequação, de sensações, salivas e acertos. Aquela mulher completou aquelas sequências de não enfáticos com “Tá errado isso! Você não tem que estar aí fora, tem que estar é aqui dentro com a gente!” e foram essas as primeiras palavras que eu ouvi da Cris Blue, me engravidando com um agogô e discurso.

Fazer parte desse grupo é uma redenção. De todos os não, das ruas que nos cuspiam e hoje abrem passagem para saudação dos orixás, do país que nos sequestrou história e corpos, desse continente e dessa terra que regamos com sangue, suor e sons. É na certeza de que esse mundo vamos dominar que eu existo em meio as outras e me enxergo em outras e renasço a cada

domingo. Reparo dos cabelos, de postura, de fala, de sentidos que reabilita minha existência.

No Ilú eu reencontrei minha voz, minha fala, meu discurso e forma de atuar no mundo. Sou no singular e sou singular porque existo aqui no plural, em muitas. O Ilú me faz crer em uma possibilidade de sociedade comunitária, artística, feminina, feminista, ancestral, acolhedora, construtora e democrática. E essa crença existe porque essa vivência existe e é uma realidade regada em encontros e tambores.

Estou extremamente feliz e honrada em fazer parte desse grupo. Confesso que nunca imaginei estar aqui, eternizando um discurso e agradecendo tamanho reconhecimento por ser quem eu sou, por existir quanto mulher negra, lésbica, artista e educadora, ser valorizada por isso e ver minhas parceiras sendo reconhecidas por serem os seres maravilhosos que são. Sendo valorizadas por serem herança feminina da negritude.

As pessoas mais influentes da minha vida sempre foram mulheres. E cada dia que passa admiro e preciso mais delas. Sou grata por ser uma mulher, por ser uma mulher negra, por seguir lutando e contribuindo com minha capacidade de amar, de ter empatia, em fazer do conhecimento uma fonte de libertação e criatividade. Não se enganem, estamos aqui fazendo muito mais que carnaval. Criamos a cada final de semana uma sociedade em que ninguém mais nos cale, nem nossos medos e receios de sermos inadequadas. O mundo nos pertence, ele que se adeque a nós.

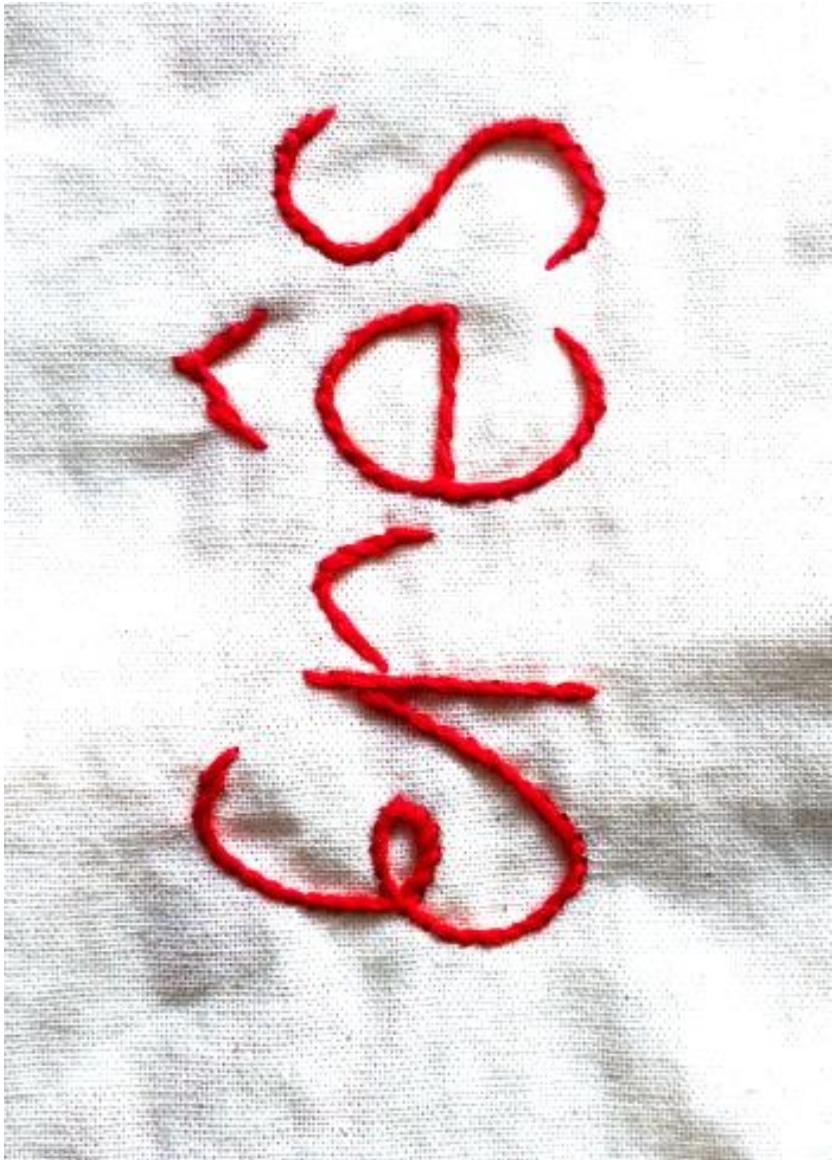
Agradeço infinitamente a oportunidade de aprender e compartilhar tanto com minhas companheiras de Ilú, parceiras de agogô, com Sossô Parma e Cris Blue que tanto me ensinam e transformam meu ser a cada encontro.

Que essa instituição continue encantando as pessoas através da arte. Estimulando o que os seres humanos podem ter de melhor. Fazendo com que sonhemos de novo, lutemos de novo e resistamos mais uma vez. Que o mundo, o continente, o país e todas as ruas se curvem, se abram e reverenciem quem tanto renegaram. Que possamos viver nossa plenitude, encontrar nossas vozes, e que o sussurro venha só como opção. Que possamos gritar, falar e sermos quem somos em toda nossa plenitude e que a cor de nossa pele, nosso CEP e gênero não nos coloque como alvo, nunca mais.

Desejo que a alma de cada uma que passou por essa instituição conquiste o mundo e que esse texto seja um lembrete do nosso potencial infinito apesar de todos os não que recebemos. Somos a própria existência de todos os sim que nos foram negados. Nós artistas, temos o poder de mudar o mundo, de criá-lo e reinventá-lo quantas vezes quisermos. E vamos seguir fazendo mesmo que tudo comece por acaso. Que o mundo se prepare, estamos apenas, começando.

Hoje tenho certeza de que aquelas palavras da Cris Blue para mim foram uma das mais importantes lições que ganhei. Ela tem toda razão. Está errado isso. Você tem que estar aqui. Dentro do mundo. Dentro da rua. Dentro de si.

Daiane Pettine



erê

s



Alicia Santos

A alegria trazida dos ensaios

Foi num domingo de carnaval de 2017. O Ilú e a Tetê fazem 12 anos e ela desenha a estreia de sua mãe no agogô e nos encantos do ferro. Nesse dia ela decide se juntar ao exército de mulheres que inunda a cidade, comandado pela filha de Odé.



Desenho feito por Tetê Rossi

Ela queria estar perto da mãe e da alegria que a mãe trazia na volta dos ensaios. Ganhou mãe e madrinhas, despertou cedo para a maravilha de estar entre mulheres que se reconhecem e se admiram, se cuidam e se curam. Ganhou rua, o respeito e convivência com seus moradores. Ganhou vida e axé.

Amo vocês e agradeço, agradeço e agradeço,

por Renata Rossi, mãe de Tetê Rossi



O nascimento e a redescoberta

O processo de construção do Carnaval de 2019 foi também um processo de redescoberta. No carnaval anterior tive a companhia do meu pequeno, que crescia, se nutria dentro de mim, e alterava constantemente toda a minha compreensão de mundo e sociedade.

Estivemos juntos durante os dois cortejos do ano de 2018, e como um sinal de calma, após passada a folia de carnaval, e fechando o ciclo do mês de fevereiro, Gael chegou ao mundo no dia 1 de março.

Os meses seguintes foram de descobertas, medos, e muito afeto. E conforme tudo se normalizava, eu conseguia aos poucos começar a fazer escolhas individuais, escolhas que ajudariam a me reencontrar após a maternidade. Mas assim que se iniciaram as inscrições para a permanência no Ilú fui consumida por um medo que não imaginava. Mas tomei fôlego e fui, repetia diariamente como forma de conforto: “Eu preciso, vai ser bom pra nós dois!”

E assim se iniciou a construção de mais ano do cortejo do Ilú. Lembro que no primeiro encontro saí ansiosa de casa, mas chegando no Anhangabaú fui tomada por vazio, que apertava meu peito a cada instante. Aos poucos, uma a uma as mulheres foram chegando, abraços de boas-vindas, sorrisos que falavam:” que bom que você está aqui”. E assim iniciei meu terceiro pré-carnaval com o Ilú Obá De Min.

Tive dúvidas sobre a necessidade e a importância de estar participando não apenas de um bloco, mas principalmente de

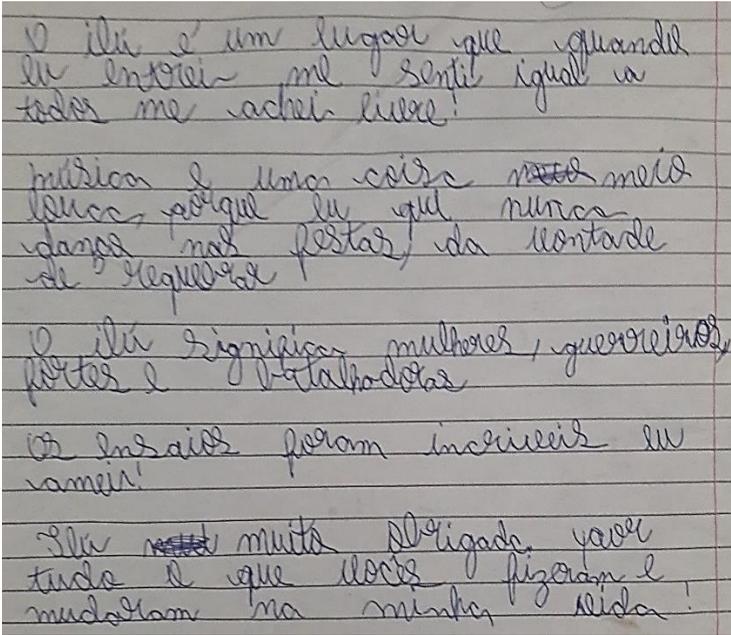
uma rede de mulheres, que, com as suas individualidades e particularidades, construía, a cada fim de semana, não apenas um cortejo que abria o carnaval de São Paulo, mas que fortalecia e fazia ecoarem as vozes de diversas mulheres, de cada canto de SP. E a cada nova composição compreendia a importância do Ilú, não apenas para mim, mas para um grupo que se fortalecia a cada encontro, fazendo sol ou chuva.

E a poucas semanas do cortejo de sexta-feira, ao fim do ensaio de um domingo, meu corpo, como uma forma de descarregar toda uma bagagem emocional que estava sendo carregada desde o nascimento do Gael, transbordou, e emoções que estavam só esperando o momento ideal começaram a se traduzir em lágrimas. No mesmo instante ganho abraços de afago, que não queriam saber o porquê das lágrimas, mas que confortaram o turbilhão das minhas emoções.

E chegou o grande dia, o frio na barriga, o medo de atrasar e a certeza que estávamos fechando mais um ciclo. E mesmo em meio a toda a ansiedade do grande dia, enquanto terminava de me arrumar, olho pra baixo e vejo os olhos de encantamento do Gael, me abaixo e ele pede para ser amamentado, e naquele instante me tranquilizo. Ao terminar de mamar ele levanta e me olha novamente, olhar de admiração, e que sem nenhuma palavra dizia: “bom cortejo mamãe”.

Raysa Silva

Mulheres fortes, batalhadoras



O Ilú é um lugar que quando eu entrei me senti igual a todas, me achei livre.

Música é uma coisa meio louca porque eu que nunca danço, mas nas festas dá vontade de requebrar.

O Ilú significa mulheres guerreiras, fortes e batalhadoras.

Os ensaios foram incríveis, eu amei.

Ilú, muito obrigada por tudo o que vocês fizeram e mudaram na minha vida.

Marianna R Pacheco

A sabedoria dos Erês

Como todo mundo que faz parte do Ilú sabe, ele chega nas nossas vidas no momento em que a gente mais precisa. E comigo não foi diferente.

Em dezembro de 2017, tive a minha primeira grande crise de depressão e ansiedade. Me vi em meio a um abismo, não tinha forças pra sair da situação a qual me encontrava. No agogô, me vi cercada de carinho, gentileza, afeto, amparo, fé... aliás, muita fé e muito asê! Sim, nosso afeto é potência e com o apoio dessas mulheres incríveis, consegui superar esse obstáculo e com muita luta, consegui sair no cortejo de 2018.

No entanto, essa crise me fez refletir sobre meu trabalho, minha família, e para estar mais próxima do meu filho, pensei em sair do Ilú.

Estava decidida.

No último dia de inscrição para o carnaval de 2019, eu enviei uma mensagem para uma amiga (Juliana Vieira) dizendo que era o último dia de inscrição para quem já fazia parte do Ilú e dizendo que, em breve, haveria inscrição para as novas.

Meu filho, que estava brincando, para a minha surpresa, estava ouvindo a conversa e me perguntou se eu não iria me inscrever.

Eu disse que não, que queria passar mais tempo com ele. Para o meu espanto, ele me disse que só poderia ser feliz se eu fosse feliz. E que ele sabia que eu era muito feliz tocando agogô. Ele disse ainda: "Sabe, mamãe eu vou sentir a sua falta, mas pra te ver feliz vale a pena."

A sabedoria e a abnegação dos erês é algo surpreendente e na mesma hora fiz a minha inscrição!

~~Essa situação com o meu filho me fez perceber o quão importante é fazer parte do Ilú... posso dizer que é terapêutico até!~~

~~Foi nesse processo que me aproximei ainda mais do randomblé e pude vivenciar momentos de plena conexão com meus Orísás. Agradeço também ao Ilú Obá por isso!~~

Fazer parte desse naipe é ter a certeza de não estar só. É ter uma rede de apoio potente, é saber que terei minhas irmãs fortalecendo nossos projetos, dando os puxões de orelha quando necessário e amor SEMPRE, a todo instante!

Sou extremamente grata a todas essas mulheres pelos abraços, (destaque para o abraço da Raquel, me sinto revigorada cada vez que o recebo!) sorrisos, por receber aquele olhar que acalenta... tem sido uma experiência única! Vocês foram e são fundamentais para o meu processo de cura.

Com o Ilú Obá, me percebo como força motriz, capaz de impactar positivamente milhares de pessoas!

O cortejo desse ano foi muito especial. Ver Conceição Evaristo, Erica Malunguinho, Maria José Menezes, Jupiara Castro, Milton Barbosa, Cuti Silva e tantas pessoas que foram imprescindíveis para a luta contra o racismo, foi extremamente inspirador, fortalecedor... Palavras são incapazes de descrever o que senti quando chegamos ao Teatro Municipal e vi nossxs griots ocupando as escadarias e os pernaltas se transformando em personagens tão importantes para o movimento negro.

Da mesma forma, é indescritível a sensação de ver as pessoas chorando ao acompanhar nosso cortejo, receber um abraço de agradecimento de um desconhecido na rua que nos assistiu e se emocionou... Um misto de amor, alegria, gratidão e uma sensação de dever cumprido sem igual!

Agradeço profundamente as nossas coordenadoras Cris Blue, Sossô Parma e Dai Pettine por todo apoio, carinho e por serem exemplos reais de amor e afeto.

Bruna Lais

O acolhimento e nossas histórias



Aqui tem a amiga Isadora, Priscila Estevão, Negravat, Cris Blue (com seu antigo Dread), Daiane Pettine e Sossô.

Beatriz Felisberto

Cresci, Aprendi e Amadureci

Entrar no Ilú Obá De Mín foi uma grande experiência para mim, cheguei com minha mãe, vi mulheres que me representavam muito e que admirava através das redes sociais.

Iniciei em 2016 no carnaval de 12 anos de Ilú, onde eu também completava 12 anos. No primeiro ensaio, eu e minha mãe conversamos muito sobre o significado de estarmos no Ilú e as responsabilidades com os ensaios. Quando chegamos em casa continuamos a falar sobre o carinho e paciência de ensinar que as coordenadoras do naipe têm.

O Ilú significa pra mim o acolhimento das mulheres e as composições fortes de muitas histórias que são nossas e que algumas vezes foram retratadas nos livros de histórias que contam como eles bem querem. E no Ilú estamos juntas para nos fortalecer e aprender umas com as outras de maneira que o nosso caminhar seja mais tranquilo.

Nunca tinha tocado um agogô antes, este instrumento com o qual me identifiquei no primeiro contato, no primeiro toque e no primeiro susto com o barulho, até que chegasse a sentir o verdadeiro som que representaria para a minha vida e a da minha mãe. Aprendi o Ken Ken, Kon kon, ficou a semana toda em minha cabeça, foi o toque mais lindo que meu coração vibrou, comecei treinar as composições em casa com minha mãe, mas não conseguia cantar e dançar, além do que eu não tinha ritmo, era muito desengonçada, aos poucos fui

aprendendo e conseguindo tocar, atualmente fico lembrando como foi sensacional todo esse processo.

Para a minha maior alegria no carnaval de 2018/2019, no mapeamento deste carnaval, fui responsável pela abertura de ponta. Como? Pode eu ser tão responsável assim por uma fileira? Agradei muito pela confiança e dei o meu melhor, alinhava a fila aqui e ali, vi que era a hora de ter mais responsabilidade, entrei criança no Ilú, e agora, na adolescência, sei o quanto aprendi com todas nós e a confiança que foi dada, esse realmente foi um dos momentos mais incríveis pra mim ao longo de todo processo de carnaval, pude ver o quanto cresci, aprendi e amadureci.

Sou grata a minha mãe que me trouxe, grata às agogatas por todo o carinho e a todo o Ilú Obá De Min, que me ensina, o tempo todo, a história de meus ancestrais!

Ana Luiza Andrade

transmission

TRANS

MU

TAR



Primeiro ano de Ilú

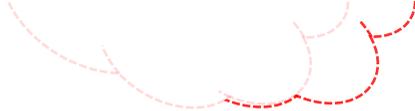
O primeiro contato com o Ilú aconteceu em 2018. Após vários convites feitos por minha tia MaFe, resolvi assistir a um dos últimos ensaios na Praça do Patriarca, antes do cortejo daquele ano.

Fiquei emocionada! Assistir aos vídeos gravados é bonito, mas nada se compara a estar presente em um ensaio e sentir toda a força ancestral presente naquele conjunto de vozes, dança e bateria. Nos dois dias de cortejo, dei minha contribuição participando da harmonia, no cordão humano.

Aos poucos fui me aproximando, e além da minha tia outras mulheres me perguntavam: "Vai entrar no Ilú?", "Tá esperando o que pra entrar?".

Confesso que senti medo da responsabilidade que é fazer parte de um coletivo como esse. Medo de me comprometer com as atividades, ensaios, reuniões; de não aprender a tocar, de me sentir burra em meio a tantas mentes geniais. Hoje, em 2019 sou integrante do Ilú e deste naipe. E consigo ver o quão valioso foi ter me permitido conhecer o novo. Meu ciclo que amizade carece de pessoas pretas e conscientes e aqui pude encontrar essa pluralidade.

Me sinto pertencente e sei que está tudo bem e é lindo ser quem/como sou. Uma mulher preta, crespa, gorda e periférica.



Ainda há muito que aprender, e sei que estou no caminho certo.

A primeira reunião pós processo de carnaval foi enriquecedora e fortalecedora. É lindo ver o afeto e a confiança sendo exercidos diante de cada coração aberto com seus relatos. Se havia alguma dúvida, hoje sei que não pretendo deixar o Ilú Obá.

Não vão nos calar! E quero exercitar um olhar mais empático com relação a mim mesma. Me enxergar tão linda quanto outras mulheres que admiro que possuem características com as quais me identifico. Além de começar a usar meu cabelo solto, verbalizar mais, ser mais ativa contra posturas racistas, machistas e lesbofóbicas que acontecem ao meu redor. Ah, e cantar, tocar, dançar e sorrir tudo em sintonia, hahaha, o que ainda é bem difícil!

Que potência esse afeto!!

Gratidão Mulheres, Gratidão Ilú Obá De Min!!

Fabíola Cristina Silva

Memórias – Ilú Obá de Min

“Ilú Obá. Ilú Obá De Min

Ilú Obá, Ilú Obá De Min

Ilú Obá, as mulheres que tocam tambores

Ilú Obá, salve a soma das forças das cores...”

Ilú Obá é força.

Ilú Obá é descoberta.

Ilú Obá é o meu Sagrado Feminino.

Em 2016, motivada por minha mãe e por um grupo de amigas, mulheres pretas, me inscrevi no naipe do agogô pra participar do processo de Carnaval 2017.

A primeira vez que vi o Ilú Obá, num cortejo de Carnaval, chorei! E assim aconteceu várias outras vezes. Eram choros emocionados, mas que também causavam um certo desconforto porque mexia com sensações tão profundas, que não sabia decifrar.

Dentro do Ilú me transformei. Me afirmei como mulher preta, e senti, através da “resistência do ferro do agogô”, toda uma

história que estava junto a mim, firmadas por minhas ancestrais, trazidas pela ancestralidade.

A força do feminino e do sagrado, também tomou o seu lugar. Esse feminino, hoje tão cerceado pela disputa, pelo machismo e pela imposição do tempo capitalista e da produtividade, foi desbravando espaços de conquista, libertando meu corpo de padrões projetados, de cabelos comportados e de amor implorado.

Me libertei da pílula e me entendi mulher, dona de mim, cíclica e cheia de potência!

Salve a rede Ilú Obá. Asè Ilú Obá De Min.

“Mulheres guerreiras unidas,
Esse mundo vamos dominar!”

Carolina Giannini

Nós, mulheres, únicas e múltiplas

Ilú Obá De Min... mãos femininas que tocam para o rei Xangô (Kaô Kabecilê!). Escrever este registro é tão subjetivo, uma vez que fazer parte deste coletivo aconteceu em uma fase em que tudo na minha vida era mudança, e, curiosamente, desde então nada fora mais estático. Meu contato com o Ilú se dá primeiramente pela minha irmã, que é integrante do corpo da dança, Cibelle.

Sempre via e ouvia em seus relatos e apresentações a revolução que este bloco gera: aflora senso crítico, legítima a riqueza de nossa negritude e a importância de estarmos entre as nossas, mulheres pretas, pois isso nos reestrutura, e fortalece o laço de nossa própria história e ancestralidade.

Acompanhei os processos de carnaval do Ilú Obá por oito anos como telespectadora dos shows e cortejos, tinha em mim um misto de respeito, admiração encanto e sentimento fecundo de que chegaria o momento certo em pedir licença aos Orixás para fazer parte do Ilú. Este momento chegou em 2017 para ser integrante no carnaval de 2018.

Nunca tive dúvidas sobre qual instrumento gostaria de apreender a tocar nas oficinas de rua, curiosamente, ainda que tivesse a referência potente da dança pela minha irmã, que faz parte do naipe, sem justificativa plausível, uma vez que nunca tive contato com instrumento algum. O naipe das mulheres de ferro, agogô, era o que queria pertencer desde o momento em

que decidi me inscrever (e a vontade, assim como as descobertas, só aumenta).

No primeiro encontro das integrantes do processo de carnaval em 2017 para o cortejo de 2018 na sede, me senti uma menina, que sabia de certa forma o que era Ilú Obá De Min, mas, a partir daquele momento, estaria pertencendo e sentindo com concepções e vivências próprias, e isso me deu o popular frio na barriga (que responsabilidade).

O primeiro dia de oficina de rua foi repleto de momentos que refletem até hoje tudo o que sinto e vivo no processo, me lembro de ser uma das primeiras a chegar ao Vale do Anhangabaú e ver aos poucos as outras mulheres chegando também, me recordo ainda com fluidez da referência que foram as falas de Cris Blue e Sossô; sabia quem eram ambas há tempos e por isso nutria um respeito e admiração inenarráveis (o que também, pela convivência, só aumenta).

Se posso indicar o ponto em que senti na pele o protagonismo das mulheres pretas definitivamente no Ilú Obá foi este: no primeiro dia do ensaio, eu sem entender sequer a organização das filas (onde cada integrante deveria posicionar-se), eu ouvi de Cris Blue para ir pra frente, perguntei assustada: “eu?!” e tive o sorriso natural e maternal que só ela consegue dar, o que me deu ainda mais segurança para aceitar e abraçar este processo por inteira.

No meu primeiro dia de oficina de rua no Ilú Obá tentei tocar com o apoio das integrantes antigas que estavam próximas, e ao mesmo tempo buscando estar atenta a Beth Beli, regendo com uma força de presença que impacta sempre. E aos poucos tudo isso, essa multiplicidade que é ser Ilú Obá foi tomando corpo, forma e a consciência, aprendi e aprendo tanto, fiz tantas amizades, irmandades, risadas, gargalhadas, lágrimas de emoção de oração, de cansaço diante das pelejas da vida em que a persistência vem da certeza de nossa resistência na vida, no canto em coro, no tocar nas ruas para os nossos ancestrais, para as que estão aqui hoje e todas as nossas que ainda virão. O coletivo Ilú Obá é um dos poucos espaços em que vivencio a autorreflexão dos privilégios, seja de mulheres não negras ou mulheres cis.

Melhorias e amplitude de ideias sempre são necessárias precisas porque elas não nos permitem estar em uma zona de conforto em que poderia condicionar a uma perigosa condição estática em ser sempre igual em um mundo e sociedade tão cíclicos.

Me vem à memória uma lembrança bonita que me comove pela simplicidade da iniciativa e justamente onde pode se ver sua grandeza: O Ilú Obá De Min organizou-se enquanto instituição para ato em protesto pelo assassinato de Marielle, nesse mesmo dia eu estava participando de outras reuniões, cheguei em cima da hora, cansada, profundamente triste, e

tendo ainda esquecido meu agogô em casa; diante disso me ofereci a ajudar no cordão humano, organização habitual para delimitar espaço e possibilitar uma melhor organização do trajeto. Foi então que Sossô Parma, ao me ver, cedeu para mim seu agogô e ainda o seu lugar para que eu pudesse tocar como forma de resistência e luto pela perda de uma mulher preta que falava por milhares que não têm voz nesse país, nem vez. Chorei por todo trajeto e no final dele, dei um longo abraço em Sossô que espero nele ter verbalizado meus sentimentos com muito mais precisão do que qualquer palavra que eu proferisse naquele momento.

Meu segundo ano como integrante no Ilú Obá me trouxe maiores e melhores entendimentos pessoais e do coletivo, além da vontade de contribuir com tudo o que for possível e preciso, entendo que a melhor forma de fortalecer cada vez mais o Ilú Obá De Min é fazendo parte dele, me comprometendo e entendendo que nós mulheres, seres únicos e múltiplos, fazemos e somos o todo. Me emocionei assim que o processo de oficina de rua em 2018 começou quando vi que além de aprendizes eternas já éramos também veteranas e tínhamos a incumbência pessoal de ajudar as integrantes como fomos ajudadas, motivando-as a seguir em frente e ao nosso lado.

Ilú Obá De Min é afeto, é resistência, mas principalmente para mim é força! mulheres pretas com visibilidade, mulheres que

administram, planejam, produzem musicalmente, artisticamente, estatisticamente para entender quem somos, de onde viemos e para onde estamos seguindo, é a potência que só sente quem vive. E que alegria poder viver Ilú Obá, que seja assim, que seja sempre, que seja próspero.

Axé.



Giselle de Paula

Quando eu aprendi sobre oralidade

No primeiro ensaio que eu participei do Ilú eu chorei. Achei que a minha cabeça estaria muito preocupada em tentar tocar sem nunca literalmente ter colocado um agogô na mão, ou em me enturmar (eu, tímida e quieta, no meio de tantas mulheres que já sentia serem maravilhosas demais). Mesmo sem entender absolutamente nada, senti uma emoção e um conforto tão grande que me entreguei, como se estivesse no lugar certo na hora certa.

E não entender nada é absolutamente real. Vim de uma formação cristã que, de uma forma ou de outra, desconhece tudo relacionado a crenças de matriz afro-brasileira. Nunca tive contato com nada relacionado a isso, então o conhecimento estava perto do zero.

Só não estava tão crua porque já estava participando das aulas de dança afro na sede, então isso me ajudou demais. Quando cheguei ao Ilú para os ensaios, já vim despida de alguns preconceitos porque já estava no meu processo de reconstrução de identidade, como mulher negra fruto de uma história muito maior, mais bonita e mais rica do que a falácia que colocaram goela abaixo da gente na diáspora. Vim querendo aprender tudo que pudesse.

Aí a primeira coisa que aprendi é sobre a oralidade. O aprendizado vem do estar junto, de participar, de vivenciar, de olhar, de testemunhar. Eu sou a louca dos livros e textos, além

de ansiosa, então sempre espero que tudo esteja escrito para eu e preparar! A parte mais difícil foi saber que isso não seria possível, haha, teria que viver tudo, passo a passo, com calma. Estava esperando alguém mandar um Manual da Integrante do Ilú Obá De Min.

Haha.

Aos poucos, fui entendendo a forma como tocamos, dançamos, agimos, como tudo faz parte de um todo, tudo tem um propósito. Fui conhecendo algumas mulheres e suas histórias. Sentindo o carinho das coordenadoras mais incríveis, que sempre quando podem pegam a gente pela mão e nos conduzem aonde precisamos chegar. E percebendo como é essencial que todas estejam envolvidas, focadas, com o bloco e umas com as outras.

Vendo o valor da solidariedade, de um olhar carinhoso, de um gesto de ajuda. Tudo isso fez o processo ser lindo, de várias formas. Nem parece que a gente está vivendo o pesadelo da conjuntura política e social aqui fora. Parece um universo paralelo que a gente devia morar pra sempre.

Aí veio o cortejo da sexta-feira. Vale lembrar aqui que eu devo ser a única pessoa que nunca viu um cortejo do Ilú antes de entrar. Então eu simplesmente não sabia o que esperar.

Foi inexplicável ver o mar de mulheres.

Renata Albino

Tudo começou com uma foto

I dentidade

L uta

U não

O dara

B aobá

A lakan

D ijo

E xu

M ulheres

I yá

N iã

Tambor chama pela mãe África

O metal chora a dor de um povo

Povo que sofre, mas não se entrega

E trás nas conchas a força para continuar na luta

Sou Mulher

Mulher negra

Filha, tia, amiga e amante

Meus ancestrais foram mortos

Minh 'alma queima

Carrego o racismo dos outros

Não sou sua morena, mulata ou cor da noite

Meu cabelo não é ruim porque não é uma pessoa

Sigo com força e axé

Em busca de um mundo envolto de amor
Mas para esse dia chegar
Já dizia o poeta

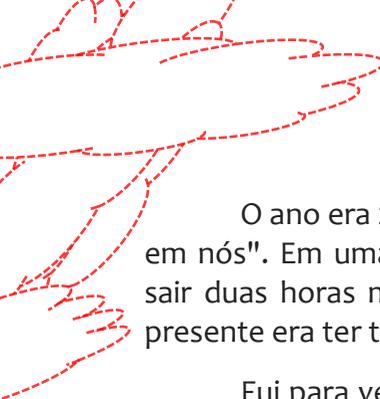
“É preciso a atitude
De assumir a negritude
Pra ser muito mais Brasil”.

***Luiz Carlos da Vila, compositor e cantor brasileiro (1949-2008)**

Tudo começou com uma foto.
Não, tudo começou com uma mulher.
Aliás, uma não, duas.
Duas não,
MUITAS!

Preciso dizer também que há um grito (ou muitos deles) no mesmo lugar, ao redor, vindos de muito antes...





O ano era 2016, Museu Afro Brasil, exposição "Carolina em nós". Em uma tarde ensolarada (daquelas que eu amo), sair duas horas mais cedo do trabalho é um presente. Que presente era ter tempo!

Fui para ver Carolina Maria de Jesus, na verdade, para ver tudo o que prepararam em homenagem a ela. No peito, o coração pulsava como o ritmo de um dos sambas que a mesma Carolina escreveu e cantou. Na cabeça, a letra era a de "Vedete da favela". Cada pedacinho da exposição tinha realmente muitos nós, tudo muito amarrado, tantos emaranhados, muitos e muitas de nós, bastava se enxergar em cada palavra espelhada nas pequenas casinhas, pude ver e ouvir até Maria Eunice falar sobre a mãe, Carolina com tanto amor em vídeo, que lembrei da minha mãe também.

No final, uma foto, a tal que disse ainda não saber se foi o início ou a continuação de tudo. Na foto, uma mulher, uma baqueta, um punho para o alto e um grito: o mais alto e mais latente pulsando até hoje, grudado na memória eterna de um registro.

Um arrepio, ao redor, um vento forte (era Oyá soprando, certeza!), nos meus olhos, lágrimas, lágrimas e lágrimas, coisas de filha D'Oxum que aprendeu a transbordar em lágrimas e palavras desde muito cedo.

Sobre gritos, mulher negra se reconhece nos gritos que dá, seja nos que denunciam ou nos que calam e até nos que ficam entalados. Mas, esse como disse, era ainda mais potente, carregava mais vozes dentro dele e cabia tudo dentro de uma mulher só.



(Foto: Beto Assen)

Curiosa, procurei ao lado da foto o nome daquela mulher e nada, encontrei apenas a descrição "**Bloco Afro Ilú Obá De Min**". Li e reli aquele nome, que forte! Obá ficou na mente, pensei também que a força daquela mulher podia estar também em carregar aquele nome bem pertinho dela ou que ela pudesse estar protegendo-o.

No caminho de volta para casa, pesquisei sobre e descobri que a potência deste nome era ainda maior, "mãos femininas que tocam tambor para o rei Xangô", Kaô! Kaô! E assim, eu conhecia o Ilú.

Ano seguinte (2017), ainda sob a pulsação daquele registro, agora no evento da 2º Marcha do Orgulho Crespo SP, uma surpresa: o encontro com a mulher da foto, fui abraçada

pelo seu sorriso antes mesmo de poder abraçá-la, de fato, porém não conseguir dizer nada sobre os efeitos e a inspiração que aquela imagem, que aquela mulher ali na minha frente transmitiam.

Ela, a famosa Cris Blue, dona de uma história feita de muitas encruzilhadas, estava ali no mesmo espaço que eu. O mínimo que podia fazer era sentar e ouvir para tentar aprender, afinal, os poros, a respiração e cada palavra dela é cheia de muita luta e sabedoria.

Em 2017, iniciar no curso de pós-graduação “Histórias indígenas e afro-brasileiras para a educação”, trouxe o presente de adentrar em uma turma predominantemente feminina. Entre essas mulheres, Rebeca e Josi, duas professoras pretas muito potentes que me inundaram com suas histórias de vida e profissão. Todas nós muito questionadoras, pouco tempo depois, já “andávamos juntas no recreio” e assim, formamos o grupo “Pontas de Lança” (que hoje é o “Porteiras da caixa de Pandora”) um território de muita partilha, acolhimento e encorajamento para cada uma. Ah, e a Josiane (Josi), disse no primeiro dia que tocava agogô no Ilú Obá De Min.

Reafirmo não saber ao certo de quantas em quantas mulheres essas lembranças serão formadas, mas sei que por muitas delas. Agora, preciso contar como conheci o Agogô... Ainda criança, na escola pública, meu lar durante longos anos de formação educacional e pessoal, uma das 4 professoras que tive (Luzinete- Arte e sala de leitura/ Luciana Venâncio – Educação Física/ Adriana – História e Soma – Fanfarra), **Soma Correa Marques** (procurem saber dessa mulher) me

apresentou e ensinou a tocar um instrumento de madeira que fazia um som gostoso, o agogô. Comecei a tocar no Projeto de fanfarras da escola em todas as datas comemorativas, principalmente em novembro, tínhamos dança afro e oficinas de percussão e em um ano também tivemos o concurso de beleza negra. Soma coordenava também em seu bairro (Itaim Paulista, zona leste de SP), um bloco afro de crianças e jovens chamado Babalotim, resistência até hoje.



(<https://www.facebook.com/425859760956548/videos/513636958845494/>).



Fiquei 3 anos na fanfarra e tive que ir para outra escola (Estado), mas jamais posso esquecer do quanto esse período foi especial e da diferença que essas mulheres negras fizeram em minha vida pessoal e escolha profissional, eternamente grata. Agora, outro recorte (minhas lembranças são assim, aparecem e querem ser ditas, sem ordem, eu só as obedeco, escrevendo), preciso mencionar uma das aulas da pós-graduação em Educação em que recebemos a visita de Alberto Tsuyoshi Ikeda, professor de Arte com especialização em música (UNESP) e discutimos sobre a importância da música para a educação, em especial, das influências e infinitas contribuições da matriz afro para a música brasileira. Nessa

noite, entre alguns instrumentos, ali estava um agogô, que me fez lembrar da fanfarra, da professora Soma, dos amigos que fiz tocando... Em seguida, Ikeda falava sobre as cantigas de terreiro e ressaltou algumas mais populares, anunciou que o ritmo seria o Ijexá e a cantiga, para Oxum, minha mãe. A lembrança que me emociona é a da Josiane, segurar o ferro (agogô) e tilintar doce e fortemente, que coisa mais linda! Que presente ganhei! Que mulher!

Agora, estamos em 2018, nos aproximando do processo de inscrição para o Carnaval 2019 do Ilú, Josi incentiva que eu e a Rebeca participemos, meu coração bate forte e pergunto a mim mesma: Será? Não consigo, não é para mim. Refleti por um dia inteiro e resolvi que sim, eu iria tentar. Rebeca não conseguiria iniciar, me senti triste por ela, mas entendi que nossas demandas também implicam em escolhas. Burlei a auto sabotagem diária, corri para o site e as inscrições estavam com problema, mando mensagem à Josi e ela me orienta a falar com a Cris Blue para ter notícias. Poucas horas depois, realizava minha inscrição e para a minha surpresa: o primeiro site que pediu minha foto para comprovação de auto declaração como mulher negra, em seguida, a confirmação: eu estava no Ilú.

Preciso lembrar que a intenção inicial era de aprender a tocar Djembê, tenho uma amiga contadora de histórias, educadora e também moradora da Zona Leste, Érica Brasil que tocava lá, mas por condições financeiras e de locomoção com o instrumento, eu fui para o agogô. Mal, sabia que seria um reencontro com um amor antigo, de fato, uma reconexão ancestral.

Agosto de 2018, primeiro encontro do Ilú Obá De Min e eu ainda pensava como seria a correria para dar conta dos ensaios trabalhando tanto, dividindo a rotina de trabalho aos sábados. Mas, ao ser recebida pelas mulheres do Ilú eu esqueci tudo aquilo, entrelacei minhas mãos às delas e segui como água, sendo dividida em gotas e sendo igualmente completada por elas. Alakan, tempos de Alakan, registrei nas fitas os nomes de minha mãe e minha avó materna nas fitas vermelhas e assim senti que já teria as forças suficientes para dar conta do que viesse, por mim, por essas mulheres do Ilú e pelas minhas matriarcas.

Há tanto para escrever, mas quero recordar da importância dos ensaios. Não era só ensaiar, só tocar, era e sempre foi trocar. Receber e dar sorrisos, abraços e olhares fortalece tanto e como eu precisava daquilo vindo de mulheres, em especial, de mulheres negras em quem me reconheço. Quanto aprendizado: e quanta sabedoria cabem em Sossô Parma? Como é generosa e contundente “Genteeeeee, agogô! Olhem para mim, eu sempre estarei fazendo os toques ou com a boca ou no braço”. Quanta força e determinação cabem em Daiane Pettine? Ela ensina dançando enquanto toca, ensina enquanto olha e observa tudo, aprendi muito com ela assim, captando pelos olhares. Quanto brilho e amor cabem em Aline Gueiros? Essa Xará é uma grandeza sem medidas, sempre me recebeu com tanto carinho. Quando estava insegura em um toque, sempre olhava para ela. Quanta firmeza e força cabem em Josi Lima? Conselheira, já falei e repito: você é certa, que presente Odé deu a esse mundo. Quantos sorrisos, forças e amores cabem

em Cris Blue? Ela é feliz até no nome. Que mulher! Que madrinha! Que mãezona! Obrigada! Obrigada! Obrigada!

Poder cantar, dançar, tocar e gritar ELE NÃO, ELE NUNCA, ELE JAMAIS com vocês me fez mais forte para estar em sala de aula resistindo. Ter a energia na volta para casa após cada ensaio reverberando no peito era uma graça das deusas sem tamanho. Eu ainda estou de pé, seguido de mãos dadas com vocês!

Nesse processo de Carnaval 2019, preciso dizer que fiz jornada tripla de trabalho para me manter e como dei conta? Não sei, afinal, eu sempre sentia o cansaço somente depois do ensaio. Eis aí a força e potência da mulher negra, com vocês eu sou muito mais forte.

Sobre a saída da noite de 1 de março de 2019, lembro do boicote que sofremos no centro de São Paulo ao nos receber com ruas em imenso breu, lembro dos gritos de alerta para os buracos e do medo de sermos atingidas por algo (pedra, tiros), o coração acelerava, são tempos difíceis e nunca foi fácil, mas estávamos em bando e como cantamos “O Quilombo Ilú Obá não se cala”, nos embrenhamos abrindo caminhos. Lembro da minha comoção em não conseguir mais tocar e ser tomada pelas lágrimas ao ver Conceição Evaristo e ver os membros do MNU nas escadarias do Municipal, o único local que nos recebeu com luzes acesas.

Sobre a saída do dia 3 de março de 2019, o sol despertou para nos ILUminar, e logo no início do cortejo, lembro da chuva caindo sob nossos corpos como uma lavar de

almas. Foi um reafirmar nossos territórios, nossas existências e de celebrar nossas vidas: estamos vivas.

Às vezes, as palavras não dão conta de expressar tudo o que carregamos na memória. Mas, escolhi documentar tudo assim, do jeito que as coisas saem em mim. Não sou mãe de filhos carnisais, sou de parir textos. E como tudo começou com um grito, sigo, escrevendo, gritando. E desde sempre, nunca andamos sós.



“O SILÊNCIO NÃO SALVARÁ, MOVIMENTO!”
Ilú Obá De Min

Aline Mariano de Oliveira

Com o fogo de Xangô e com o sopro-tempestade de Iansã

No carnaval de 2014, o Ilú Obá De Min cantou, tocou, dançou, vibrou uma linda homenagem à nossa rainha Nega Duda. E eu, que havia chegado no meio do cortejo, senti vibrar em meu peito a certeza do que mais necessitava naquele momento: o fogo, a força e a justiça de Xangô. Kaô meu pai! Na roda que se formara em frente à Igreja Nossa Senhora dos Homens (e Mulheres) Pretos, lugar de honrarias e preciosíssimo a mim e às almas da gente preta dessa Sampa, uma aquariana de cabelos brancos cantou para Xangô – e numa faísca de tempo cantou olhando para mim. Ela sem saber me fortalecia o desejo ainda morno que carregava há alguns anos, o de me esquentar inteira e dentro, dentro, bem dentro do Ilú Obá.

Ah agogô, quantos desafios você me traz, quanta permissão você me entrega! Sou grata ao Ilú Obá que me pariu novamente, permitindo-me conhecer, arriscar desafiar e amar a mulher que sou e que posso ser. A mulher que nesse caminhar-mergulhar descobriu-se tão quente quanto o tilintar sutil e agudo de seu agogô - de ferro, como é também o peito de todas nós.

A cada novo ensaio me lembro de nossa camaLEOA pegando em meus braços e dizendo: Venha preta, que este lugar também é seu! Apontando-me a frente e em frente. E o caminhar-mergulhar de cinco carnavais me traz novamente ao

lugar quente, seguro e, por que não, desafiador, que é ao lado, à frente, atrás, em paralelo ao caminhar-mergulhar tão dissonante e ao mesmo tempo tão semelhante de cada uma que se achega com seus sapatos quase gastos, com os seus planos quase nem traçados e com os passos das que vieram antes.

Com o fogo de Xangô e com o sopro-tempestade de Iansã eu caminho firme, passando por tudo o que essa existência me entrega. Eu saúdo e floresço no terreno das minhas mais velhas e junta delas eu sou Ilú Obá De Min.



Isa Santos

"Se você tem dúvidas, vem comigo... eu sou Xangô, o Rei!"

Já estava traçado eu só precisava aceitar

Eu tinha que estar lá, tinha que fazer parte

E assim aconteceu!

Ilú Obá De Min... até arrepiava

Sorria!

Eu senti o meu chamado

Eu pertenci, eu pertenço

E é tudo pra ele

Ah meu rei... sonhei

Xangô, o Rei

Foi amor, sem conhecer

Sem entender

Aceitei

Não hesitei

Não tive mais dúvidas

Vivi!

Renasci ou me encontrei

Em alguns abraços, não muitos,

Esperava mais, mas esses foram especiais, me fortaleci.

Aprendi xirês, toques, cantos...

Ai, ai, ai...

Como arrepia

Uma explosão de emoções

Sentimentos que eu mal consigo explicar

Tive tristeza quando fui esquecida

No mapa não aparecia

Senti-me invisível, sem ser notada

O que fiz de errado?

Mas logo foi consertado

Desculpas recebi



Sorri

Lembrei: Eu sou Xangô, o Rei!

É tudo pra ele... meu rei

Suspirei

Voltei pra mim

Pelo tudo que aprendi

Em casa compartilhei

Minha vivência, experiência

E não é que o “Amô” gostou?!

Na harmonia entrou, fez parte, deslumbrou-se com a arte

Esse amor é forte mesmo!

Contagia, irradia, ilumina

É poesia

É o agogô

A-GO-GÔ

Ilú Obá De Min



Fluiu

É lindo!

Meu processo foi assim

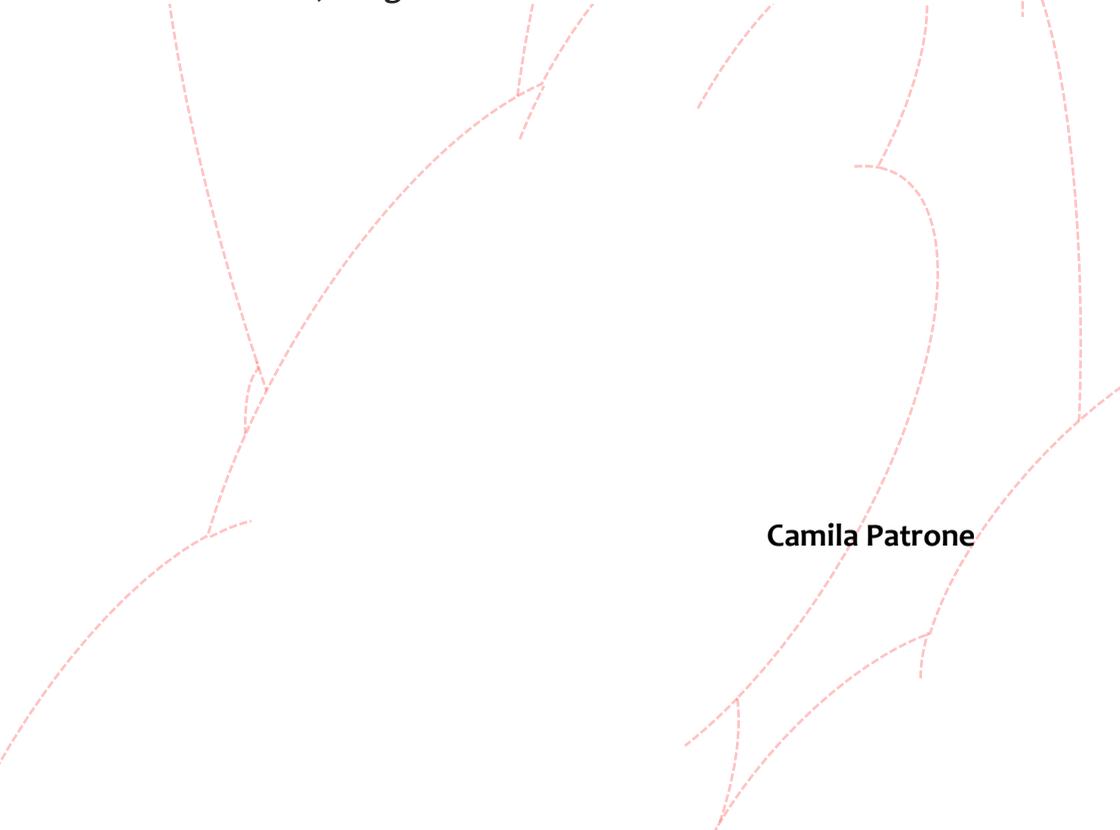
Não tem como eu não chorar, vibrar, gritar, cantar

É tudo pra ele

Meu toque é pra ele

É com amor

Kaô kabecilê, Xangô!



Camila Patrone

Pura Alquimia

Meu pai fez sua passagem em 2001, era dezembro.

Em janeiro de 2002, ainda sob forte efeito da dor da perda daquele que foi um dos meus maiores mestres, principalmente por nossas diferenças, a inquietude do meu Ser me levou até o Oriashé, e até onde eu sabia, era um grupo só de mulheres tocando tambor na rua. Foi muito inspirador na época.

A partir daí se inicia um movimento inédito em minha vida.

Chego ao Oriashé sem conhecer quase ninguém, com muitas questões pessoais, e sem saber realmente o que representava estar com aquelas mulheres, apenas sentindo uma força que me impulsionava a estar ali.

Eu vivi 3 processos de carnaval no Oriashé repletos de aprendizado musical e pessoal. Dentre tantas histórias, tem da qual eu me lembro bem que era o encantamento que eu tinha vendo a Girlei Miranda compor para o Oriashé.

Ela me inspirava muito.

Eu já compunha nessa época, mas eu não encontrava palavras nem melodias para cantar o Oriashé, pois pra mim Girlei reinava absoluta!

Mas meu sonho de compor para aquele coletivo ainda continuava...

Em 2004, logo depois de um carnaval superpotente do Oriashé, nasce o “Ilú Obá De Min” - “As mãos femininas que tocam tambor para o Rei Xangô!”

O Ilú vem diferente! Ele traz na sua essência a força de Xangô e de Iansã. Ele vem abençoado!

No mesmo instante, palavras e melodias transitaram livremente pelo meu ser, meu sonho de compor para esse coletivo virava realidade e nasceram daí parcerias lindas e muito valiosas.

A coordenação do naipe do agogô veio pra mim pelo simples fato de eu ter sido a única mulher a aprender o agogô na oficina “Toque dos Orixás” que aconteceu no C.C.Jabaquara e que culminou com o nascimento oficial do Ilú Obá De Min, em novembro de 2004. A ideia da oficina era que fossem apenas os tambores, mas eu pedi para aprender o ferro tocado para os Orixás. Portanto foi assim que eu, ainda sem muita propriedade, tentei replicar o que havia aprendido na oficina, para todas as mulheres que participaram do primeiro processo de Carnaval do Ilú Obá De Min em 2005 no naipe do agogô.

Mas eu só comecei mesmo a entender um pouco mais sobre estar nesse lugar e dessa responsabilidade durante uma série de shows que fizemos no Rio de Janeiro, quando o toque de Ogum se revelou pra mim, e pela primeira eu pude tocá-lo sem medo de errar. Parece que destravou algo em mim.

Foi como se Ogum tivesse me autorizado a representá-lo através do ferro ali, naquele momento raro e inesquecível.

E foi na firmeza desse ferro (que apenas se molda com o calor do fogo) que eu segui no naipe do agogô e nele continuo até hoje, acreditando só ser possível estar no agogô por conta do calor que permeia nossos encontros e processos.

De lá pra já são 15 Carnavais com muita história, aprendizado e conquistas.

Nesse rastro de amor, chegaram Cris Blue, Aline Gueiros e mais recentemente Daiane Pettine, pra somar na construção e entendimento de um naipe mais humano, amoroso, organizado e potente! Quanta gratidão sinto por vocês, parceiras/irmãs, assim como sinto por tantas outras mulheres que fazem a diferença na minha vida e na construção do naipe do agogô.

Penso nas vezes em que tive vontade de desistir!

Mas que legal que eu não desisti, pois constantemente sou fortalecida e alimentada por essa potência de coragem a sempre me expor, me rever e me ressignificar por tantas e tantas vezes, sem fim.

Nesses processos eu pude entre outras coisas:

- Entender e reconhecer os privilégios que tive e continuo tendo.

- Entender que em alguns momentos eu estou à frente no comando, e em outros estou em silêncio, na última carteira da sala de aula só ouvindo e aprendendo, assistindo o lugar de fala das minhas parceiras.

- Ouvir relatos do dia a dia que me fizeram chorar de tanta crueldade e outros que enlargueceram minha existência com a força da resistência e da alegria.

Sei que não somos perfeitas e acho que o aprendizado será eterno.

Nesse processo do Carnaval de 2019 em que juntas vivemos os “Tempos de Alakan”, surge uma nova expansão de consciência e de entendimento, onde somos convidadas a exercitar ainda mais o ouvir, o aceitar as diferenças, a viver a dor da perda e ainda assim, seguir acreditando que é possível compartilhar tantos saberes num coletivo tão potente e vivo como o nosso.

Confesso que eu cheguei a pensar que esse corre todo era apenas pra salvar a minha existência, mas na real ele cura e transforma a vida de tantas outras mulheres e nesses 15 anos foi possível assistir a inúmeros encontros, descobertas e verdadeiras transmutações. Alquimia pura. Adoooooooooooo!!!

Sossô Parma



Retorno a Casa

RETORNO

A

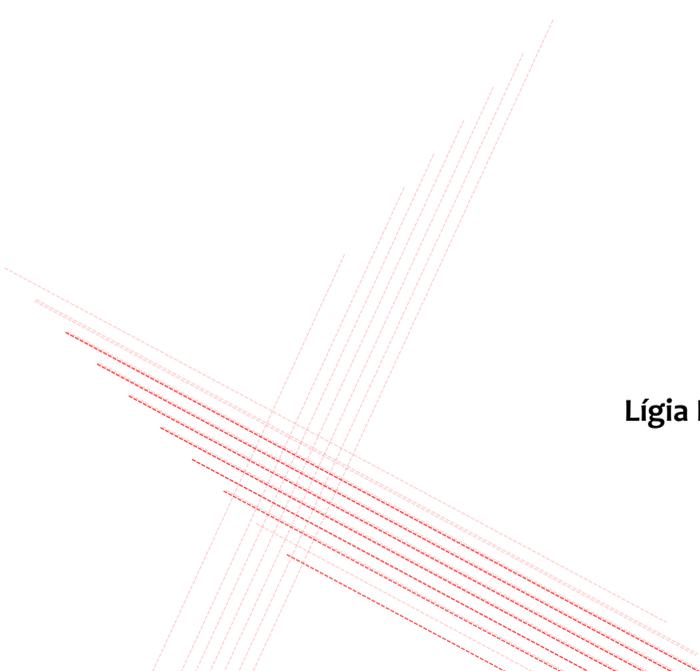
CASA

Minha semente plantada em solo fértil

Estar no Ilú tem sido um grande e prazeroso recomeço e a certeza de estar plantando minha semente em solo fértil. Quando olho pra primeira fila e vejo Marianna cantando, tocando, dançando e acima de tudo, sorrindo.

Tudo é sempre muito mágico, místico, regado a emoção. Troca de olhares repletos de afeto, sorrisos potentes, abraços transformadores. Revolucionamos com amor, por amor, através do amor. Somamos nossas dores, multiplicando nossas vitórias. Nos buscamos, nos descobrimos, nos reencontramos.

Agogô é feito colo de mãe, tem bronca se necessário, mas é certa a acolhida. É ponto de partida com a certeza de se ter sempre pra onde voltar.



Lígia Rodrigues

Uma egrégora preta feminina

Ser do agogô do Ilú!

Possibilidade de encontro e acolhida, o ritual de todo sábado e mais pra frente domingo, correr para estar presente nos ensaios com meu kit: agogô, baqueta e peito aberto para o aprendizado. Fazer parte desta egrégora preta feminina foi me encontrar todas os ensaios com minha ancestralidade.

Quando ouvia a Nega Duda cantar Laroîê Exu, foi me arrepiar e embargar a garganta, muitas vezes. A sensação era como se tivesse sido devolvida ao meu lugar. Foi ficar apreensiva quando a mestra Beth Beli se aproximava da primeira fila e foi me sentir plena ocupando a primeira fila nos ensaios, lugar este que me foi negado nas aulas de balé, na escola.

Eu senti muito orgulho de fazer parte deste quilombo, da maneira mais genuína, foi acreditar e ver que eu podia sim aprender a tocar um instrumento, que podia sim, me divertir tocando e que eu podia sim ser parte! Lá é o meu lugar e de centenas de mulheres negras, lésbicas, gordas, mães, estudantes, profissionais, meninas, senhoras.

Quando ouço o tambor me realinho e com no ferro do agogô me fortaleço, me enegreço e me alimento. Honro as mulheres que vieram antes de mim, que estão ao meu lado e agradeço por fazer parte.

Agô.

Priscila Fonseca

Eu sou Ilú Obá

Lembro-me como se fosse hoje eu repetindo essa frase como um mantra olhando para o computador e vendo o email de confirmação de minha inscrição. Meu coração pulava em festa e em alegria.

Contei ansiosamente os dias para o início dos ensaios, o primeiro encontro, a recepção, o ato ELE NÃO, aquele dia dormi exausta e com a certeza de que havia recebido um lindo presente da vida.

Aos poucos, com o passar dos ensaios, dos encontros, das trocas que se tornavam a cada final de semana tão esperadas e afetivas fui entendendo que o afeto que crescia em mim e por mim era a cada dia mais potente.

Eu vinha de um momento de desencontro comigo, com rompimentos, questionamentos e dúvidas, mudanças, estava andando, mas não sabia ao certo, como, com quem, e nem para onde.

E nesse processo me reencontrei com a menina Carol, uma menina que gosta de sentir o vento no rosto (e senti muito em nossos ensaios no Vale), que gosta de festa, de alegria e que observa o mundo a sua volta com olhos atentos e curiosos.

E eu senti muita curiosidade; em ver como as outras mulheres tocavam seus instrumentos, a relação que tinham com eles, curiosidade em saber sobre as histórias que me cercavam, em conhecer sobre os orixás, atenta aos sorrisos e as entregas tão sinceras que presenciei tantas e tantas vezes.

E a cada história que ouvia, a menina, tão em festa por participar de algo tão incrível foi se encontrando com a mulher.

E a mulher Carolina foi sentindo a potência da sua ancestralidade, a força do seu corpo político e a importância da afirmação desse corpo na rua, pelas que vieram antes de nós, pelas próximas, por nós e para nós.

Fui podendo acolher e ser acolhida, aprender e ensinar, trocar, tocar, trocar e tocar e sentindo que não mais ando só. Fui olhando no espelho e sentindo orgulho da mulher que me tornava.

E em meio a festa do Carnaval, a luta, ao afeto potente, a menina e a mulher, Carol -Carolina puderam juntas experienciar um dos momentos mais lindos que esse encontro já viveu: o renascer!

Carolina Michaela

I - (Vivida, sentida, escrita sob energia sulafricana – Kaô, Kabecilê - Na intenção de escrever uma música para o Carnaval de 2019)

Sob o olhar da montanha de mesa
Na pedreira de Xangô em África do Sul,
Pretória, Cidade do Cabo e Joburg
Onde de fala sotho, xhosa e zulu

Sopro ventarola ventania
Minha mãe Yansã
Se fazia presente todos os dias

Descendentes da segregação
Jovens e senhoras mulheres moveram uma nação
Cantando, dançando, protestando e se abraçando
Contra todo tipo de violação

Vozes negras ecoaram na multidão
Alakan Alakan Alakan
Juntas de punhos fechados
Se liga isso aqui é muito mais do que união

Vai ficar aí parado
Não vem não
O pedregulho que vocês cutucaram
Está acordado

II - Sussurro de Ogum

(Nos pediram um presente ao coletivo nos dias que sucederam as eleições de 2018... uma forma de nos abraçar, acalantar ... já deitada um dia na cama, depois de meditar, não pude deixar o sono rolar, preocupada em qual presente levar este poema eu escrevi)

Tem fé

Tem calor

Tem esperança

O ferro

Que bate

Não entorta

Tem sabor

Tem sustança

Tem segurança

Às vezes pode rachar

Às vezes pode descolar
E a baqueta que é de madeira quebrar

Tem cura
Tem o pulsar do tambor
Tem aliança

Mas nunca nunca o toque há de parar
Ilú Obá do amor que é também bonança

O fio de contas no agbê
Esta aqui pra te aquecer

Acalme seu coração
Chegamos juntos até aqui
Achas mesmo
Que vou partir?

Deixe sorrir sua criança
A elas serão deixadas vossas heranças

Sussurro de Iansã (Marielle Semente)

(Ilú Obá De Min é político sim! Mulher preta é ser política sim!
Escrita inspirada em nós mulheres feiticeiras sagradas árvores
Baobá)

Tô de olho!!!

Tu sabes a força que tens?

Se não fosse apelação

Vindo com armas de baixo calção

Tu sabes a força que tens?

Em terras onde tudo dá

Chegaram famintos malditos destruidores

Invadindo, coagindo e assustando por lá

Usurpando, violentando trazendo eternas dores

Tu és sábia, detém segredos adormecidos

Conecte-se às matriarcas

Lembre-se dos ventres vividos

E as sete voltas na árvore sagrada

Serão então revogadas

Tu tens mãos poderosas

Mãos de feiticeira

Ó Africana, tu és por natureza laboriosa

Porém teu valor foi jogado na fogueira

É o medo que os fazem se juntar

Criam formas de nos matar

Querendo a todo custo calar

Não sabendo a hora de parar

Eu já disse não serei mais interrompida

Vamos curar nossas feridas

Essa luta nunca será esquecida!

Juliana Rosa

200

Ilú Obá, de nós!

No início, parece algo íntimo, mas distante. Alakan, Laroyê, Sonsô obé ko lori eru, palavras que nos foram tiradas. Quando começa o toque dos tambores, o coração bate mais forte, uma vontade imensa de chorar um sentimento de tantas dores, e tudo se transforma em versos e luta, cumplicidade e amor.

É como se estivéssemos vivendo um reencontro necessário com presente e passado.

Tocando e cantando conversamos com as que nos guiaram, nos acompanham e nos fizeram chegar aqui.

Mergulhando em nossa essência, reconhecemo-nos em nós e em cada uma de nós. Juntas somos a fortaleza, o quilombo que acolhe, protege, exige e encoraja.

Ilú é quilombo de nós e de multidões em nós.

É história, identidade, espiritualidade.

É uma entrega com amor e beleza.

É uma reconstrução de muitos rostos, muitas vozes, muitas marcas.

É cura, aprendizado, transformação e movimento.

Esse movimento que é resistência, encorajamento, desafio.

É aprender um instrumento, tocar, cantar, dançar, abraçar.

Tudo ao mesmo tempo. É um dia estar triste e ficar melhor com um sorriso.

É estar apreensiva e encontrar sossego no olhar.

É encher de indignação o coração no grito interrompido, que na voz de quatrocentas mulheres resgata a luta de nossas ancestrais.

Uma força que vem de muito longe, ecoa a cada toque e grita mais alto quando a rua reverencia a passagem de tantas rainhas malês, Akotirenes, Dandaras, Mahins, Marielles.

E na apoteose da história que se faz presente no dia esperado da luta, da festa, da reafirmação dos nossos passos, é como uma chuva que molha a terra e faz brotar sementes, que dá o descanso e a paz de ter cumprido a missão, que alimenta e renova a coragem pra seguir na caminhada, que celebra um grande encontro de presente e passado, pra construir a luta por igualdade e justiça, de todo dia, e de um novo amanhã.

Somos tantas nessa caminhada. Plurais, diversas, potentes. Somos força e delicadeza. Diferentes gerações. Crianças desabrochando seguras, confiantes, amadas por tantas rainhas-mães.

E nem tudo é paz, também temos guerras internas, intensas, externas.

Precisamos olhar pra dentro, pro lado, pro fundo, pra frente...a fila precisa estar em harmonia e nossos corações também. É na entrega maior com nossas partes do todo que vamos superar incertezas, medos e silêncios.

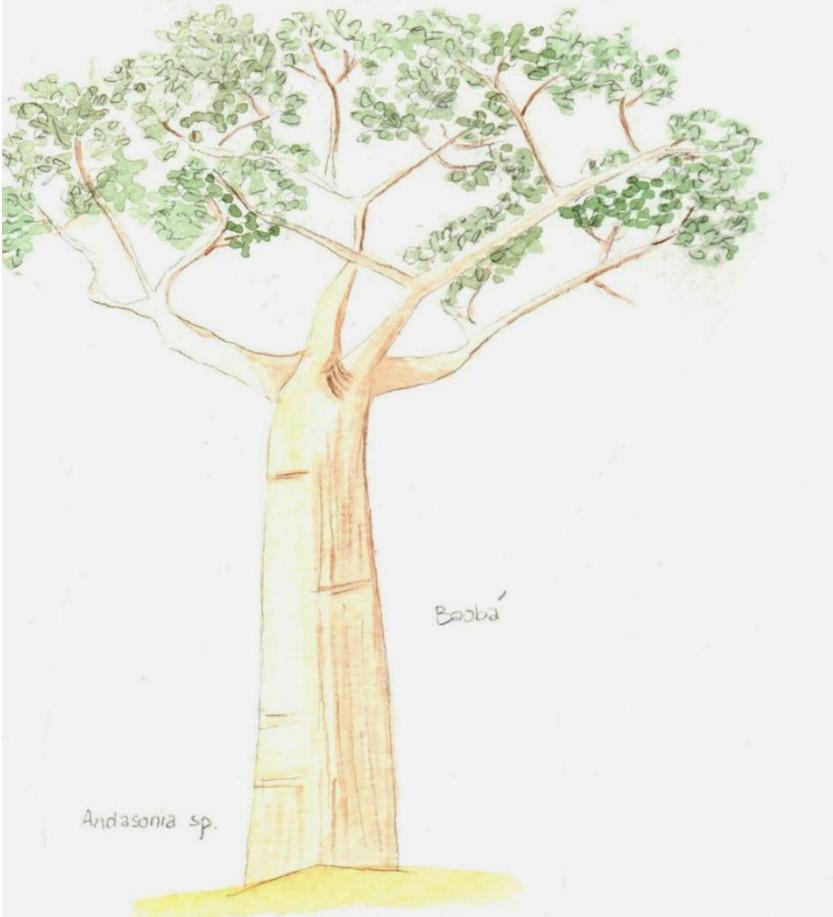
Vivemos períodos difíceis. Precisamos estar unidas, firmes, mais do que nunca organizadas e atentas a cada olhar, cada fala, cada ação ou reação.

Nesse aprendizado coletivo, negro, feminino, feminista, afetivo e combativo, o quilombo Ilú Obá se fortalece, se percebe, se reconhece, aprende, constrói, transforma. É de nós. E não se cala!

Elisiane Santos, mulher negra, mãe da Alicia, tem 46 anos. Em sua trajetória profissional, na área jurídica, luta pelo trabalho digno, por igualdade racial e de gênero e em defesa dos direitos das crianças e adolescentes. Estar no Ilú Obá é como mergulhar num mar de histórias não contadas, entender as raízes da nossa existência, por que aqui estamos e para onde vamos.

Elisiane Santos

Profundas raízes, exuberantes ramos



Minha mãe sempre me disse que tudo acontece quando tem que acontecer.

Apesar de acompanhar o bloco há alguns anos, seguindo o cortejo no carnaval e em manifestações no geral, consegui me inscrever a tempo e ser selecionada apenas em 2018.

Já estava em um processo de me reconectar com minhas origens especialmente desde o ano anterior. Filha de mãe branca e pai negro, vivi por muito tempo no limbo das mulheres não brancas nem tão negras.

Como meu pai sempre foi ausente e de fato abandonou a família quando eu tinha 14 anos, não cheguei a conviver com minhas raízes negras. Meu cabelo foi alisado por tanto tempo que eu não sabia mais como ele era em sua forma natural. Comecei o processo de transição capilar também em 2017, junto com minha vontade por ser mais ativa em pautas que envolvessem a população negra, mulheres negras, antirracismo. Apesar de nunca ter me reconhecido como branca, demorei para entender a importância de me afirmar e me empoderar enquanto mulher negra.

Em 2018 também saí de uma relação de forma bem traumática. Tinha me relacionado com um homem branco, aparentemente desconstruído e com falas vazias de apoio ao feminismo. Hoje identifico o quanto em diferentes momentos não fui valorizada ou respeitada e por que me vi sem autoestima e com crises depressivas após o término.

Quando consegui me sentir um pouco melhor, tive forças pra começar a procurar coisas que pudessem me fazer bem.

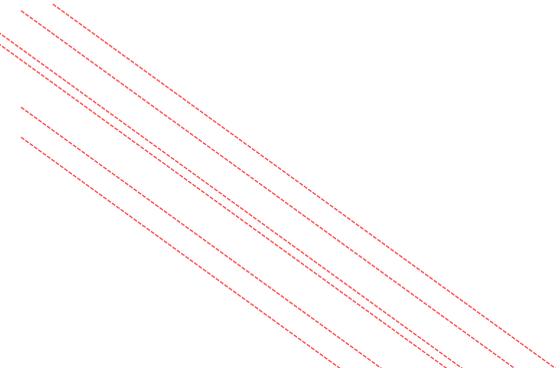
Entrar no Ilú foi o melhor que poderia ter me acontecido naquele momento. Acho que mais especificamente entrar no naipe do agogô. Aos poucos fui entendendo o verdadeiro significado da frase que tanto ouvimos: nosso afeto é potência. Os olhares acolhedores das integrantes mais antigas (preciso mencionar Cris Blue, Aline Gueiros, Dai Pettine e Giselle de Paula) foram tão importantes...me davam cada vez mais vontade de me abrir pra tudo de novo e de bom que o Ilú poderia trazer e trouxe. Conheci mulheres incríveis. Fui me afeiçoando e criando novos laços com mulheres cuja história luzia e cuja força admiro... mulheres que, finalmente, também me representavam.

As trocas nos ensaios estão presentes em pequenos gestos, nas conversas, no partilhar de nossas conquistas e dificuldades. Pri Estevão nem deve imaginar, por exemplo, como me tocou quando me ensinou um jeito diferente de arrumar o cabelo. Percebi o quanto me fez falta crescer com referências de mulheres negras e o quanto esse convívio foi aumentando minha autoestima, minha alegria por ser quem sou, meu autoconhecimento. Representatividade importa.

No mesmo ano em que me descobri filha de Oxum, o Ilú também me aproximou dos Orixás. Fui me surpreendendo com as sensações e a emoção que cada toque gera no meu corpo.

Só tenho a agradecer a todas as mulheres especiais que construíram e tornaram o Ilú Obá De Min possível. Agradecer por esse espaço poderoso, de amor e carinho, mas também de luta e força.

Pensando na árvore como metáfora, quanto mais profundas as raízes, mais altos e exuberantes podem crescer os ramos que formam sua copa. E só uma árvore frondosa é capaz de se sustentar firme o suficiente para aguentar tempestades e pra se tornar abrigo pra tantas formas de vida. Sinto que o Ilú faz isso com a gente, faz isso comigo. Ao me aproximar de minha ancestralidade, permitiu que minhas raízes se fortificassem em solo fértil e que eu expandisse. Permitiu que eu sentisse meu potencial pra crescer em busca de luz. Todas merecemos luz. É bonito nos ver expandindo juntas, nos acolhendo, rindo, chorando, tocando, cantando, lutando. Ainda me surpreendo com o poder desse coletivo. E me orgulho de ter começado a fazer parte dessa história.



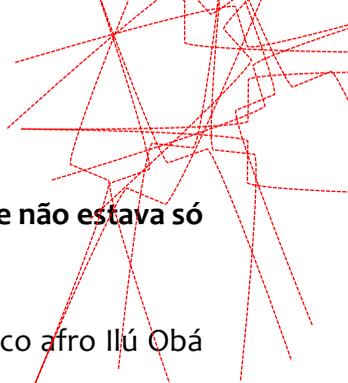
Mariana Inglez

OUTROS CARNAVAIS

OUTROS

CAR

NAVAIS



Entendi que não estava só

Agô, licença!

Há quatro carnavais toco agogô no bloco afro Ilú Obá De Min. Desde 2014, nos preparativos para o carnaval de 2015. Entrei convidada pela Generosa Maria Lima, a Gê. Um convite feito alguns anos antes, mas eu esperava condições ideais para me dedicar, participar.

O tempo foi passando e eu não alcançava essas “condições” idealizadas. Por fim, entrei num momento muito difícil de minha vida, quando não era o Ilú que precisava de mim, mas eu precisava do Ilú. Precisava de apoio, ajuda.

Fragilizada, lidando com doença na família, separação, escola pública precarizada, doutorado, sobrecarregada. O Ilú poderia parecer mais uma demanda, mas era um refúgio, estar com mulheres como eu, sob seus olhares me animava.

Tive muita dificuldade em aprender a tocar o agogô, Micha teve muita paciência e didática nos ensinamentos. Estudava em casa, durante a semana, nos ensaios, repetindo muitas vezes os toques, buscava incorporar o instrumento, eu

precisava que ele se tornasse uma extensão do meu corpo, movê-lo como se fosse minha própria mão. Extrair dele o som musical, era o desafio.

Minha pesquisa de doutorado, sobre cabelos crespos, identidade negra, me deu a oportunidade de unir esses saberes, um me ajudava a significar o outro, me apropriar da ancestralidade, da tradição oral de matriz africana. Mesmo sendo militante do movimento negro desde a adolescência, para mim esse foi um mergulho profundo na cultura da qual faço parte. Sobretudo, sendo diaspórica, foi o momento de chegar a outros filamentos dessas raízes rizomas que nos sustentam. Assim, foi nas oficinas de cantos para os orixás, ministrado por Nega Duda, e cada ensaio, no meu primeiro ano, entrando em contato com outras dimensões da negritude.

Muitas vezes eu cheguei ao ensaio sem condições emocionais e físicas. Para piorar, momentos de muita pressão desencadeavam em mim crises de labirintite, dificultando ainda mais. As dificuldades se estendiam à coreografia, em harmonizar: tocar, cantar, dançar e sorrir. Cris Blue sempre

animava dizendo que até o dia do cortejo quem não sabia ainda conseguiria. Mas não era fácil, um desafio que superei com muita ajuda. Lembro-me de uma coreografia que eu me atrapalhava, pois tinha viradas, e eu ficava tensa, com vergonha de não conseguir. Um dia Gê se encaixou em mim e fizemos o movimento como se fossemos uma só, um corpo só.

Era tudo que eu precisava naquele momento, esse apoio, esse pegar, na mão e dançar juntas. Esse gesto eu levei pra além daquele momento. Entendi que não estava só. E assim, os meses foram passando, a cada ensaio o agogô ia se tornando cada vez mais parte de mim, o som, os cantos me movimentavam, eu ia me sentindo parte dessa aldeia agogô que integra esse quilombo chamado Ilú Obá De Min.

Havia disputas pela primeira fileira, tocar na frente, aparecer nas fotos, Sossô, a coordenadora mediando os conflitos. Outras eram tímidas, principalmente as recém-chegadas. Mas havia descontração na leveza de Ana Paula Maia tocando pra Oxúm, alegria no sorriso de Isabela Santos e sua piscadinha de cumplicidade. Na paciência da Renata auxiliando na organização e muitas mais.

Me senti acolhida, a pedagogia do diálogo se expressava bem, Cris Blue com toda a seriedade sempre tem um jeito carinhoso de chamar atenção para o compromisso, frequência assídua nos ensaios, decorar as composições, evitar os atrasos (hoje em dia tem até meme disso), sua gíngua e afetividade agrega e tudo flui.

Após os ensaios, outro momento bom, ir pro bar, ou para as escadarias da praça Roosevelt. Era o momento da conversa descontraída, da breja, do samba sem compromisso, contudo, compromissado. Hora de conhecer um pouco de cada uma pra além do Ilú, do naípe; o encontro internaípes, aproximar as ideias. Conhecer Sabrina do Xequerê, Carol Santos da Dança. Circular nesse cosmo, entre estrelas de muitas grandezas, seus passos vinham de longe, outras recém-chegadas como eu.

Não era tudo tranquilo, muitos conflitos internos, questionamentos, bloco afro também lida com racismos, sexismos, preconceitos de toda ordem, como já mencionei, mas acompanhar os movimentos das coordenadoras: Baby Amorim, Wanda, Sossô, Mazé, Cris Blue, Roberta Silvana, Cris,

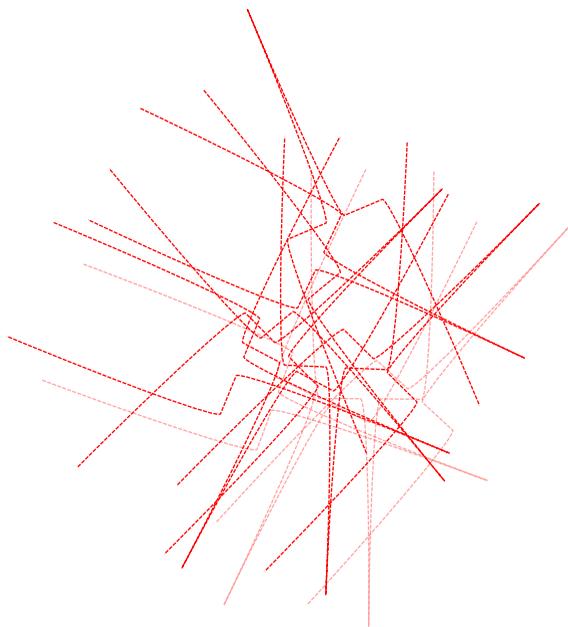
Nega Duda, sob a presidência e regência de Beth Beli, para viabilizar o projeto, colocar o bloco na rua, me tirava da condição de admiradora, um olhar de fora, para o lugar de respeito, reconhecimento e principalmente de fala. Fazer parte da harmonia em 2014 me aproximou um pouco, agora eu era integrante, participando de todo o processo, dessa construção, e sentindo as agruras de uma ação independente de mulheres.

Ilú Obá De min é um movimento social, ação de mulheres que se movimenta para dentro e fora, assim como chama a sociedade à reflexão, promove reflexão interna. Nada tranquilo, cheio de contradições, espaço de afirmação da identidade, cultura e religiosidade negra.

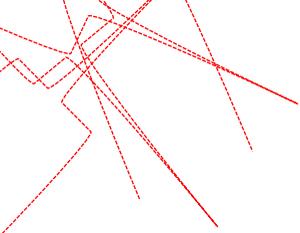
No dia do cortejo se juntar no apartamento da Melissa, a Mel, se arrumar, uma arrumar a outra, compartilhar maquiagens, acessórios, se alimentar coletivamente, se preparar para o cortejo, boa lembrança.

Eu estreando no cortejo. Foi uma pausa no furacão em que eu me encontrava. Minha alma despojou-se de tudo para

tocar e cantar para os orixás. Para cantar nossas histórias, de nossas ancestrais, reverenciar Carolina Maria de Jesus. No centro da cidade de São Paulo, tão racista, tão excludente na sexta feira, Ilú Obá De Min abrindo o carnaval de 2015. Laroyê Exú, Agô, Agô. Agogôs, xequerês, djembés, alfaias, mãos de mulheres, vozes negras, corpos de dança, Orúm na terra, e eu uma delas, estava ali, parecia um sonho. Realidade. Agradeço. Axé!



Célia Reis



Aprendizado e conexão com o passado

Um pequeno bloco de mulheres instrumentistas se concentrava na Rua Santo Antônio, na Bela Vista, para depois seguir em cortejo pelas ruas do bairro até o centro da cidade. Durante muitos anos, não perdi nenhum cortejo do Ilú Obá De Min, chovendo ou não, estávamos lá, era um compromisso quase sagrado. Fui percebendo que a cada ano aquele pequeno bloco crescia e se transformava. A Rua 13 de maio, ficou "pequena" e então, o Ilú foi conquistando novos espaços urbanos para acolher um público que também aumentava.

A cada ano as integrantes se apresentavam com figurinos mais bonitos, mais elegantes e mais ricos (não falo de riqueza material e sim o dos detalhes, dos acessórios). E assim, ano após ano, o meu encantamento e admiração pelo Ilú cresciam, mas ainda não me sentia confiante para fazer parte do grupo. O Ilú era pra mim um mundo distante e inatingível.

Quero destacar o Carnaval de 2015, em que o Ilú homenageou a escritora Carolina Maria de Jesus. Quando chegamos ao Vale do Anhangabaú não acreditei no que via: uma imensidão de pessoas ali estavam para acompanhar o bloco, compreendi naquele momento a sua grandeza e magnitude em manter viva a cultura afro-brasileira e ainda colocar em evidência personagens femininas inteligentes, fortes e potentes. Eu não sabia quem era Carolina Maria de Jesus, nunca tinha ouvido falar. Em 2016, trabalhava em uma área da Secretaria

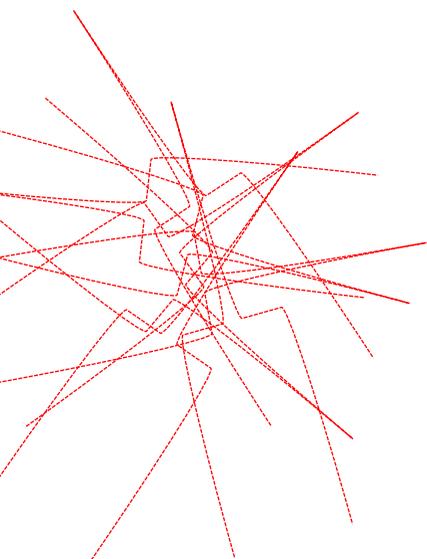
Municipal de Políticas para as Mulheres e o trabalho de grupos de empoderamento das mulheres era o nosso foco. Fui me aproximando e conhecendo como funcionavam os processos nesse grupo que dá poder e fortalece centenas de mulheres, abrindo espaço para que elas possam tocar instrumentos e, melhor ainda, não necessariamente precisam ter alguma experiência anterior. É o meu caso. Criei coragem e há dois anos faço parte do Ilú Obá De Min. Dois anos de muito aprendizado. Dois anos em que a palavra ancestralidade entrou muito forte na minha vida e, a partir daí, tantos questionamentos foram surgindo, tantas coisas para apreender e fortalecer.

Os ensaios são um capítulo à parte. Tocar, dançar, cantar, sorrir e ainda prestar atenção na nossa maestra Bete Beli, tudo ao mesmo tempo. Foi tenso o primeiro ano, no segundo ano já não sofri tanto. Conheci tantas mulheres fortes e amorosas dentro e fora do agogô e uma dessas mulheres faz parte de um dos momentos mais emocionantes para mim (entre tantos outros emocionantes) do processo de carnaval: Nega Duda iniciando os Xirês: "Ilú Obá De Min, Carnaval 2020". O coração bate mais forte, a tensão aumenta e os meus problemas deixam de existir por algumas horas.

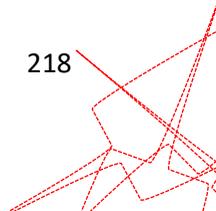
Fazer parte desse grupo significa pra mim muito aprendizado, me conectar com o meu passado, com os meus ancestrais, resistir e lutar, mais do que nunca, nesse momento em que está em curso nesse país um retrocesso em vários aspectos.

Um momento em que a posse de armas é mais importante do que a posse de livros.

“Somos resistência, meu Pai Oxalá. As histórias dos meus ancestrais me formaram consciente” Gilrei Miranda.



Edleide Ramos de Souza



Viva a força agregadora, feminina e feminista do Ilú!

Quando vi pela primeira vez o Ilú, em 13 de maio de 2015, foi um encontro avassalador, tanto quanto as grandes paixões. Ouvi de longe o som dos tambores e corri pra ver quem era, como no samba da Velha Guarda da Portela. Subi a Rua Treze de Maio e deparei com aquela multidão de mulheres vestidas de branco, cantando, tocando e dançando para os orixás. Foi como entrar em um filme, me transportar para fora de São Paulo, para a Bahia, estar de repente em Salvador. Uma imagem que nunca vou esquecer. Saí dali decidida a descobrir mais sobre o bloco que, como me contaram naquele dia, tocava tambor para o rei Xangô. E já com a certeza de que nunca mais perderia aquela apresentação anual.

Meses depois, no carnaval seguinte, lá estava eu, a postos, na Praça da República, para assistir ao cortejo em homenagem a Elza Soares. Sob uma chuva torrencial, candidatei-me a integrar o cordão que protege o bloco, em uma das mais emocionantes experiências da minha vida. No cordão se pode ouvir bem a bateria e acompanhar de perto todo o cortejo, perceber toda a força, a energia e a beleza do espetáculo. Eu recomendo a todos os meus amigos que façam isso um dia. Também me impressionou muito o fato de que o cordão era composto de pessoas de mãos dadas, bem diferente das cordas que tradicionalmente isolam os blocos do

público no Carnaval. E foi lá, conversando com a mulher que pegou minha mão, que descobri que eu poderia participar do Ilú e lá aprender a tocar.

O começo foi muito angustiante, um território novo, pessoas desconhecidas, a insegurança que me acompanha a vida toda quando entro em ambientes públicos e o receio de não conseguir. Logo no primeiro dia recebi um abraço, fui muito bem acolhida, as veteranas pararam ao meu lado pra me ensinar e incentivar. Eis que após alguns ensaios eu estava tocando e algum tempo depois até mesmo fazendo a coreografia do naipe com naturalidade.

Os ensaios despertaram em mim a musicalidade que eu já tinha quando dançava e que agora se expressa no agogô, um instrumento fundamental na cultura do candomblé - a minha cultura - e essencial na tradição afro-brasileira. O Ilú me proporciona semanalmente o contato com o sagrado, cujo poder curativo é imenso e imprescindível na minha vida. Perdi a conta das vezes em que saí de casa exausta, praticamente me arrastei até o metrô, com dores no corpo e na alma. Mas, ao ouvir o toque de Exu, fui invadida por uma energia crescente que se estendeu durante todo o Xirê, e ao final, segui plena pra casa, sem dores, pra dormir um sono tranquilo.

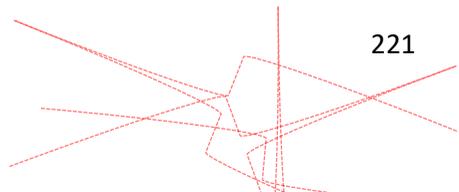
O agogô é o espaço mais agregador que tive a chance de conhecer. Para mim, foi a combinação de vários encontros. A oportunidade de retomar com garra a minha luta feminista

e antirracista que, desde que adquiri consciência sobre o racismo e o machismo, tem sido o meu principal combate. De encontrar de novo militantes da minha geração e que tiveram experiências parecidas para chegar até aqui. E também de conhecer jovens que tiveram formação diferente e me apresentaram outros temas do feminismo negro, com as quais eu aprendo todo dia.

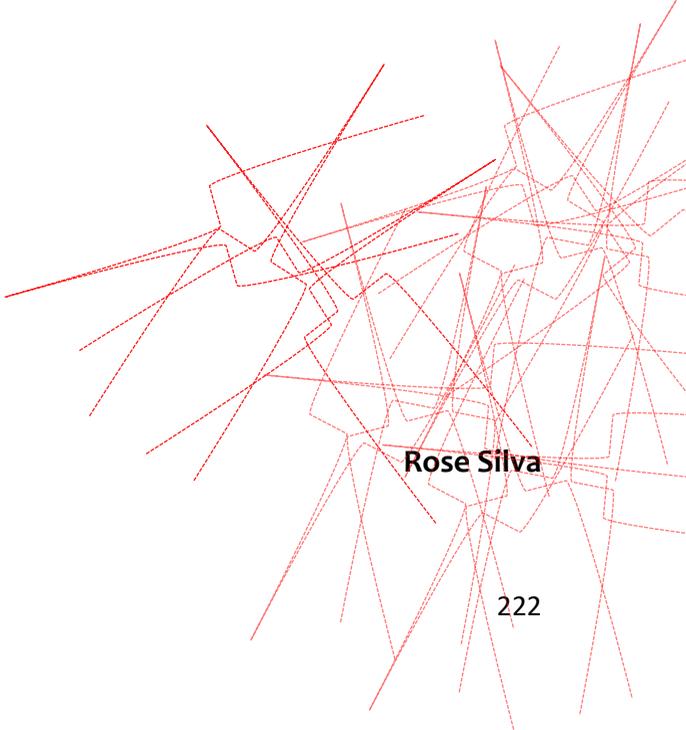
Quando vejo mães com crianças no ensaio eu sempre penso: se essa menina já está no Ilú com esta idade, imagine onde estará aos 30 anos! Que potência a dessas meninas! E que importante para as mulheres que são mães poderem levá-las, pois em geral têm muito menos oportunidade de participar da vida social, política e cultural.

Eu também me emociono muito com a visão de idosas no canto, na dança e na bateria, na mesma luta, com o mesmo objetivo daquelas meninas. Por um tempo eu lamentei ter demorado tanto pra conhecer o Ilú. Mas agora penso: que bom que eu entrei, tenho o resto de minha vida para estar com elas.

O ano de 2019 foi pra mim um ano de muitas perdas. Eu enterrei minha mãe em janeiro e, na mesma semana, participei do ensaio, onde tocamos pra ela seguir em paz com Iansã. Naquele dia recebi abraços apertados e embargados de mulheres que nem conheço pelo nome, que me procuraram simplesmente porque o nosso afeto é potente. O Ilú



representa pra mim a força do movimento e sua continuidade.
“Nós somos o movimento, o mundo se move em nós”. Viva a
força agregadora, feminina e feminista do Ilú!

An abstract drawing composed of numerous thin, red lines that intersect and overlap to form a complex, web-like structure. The lines vary in length and orientation, creating a sense of dynamic movement and interconnectedness. The overall shape is roughly triangular, pointing towards the right side of the page.

Rose Silva

Eu, O Ilú e a rua...

Antes era eu...

Eu na luta

Eu na escola

Eu em casa

Eu na comunidade... Grajaú

Na luta me juntei a outras companheiras

Na escola me juntei a outras famílias, aos educadores e educadoras, às

Crianças

Em casa me juntei às minhas filhas e irmãs

Na comunidade me uni às mulheres, aos jovens, aos trabalhadores e às

Trabalhadoras

Já não cabia só em casa

Não cabia na escola

E a comunidade me fez ver novos caminhos

Fui pra rua:

Alfabetização popular,

Luta das mulheres da periferia

Movimento do custo de vida,

Diretas já,

Lula lá...

Ocupamos as ruas
Ocupamos Brasília
Ocupamos o brasil

Nessas andanças e ocupações conheci o Ilú Obá De Min

Acompanhando os cortejos vi mulheres incríveis,
encantadoras...

Carolina Maria de Jesus me empurrou pra dentro desse
redemoinho

O que era aquilo, que potência, que força, que riqueza de
saberes...

E Elza veio pra me chacoalhar
Me fez rever valores apreendidos na infância
Rompeu meus pré-conceitos

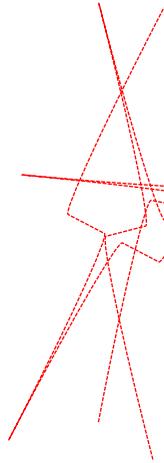
A rua se fez quintal, sala de aula...

Nossos corpos cresceram e ocuparam os espaços da cidade
encontrei as minhas
Encontrei as minas
Encontrei as manas

Estar com elas me fortaleceu

Me deu coragem
Me fiz resistência

O ferro do agogô abre caminhos na multidão, pede licença
àqueles que tem a
Rua como morada...
Juntamo-nos aos nossos!
Ocupamos e vamos dominar!



Sonia Maria Vieira Dos Santos

Um conjunto de forças femininas

Faz 2 anos que eu toco agogô no Ilú. Comecei porque minha mãe já tocava há 1 ano agogô do Ilú também. Entrei sem fazer a menor ideia de como iria ser, já havia assistido no domingo, o cortejo de 12 anos, mas foi difícil o acesso e eu era mais nova, então fiquei cansada rápido e logo fui embora.

Enfim fui no primeiro ensaio, por já ter uma familiaridade com instrumentos musicais e com a maravilhosa ajuda de Ana Luisa, fui começando a pegar os toques.

Ana Luisa me ajudou muito, não só ela como outras mulheres incríveis que conheci neste lugar. Foi muito importante conhecer diferentes mulheres cheias de brilho e potência, que vieram de lugares tão espalhados e que vivem de maneiras tão diferentes. Este conjunto de forças femininas trouxe aos ensaios uma energia que nunca havia sentido em outro lugar. A energia do poder da música, do afeto e da sororidade.

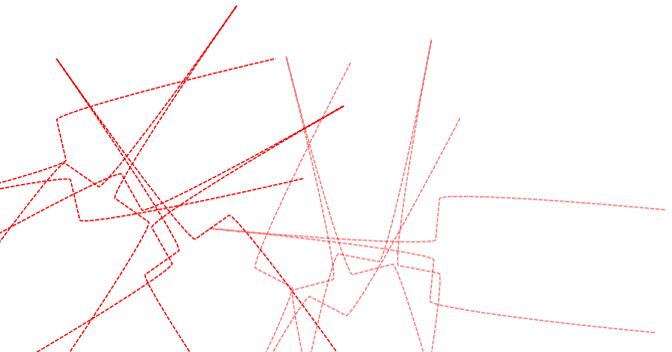
Foi a partir da ajuda destas energias que eu pude sair no carnaval de sexta e domingo, sabendo cantar, dançar e ainda com um sorriso e sentindo-me imensamente grata. Grata por ter a oportunidade de sentir isso, ter acesso a ideias tão diversificadas e por conseguir reconhecer o meu lugar diante a tudo isso.

O Ilú é um bloco de arte e cultura negra e também sou muito agradecida por terem me deixado ocupar o lugar que estou agora. Reconheço o poder que as que estão à minha volta têm e devem ter. Eu não passo por isso, mas consigo perceber as dificuldades que estas passam. Consigo ouvir e saber qual é o meu lugar de falar e sobre o que posso argumentar. Isso é

muito importante para mim. A partir de inúmeras discussões, aprendi a argumentar e saber ouvir. O Ilú me preparou para várias coisas e me deixou muito consciente de outras.

Neste ano sinto que me envolvi menos no processo do que no ano passado. Comecei a sair mais com meus amigos e ter outras questões, como minha mãe diria "começou a adolescentar", e até cogitei a ideia de sair. Mas depois de muita reflexão e conversas com minha mãe, eu decidi que iria ficar, ou pelo menos ficar durante este ano e, se não quisesse mais, iria sair no ano seguinte. E acho que não poderia ter feito melhor decisão. Faltei vários ensaios, demorei mais tempo para decorar as letras e foi um pouco aperto, mas não sei o que seria do meu carnaval, não sei o que seria meu início de ano, sem os dois dias do cortejo, que foram tão diferentes entre si, mas trouxeram uma mistura de sentimentos tão bons!

Então penso que a palavra que mais se encaixa no meu processo neste bloco, é Gratidão. Gratidão por poder aprender e saber transmitir estes aprendizados. Por me tratarem tão bem, me fazer sentir tão acolhida. Gratidão por tudo, por conseguir enxergar o diferente. Gratidão por ter forças femininas tão incríveis perto de mim. Gratidão por ter a oportunidade de sentir e ter esta energia. E por poder sair tendo uma visão diferente deste mundo e realidade em que vivemos, sabendo reconhecer o meu lugar diante disso.

An abstract drawing consisting of numerous thin, red, overlapping lines that form a complex, web-like structure. The lines are scattered across the bottom left and center of the page, creating a sense of movement and interconnectedness.

Renata Rossi



Ilustração de Raquel Santos



Primeiro ensaio do carnaval 2019
Setembro de 2018
Foto: Vanderlei Yui



Ensaio do carnaval 2019
Janeiro de 2019
Foto: Vanderlei Yui

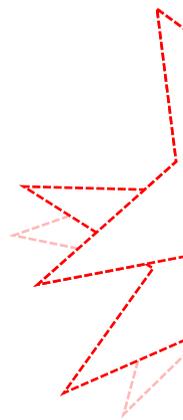


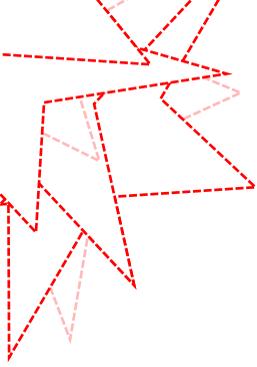
Cortejo de Carnaval
Março de 2019
Foto: Vanderlei Yui

PARTICIPANTES DO AGOGÔ NO CARNAVAL 2019

Adriana Andrade Antônio
Alessandra Santos de Oliveira
Alessandra de Castilho Magalhaes
Alicia Angelo Valvassori
Alicia Ayo dos Santos
Aline Oliveira
Aline Gueiros da Silva
Aline Mariano
Amanda Dias
Ana Ximenez Goldfarb
Ana Lucia de Camargo
Ana Luiza de Oliveira Andrade
Ana Paula Evangelista Neris
Ana Paula Silva Fernandes
Ana Paula Souza Soares
Ana Paula Mendonça Ferro
Andreia Teixeira Batista
Ariane Do Carmo Silva
Arleide Souza
Ayoluwa Ba-Senga Mendonça Ferro
Beatriz Mendes
Beatriz Carmo
Bruna Lais de Souza Silva
Camila Domingos da Silva Patrone
Camila Teixeira Durval Oliveira
Carla Francine Ribeiro Sotonyi
Carolina Pedrosa
Carolina Gomes Ferreira Giannini
Carolina Michaela Torelli
Célia Silva

Clariana G. Barbosa
Clélia Rosa
Cléu Sampaio
Cristiane Alves dos Santos
Daiane Aparecida Isidoro Pettine
Daniele PereiraSilva
Deyse Cristina Neves
Edleide Ramos De Souza
Elaine Santana Soares
Elina Elias De Macedo
Elisiane Santos
Eloisa Rosa
Fabiana Pereira Xavier
Fabíola Cristina Silva
Fernanda Izidio de Oliveira Cimino
Fernanda Cabral de Melo Oliveira
Flora Fagundes Gusmão
Gabriela Xavier Arantes
Generosa Maria Sousa Lima
Gisele Monteiro
Giselle A. de Paula Oliveira
Graziele Joyce de Souza
Helen de Carvalho Fagundes
Isabella Santos
Jaqueline David
Jessica Domingos
Jéssica da Silva Nunes de Macedo
Jessica Siqueira
Joana Santos Rolemberg Côrtes
Josi Lima
Joyce Aparecida Santos
Juliana Paula Rosa
Juliana Rodrigues de Oliveira





Juliana Vieira
Juliana de Sousa
Karine Nascimento dos Reis
Kátia Trindade
Kátia Tabata Gonçalves
Keyla Santos Bento
Laniela de Jesus Feitosa
Lígia Rodrigues
Lilian Abdalla
Lina Sibar
Luana Cristina Valvassori
Luciana Borba Alvares
Luíza Marini
Luzia Souza Porto
Maíra Cavalcanti Rocha
Maíra Custódio Berutti
Majory Cristine Oliveira Marcelino
Marcela Jesus
Maria Aparecida Ferreira da Cunha
Maria Cristina Silva
Maria Fernanda da Silva
Maria Luíza Alves de Lima
Maria Vitória Ortegosa de Figueiredo
Mariana Inglez
Marianna Rodrigues
Marina Xavier
Michelle Chaves da Silva
Milena Alves
Nayara Silva
Palomada Silva Nunes de Macedo
Paula Caroline Souza Santos
Priscila Fonseca
Priscila Erica Estevão

Rafael de Barros Dirschnabel
Raquel Santos
Raquel Pereira da Silva
Raysa Oliveira da Silva
Rebeca Figueiredo Amorim
Renata Martins dos Santos
Renata Braga
Renata Balbino
Rosana de Oliveira Nascimento
Rosana Inácio
Rosemeire Silva
Samara Souza
Sandra Maria Oliveira
Sonia Maria Vieira dos Santos
Sônia Regina Parma Galvão
Teresa Rossi
Thabata Bernardes
Thais de Sá
Vanessa Cristina Teixeira dos Santos
Yara Trindade Fiais



Direção Musical Geral
Beth Beli e Mazé Cintra

Produção
Baby Amorim

Administração
Wanda Santos

Coordenadoras de Naípe

Agogô - Sossô Parma, Cris Blue e Daiane Pettine

Canto - Nega Duda e Janaína Cunha

Dança - Cristiane Gomes, Cibelle de Paula e Andreia Alves

Djembê - Bárbara Magalhães, Jackie Cunha e Nenê Cintra

Xequerê - Silvana Santos, Nanci Saran, Lenita Sena e Helisa Quinto

Pernaltas - Mafalda Pequeno